



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA**

IVETE MARIA SANTOS OLIVEIRA

**DO VAPOR AO SAPATINHO:
ORGANIZAÇÃO DAS QUADRILHAS E GERENCIAMENTO DE
VÍTIMAS DE ROUBOS A BANCO.**

Salvador – Bahia
2007

IVETE MARIA SANTOS OLIVEIRA

**DO VAPOR AO SAPATINHO:
ORGANIZAÇÃO DAS QUADRILHAS E GERENCIAMENTO DE
VÍTIMAS DE ROUBOS A BANCO.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Saúde Coletiva.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Paes Machado

Salvador – Bahia
2007

O45 Santos- Oliveira, Ivete Maria.

Do vapor ao sapatinho: organização das quadrilhas e gerenciamento de vítimas de roubos a bancos. Salvador: UFBA, 2007.

139f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia – Instituto de Saúde Coletiva, 2007.

Orientação: Prof. Dr. Eduardo Paes Machado

1. Violência Urbana 2. Assaltos 3. Bancos (Instituição) 4. Seqüestros
5. Vitimização I. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Saúde Coletiva II. Machado, Eduardo Paes III. Título.

CDD 312.46 21.ed.

IVETE MARIA SANTOS OLIVEIRA

**DO VAPOR AO SAPATINHO:
ORGANIZAÇÃO DAS QUADRILHAS E GERENCIAMENTO DE
VÍTIMAS DE ROUBOS A BANCO.**

Banca Examinadora:

Prof. Dr Sérgio Franca Adorno
Universidade de São Paulo (USP)

Profª Drª Ceci Vilar Noronha
Instituto de Saúde Coletiva da Universidade
Federal da Bahia (ISC/ UFBA).

Orientador: Prof. Dr Eduardo Paes Machado
Instituto de Saúde Coletiva da Universidade
Federal da Bahia (ISC/ UFBA).

Salvador – Bahia
2007

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todos os entrevistados, cujas histórias não foram fáceis de relatar, pela disponibilidade, atenção e respeito com que fui tratada e aproveito para me desculpar por ter tocado em assuntos tão delicados, que causam sofrimento para todos, mas fiz na certeza de estar abrindo *a caixa preta do crime* e dar visibilidade a um grave problema.

Agradeço ao meu marido, Cláudio, e meus filhos, Rodrigo e Paloma, pela paciência e pelos momentos de carinho e atenção, cujo clima de afeto contrastavam profundamente com as informações que eu obtinha durante a pesquisa, tornando menos sofrido o meu trabalho de campo.

Agradeço aos meus irmãos pela possibilidade de conviver com as diferenças desde cedo e por me proporcionarem o contato com o lúdico, despertando em mim a possibilidade de criar e de extrair verdadeiras lições de carinho e compreensão. Em especial à minha irmã Iara, que em diversos momentos fez as vezes de mãe, me deixando livre para realizar meu trabalho.

Agradeço aos meus pais, por serem exemplos de integridade, honestidade e humildade.

Agradeço ao meu orientador, o professor Eduardo Machado, pela confiança, dedicação, entusiasmo, e principalmente pela paciência, realizando a árdua tarefa de lapidar um papel de pesquisadora, em uma técnica de saúde com formação médica, ao que espero ter conseguido corresponder.

Agradeço à professora Ceci Noronha pela delicadeza, receptividade, atenção e entusiasmo demonstrados pelo meu trabalho, constituindo-se uma grande fonte de estímulo para mim.

Agradeço à professora Mônica Nunes pela gentileza e disponibilidade demonstrados ao meu trabalho, principalmente nos momentos difíceis.

Agradeço ao professor Jorge Iriarte que sempre se mostrou interessado e incentivou a realização desse trabalho.

Agradeço a Paulo Argolo, Dr. André Barreto, Sr. Elias, Sr. Guedes, Sr. Jair, e demais colegas que abriram as portas das instituições penais, sem restrições, me ajudando a pensar em melhores estratégias para conseguir realizar a pesquisa com a riqueza de informações que acredito ter conseguido reunir no trabalho.

Aos meus colegas da CASSI que muito contribuíram, ajudando a responder algumas questões e levantando novas e, principalmente Maria da conceição Rebouças, cuja ajuda, entusiasmo e crédito no trabalho constituíram fontes de um grande estímulo.

Aos colegas do serviço de acompanhamento dos crimes contra a instituição bancária, cujo conhecimento acumulado, gentileza e desprendimento no trato com as informações permitiram avanços importantes no trabalho.

Às colegas: Angélica Riccio e Ana Márcia Duarte pela ajuda e incentivo.

Finalmente, agradeço aos demais colegas, professores e funcionários do ISC e, em especial, a Anunciação e Jacinéia que sempre se mostraram gentis e atenciosas.

“Quem escreve sobre a sociedade sem querer perder de vista as relações sociais e seus paradoxos não pode construir casamatas, mas cabanas, barracos e choças, moradas feitas de grandes espaços abertos, destinados à boa comida e à nobre cerveja com os amigos, dentro daquelas conversações onde se ama o que se fala e se desculpa toda veemência que acompanha uma eventual descoberta de algum aspecto da sociedade e da cultura onde se vive. Mas, devo confessar a bem da verdade, já fiz também minhas muralhas da China, embora deva dizer que nunca tive muito pendor para fazê-las muito altas ou muito largas. Daí ter tido meus quintais invadidos, minhas portas forçadas e minhas janelas, às vezes devassadas”.

Roberto DaMatta

Resumo

O objetivo deste trabalho é conhecer a atuação de quadrilhas de assaltantes e seqüestradores que vêm vitimizando agências de banco e trabalhadores bancários do estado da Bahia. Estas quadrilhas são analisadas nos aspectos da organização, modos de atuação e técnicas de gerenciamento de vítimas. Foram realizadas 40 entrevistas: 26 com assaltantes presos (incluindo 2 mulheres), 10 com bancários vítimas destes crimes, 3 com funcionários do núcleo de segurança do banco e 1 com um delegado de polícia. Dada à classificação internacional dos assaltantes em profissionais, intermediários e amadores, o estudo evidencia a preponderância dos profissionais na amostra estudada. O profissionalismo das quadrilhas brasileiras, que pode ser explicado pela disponibilidade de elevados volumes de dinheiro nas agências retalhistas, se manifesta no agenciamento de recursos, no planejamento meticuloso das ações e no uso instrumental da violência para lograrem os seus objetivos. O trabalho discute as relações entre as quadrilhas e os bancários que operam as agências, levando em conta os tipos, formas e efeitos imediatos da violência empregada nas modalidades do assalto e da extorsão por meio de seqüestro. Conclui defendendo a melhoria da segurança das agências bancárias por meio da redução do numerário disponível e da incorporação de novos dispositivos de proteção do patrimônio e dos funcionários.

Palavras chave: assaltos, bancários, organizações criminosas, seqüestros, violência, vitimização.

Abstract

This study is aimed at approaching the operation of gangs of bank robber and kidnapers who have been victimizing bank offices and bank workers in the State of Bahia (Brazil) by analyzing their organization, *modus operandi* and victim management techniques. Forty interviews were carried out with 26 imprisoned robbers (including two female ones), 10 victimized bank workers, 3 members of the bank security unit personnel and 1 police chief. Based on the international classification of criminals as professional, intermediate and amateur, professional criminals were found to be prevalent in the sample under study. Such professionalism in Brazilian robber gangs may be explained by the availability of high financial resources in retailing agencies and is evident in resource allocation, careful action planning and instrumental use of violence to accomplish their goals. The relations between gangs and bank office workers are discussed by taking into account the kinds, ways and immediate effects of violence employed in robberies and in extortion through kidnapping. As a conclusion, this study urges that bank office security be improved by both reducing available cash assets and implementing new protective devices for bank property and employees.

Key words: robberies, bank workers, criminal organizations, kidnapping, violence, victimization.

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS E DIAGRAMAS

Tabela 1 Tabelas com os dados gerais da amostra dos assaltantes de banco 40

Tabela 2 Perfil das Instituições bancárias do Brasil de 2000 a 2005 53

GRÁFICOS

Gráfico 2.1 Distribuição por faixa etária 35

Gráfico 2.2 Idade de início na atividade criminosa 36

Gráfico 2.3 Grau de escolaridade 37

Gráfico 2.4 Uso de substâncias psicoativas 38

Gráficos 2.5 Ocupações 39

Gráfico 3.1 Taxa de roubos a banco no estado da Bahia de 1990 a 2006 44

Gráfico 3.2 Número de assaltos de 2001 a 2005 na Bahia e Sergipe 45

Gráfico 3.3 Taxa de assalto e seqüestro por agência no estado da Bahia de 2001 a 2005 46

Gráfico 3.4 Número de vítimas atendidas de 2001 a 2005 47

Gráfico 3.5 Distribuição da população assistida de 2000 a 2005 48

Gráfico 5.1 Frequência dos roubos por período do mês 77

DIAGRAMAS

Diagrama 1 Esboço da agência 93

Diagrama 2 Esboço da ocupação inicial da agência 94

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 METODOLOGIA.....	24
3 CONTEXTUALIZANDO O PROBLEMA.....	41
3.1 OS CRIMES CONTRA A INSTITUIÇÃO BANCÁRIA.....	41
3.2 OS NÚMEROS DOS ASSALTOS E SEQÜESTROS.....	43
4 CARACTERIZAÇÃO DOS ASSALTANTES DE BANCO	49
4.1 MOTIVAÇÃO.....	49
4.2 LIDERANÇA	54
4.3 ESCOLHA E RECRUTAMENTO DE PARCEIROS	57
4.3.1 O papel das mulheres nas organizações criminosas	63
4.4 FORMATO DIVERSIFICADO DAS ORGANIZAÇÕES.....	65
5 MODOS DE ATUAÇÃO.....	76
5.1 DO VAPOR AO SAPATINHOO	76
5.1.1 As formas do sapatinho e o sapatinho que vira vapor	80
5.2 SELEÇÃO DO ALVO	83
5.3 PLANEJAMENTO.....	87
5.3.1 Planejando invadir a agência	92
5.3.2 Planejando capturar o gerente	95
5.4 CUSTOS DAS INVESTIDAS CRIMINOSAS.....	96
5.5 ARMAS DE FOGO.....	101
5.5.1 Obtendo armas novas.....	101

	12
5.5.2 Uso de armas de terceiros: empréstimo ou aluguel?	102
5.5.3 Aprendendo a manejar armas	104
5.5.4 Transporte das armas para uso imediato	105
5.5.5 Posse e uso de armas	106
5.5.5.1 Uso de armas nos assaltos	109
5.5.5.2 Uso de armas nos seqüestros	111
5.5.6 Guarda das armas	113
6 ROUBOS AOS BANCOS E VITIMIZAÇÃO	114
6.1 A ARTE DA VIOLÊNCIA NA INTERAÇÃO COM OS BANCÁRIOS	115
6.2 A INTERAÇÃO COM OS BANCÁRIOS NO VAPOR E NO SAPATINHO.....	117
6.3 CIRCUITO AMPLIADO DE RISCO	119
6.3.1 Circuito ampliado de risco no vapor	119
6.3.2 Circuito ampliado de risco no sapatatinho	120
6.4 A VITIMIZAÇÃO DOS ASSALTANTES E SEQUESTRADORES	125
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
8 REFERÊNCIAS	131
ANEXOS	136
QUADRO 1 Entrevista com os assaltantes: tópicos principais.....	137
QUADRO 2 Entrevista para os bancários: tópicos principais.....	138
QUADRO 3 Roteiro de entrevista para os funcionários do serviço de acompanhamento dos roubos aos bancos e para o delegado de polícia.....	139
QUADRO 4 Termo de consentimento Informado.....	140

1. INTRODUÇÃO

O objeto deste trabalho está inserido no capítulo de agravos ao trabalhador no exercício de sua função, ou relacionados a ela, e se reporta a uma interação mais complexa: o trabalhador e os elementos envolvidos na esfera criminal. O campo de estudo do mesmo envolve diversas áreas do conhecimento, que têm em comum os crimes e a vitimização em decorrência destes.

O estudo partiu do conhecimento da violência relacionada ao trabalho, transitou pelo processo de construção da identidade do indivíduo, a partir das experiências com o trabalho, a organização a que pertence, e a vitimização, ressaltando-se nela a interação com os agressores, durante os assaltos ou seqüestros (ZEDNER, 1994; ROCK, 2002).

Avançou no sentido de transpor uma distância disciplinarmente criada, através da construção de uma ponte que permite conhecer o outro lado da violência relacionada ao trabalho, que são as redes de significados em que estão inseridos os perpetradores, atores sociais de extrema importância, visto que, sem os mesmos, não existiria o que denominamos de crime, ou delito. Nesse sentido, conhecê-los significa enxergar um delito enquanto fato social dinâmico, em que múltiplas identidades, aparentemente fixas, interagem; e apreender um fenômeno extremamente complexo em suas diversas nuances.

A Violência Relacionada ao Trabalho constitui um tipo de violência definida como: “uso ou ameaça de uso da força física com a finalidade de causar danos ao trabalhador, incluindo as ameaças, declarações ou comportamentos que, ainda que não tenham impactos físicos, podem desencadear processos que afetem a saúde e o bem-estar dos envolvidos” (NIOSH, 1996).

Numa contextualização mais ampla: “todo incidente ou situação em que as pessoas são vítimas de comportamentos ameaçadores ou ataques danosos em circunstâncias ocorridas no trabalho ou relacionadas a ele, que impliquem risco explícito e implícito sobre a segurança e o bem-estar do trabalhador” (CGSST, 2001; LEATHER et al., 1999).

Existem várias classificações para a violência relacionada ao trabalho, entre elas, considerada por Santos Júnior e Dias (2004) como a mais adotada na literatura, proposta em 1995, pela *Division of Occupational Safety and Health* do *Departament of Industrial*

Relations, que agrupa os eventos violentos no local de trabalho em três tipos, em função da natureza da relação entre os envolvidos:

Tipo I: os indivíduos envolvidos não têm nenhuma relação entre si. Exemplo: atos violentos com intenção de roubo. Considerados casos de maior gravidade e de piores conseqüências para a vítima. Configurando a forma de violência sofrida pelo trabalhador bancário abordada neste trabalho.

Tipo II: existe algum tipo de relação profissional entre agressor e vítima. Exemplo: pacientes, clientes, consumidores. É considerado pelos autores como o tipo mais habitual para o trabalhador, com conseqüências mais leves para a vítima.

Tipo III ou interna: o agressor tem algum tipo de ligação com o local de trabalho ou com a vítima. Exemplo: brigas entre colegas de trabalho, parentes, no local de trabalho.

A violência relacionada ao trabalho, tipo I, tem como população de risco o trabalhador ativo, e, em revisão da literatura sobre o tema, realizada por Santos Junior e Dias (2004), foram levantadas algumas situações que podem explicar esse risco: alta prevalência de indivíduos portando armas no local de trabalho, presença de dinheiro ou valores, movimentação de pessoas, sem restrição, trabalho solitário, em local isolado e em áreas de alta criminalidade.

As circunstâncias acima têm em comum constituírem-se oportunidades para o crime, pois oferecem grandes chances de êxito, pela disponibilidade de ganho de somas em dinheiro com pequena resistência da vítima ou obtenção de armas sem custo adicional (com a compra), que serão usadas em outras empreitadas.

A possibilidade de a violência gerar danos à saúde do trabalhador constitui um consenso na literatura específica, cujos dados disponíveis são, em sua maioria, relativos à mortalidade, que tem relevância para esse trabalho, pois ajudam a esclarecer parte dos eventos que compõem o cenário aterrador da violência por causas externas, principalmente sob a rubrica dos homicídios de adultos jovens, dadas as ocorrências de eventos fatais em trocas de tiros entre policiais e assaltantes.

Segundo Minayo:

Os homicídios, com baixas taxas nos países europeus (e em crescimento na América do Norte), representam, aqui, dentre as causas que conformam a classificação da violência, as que mais se elevaram nos últimos anos, liderando a tendência crescente das causas externas na mortalidade geral. (MINAYO, 1994, p.10).

Em contrapartida, os dados sobre morbidade, sob a rubrica da violência, são mais difíceis de serem obtidos que os de mortalidade, em função do número reduzido de estudos

ligados ao tema, da dificuldade de notificação, da identificação da vítima, em alguns casos, e do contexto em que se desenvolve a agressão.

São freqüentes os denominados “*danos invisíveis à saúde*”, que são lesões que não resultam em morte ou dano físico, mas que oprimem as pessoas, as famílias, as comunidades e os sistemas de saúde no mundo inteiro (RELATÓRIO SOBRE VIOLÊNCIA E SAÚDE DA OMS, 2002). Tais danos são responsáveis por redução na capacidade para o trabalho e para a vida em comum, podendo levar à invalidez, utilização freqüente de serviços de saúde, altos índices de absenteísmo e outras conseqüências danosas.

Outro estudo que estabelece correlação entre violência no trabalho e danos à saúde foi realizado por França, Santos e Rubino (1998), em Salvador-Bahia, cuja amostra era constituída por cobradores de uma empresa de transporte coletivo, que revelou associação entre constantes invasões do local de trabalho pelos agressores, aumento da sensação de falta de controle sobre a função dos trabalhadores, ambivalência de status na hierarquia da empresa, levando a desajustes no desempenho do trabalho e surgimento de diversas formas de sofrimento.

Leva-se em conta que os assaltos e seqüestros incidem sobre trabalhador ativo, que está exposto a outras formas de risco à saúde em decorrência de fatores inerentes ao exercício de suas funções, como: fatores físicos e ambientais, relacionados à execução das tarefas, organizacionais, cognitivos, psico-afetivos, que, associados à violência relacionada ao trabalho podem representar fonte adicional de agravos à saúde do trabalhador (BUCASIO, 2005).

Segundo estudiosos das relações do homem com o trabalho, como Selligmann (1994) e Dejours (1992) tais fatores podem desencadear reações e alterações psicopatológicas compensatórias numa tentativa de suporte, nomeação e defesa. Esses mecanismos visam dar conta do abismo entre a prática laboral, enquanto exercida no mundo capitalista, e a condição da existência humana e suas necessidades: “O defeito crônico de uma vida mental sem saída, mantido pela organização do trabalho, tem provavelmente um efeito que favorece as descompensações psiconeuróticas” (DEJOURS, 1992, p.122).

O assalto é um evento marcante, caracterizando uma situação complexa, com forte tonalidade dramática, na qual interagem os agressores, que atuam com graus variados de motivação, experiência e sofisticação, e as vítimas, que apresentam formas distintas de vulnerabilidade e oportunidade para o crime, assim como os riscos e as respostas jurídico-penais de cada sociedade (CONKLIN, 1972).

Eles podem ser dirigidos aos estabelecimentos comerciais ou às pessoas, sendo que cada uma dessas situações apresenta especificidades na relação da vítima com o patrimônio e com o agressor. Quando o patrimônio em questão pertence à vítima, maiores são as possibilidades de resistência desta e, portanto, maior o risco de embate físico com os agressores podendo chegar a realizar tentativas desesperadas de resguardar o mesmo, aumentando as chances de uso efetivo de armas de fogo e de violência física (MATTHEWS, 2002; BAUMER, 1986).

Matthews (2002) aborda a questão das modificações na motivação dos agressores, assim como no perfil dos integrantes dos grupos de assaltantes. Estes são, na maioria das vezes, um misto de indivíduos habilidosos e experientes e outros impulsivos e inexperientes, que têm em comum o uso de armas de fogo, o que torna os assaltos em encontros incertos e arriscados para as vítimas.

Matthews (2002) em seu estudo sobre evolução dos assaltos com uso de armas de fogo, nos Estados Unidos, aborda o processo de mudança na forma como os roubos aos estabelecimentos comerciais são praticados no decorrer do tempo.

No período antes de 1920, o método adotado era quebrar barreiras de proteção e pegar rapidamente os objetos de valor ou dinheiro. Eram requeridas habilidades físicas mais manuais, pois envolviam pouco contato com as vítimas.

De 1920 a 1960 a forma mais prevalente era violar cofres. Para tanto, foram sendo incorporadas diferentes tecnologias: o uso de explosivos, que se mostrou inadequado pela margem elevada de imprecisão, risco de acidentes e erros, foi substituído pelos instrumentos cortantes, que conferiam maior precisão e exigiam agilidade, destreza manual e autocontrole.

A partir dos anos 60, segundo esse mesmo autor, a adoção de novas medidas de segurança por parte das instituições financeiras tornou mais difícil o transporte de equipamentos para se sobrepor a esses dispositivos, o que provocou a mudança na forma de atuação do assaltante para o confronto direto com a vítima, através da invasão de estabelecimentos comerciais com uso de armas de fogo.

Ainda este último autor, classificou os assaltantes em três categorias, *amadores*, *intermediários* e *profissionais*. (MATTHEWS, 2002).

Os *amadores* caracterizam-se por um baixo nível de organização e planejamento, avaliação inadequada dos riscos e das conseqüências, seleção de alvos mais fáceis, visando pequenas

quantidades de dinheiro, geralmente agem sozinhos, motivados por necessidades imediatas, como pagar dívidas ou manter o uso de drogas, ou sair de uma situação de crise.

Os *intermediários* possuem um nível mais elaborado de organização e experiência que os amadores, mas dedicam-se menos aos assaltos com armas de fogo que os profissionais, embora tenham mais habilidade para usá-las que os amadores. Têm um nível razoável de planejamento, história longa de envolvimento com crimes e são menos motivados pelo uso de drogas ou outras demandas imediatas. Esse grupo pode ser subdividido em um subgrupo que se caracteriza pela diversidade criminal, ou seja, envolvido em vários tipos de delitos, e outro denominado em transição que exhibe um nível de planejamento melhor que os amadores e se concentra em alguns tipos de crimes.

Os assaltantes *profissionais* são assim denominados por serem mais experientes, com alto nível de organização e planejamento, e se concentram em determinados tipos de crime, o que lhes confere graus variados de especialização, além de, que para eles, roubar é mais do que satisfazer necessidades, constituindo um estilo de vida, contraposto ao modo convencional de viver, do qual se orgulham. Muitos são motivados pelo risco e pela satisfação de realizar uma tarefa que envolve certo grau de complexidade.

Elegem alvos em que o lucro elevado supera o risco, agem em grupos de três ou quatro, e são tomados como modelo por muitos jovens, exercendo fascínio sobre os mesmos, pois seu estilo de vida pode parecer mais atraente e lucrativo que o trabalho árduo.

Desroches (1996) levanta a questão de que a diferença entre os assaltantes profissionais e semi-profissionais é mais uma gradação do que uma divisão em tipos específicos, e que alguns exibem grande habilidade, experiência, e têm a atividade criminal como modo de vida.

Normandeau (1985), em seu estudo sobre assaltos, coloca que o grau de planejamento é que diferencia os profissionais dos demais tipos de assaltantes.

Os assaltos a bancos, instituições financeiras responsáveis pela guarda e transações com dinheiro em espécie, cujas notas circulam livremente no território nacional, possuem particularidades que o diferencia das demais formas de roubo que serão detalhadas nos parágrafos a seguir.

Os assaltantes de banco integram um grupo heterogêneo, cuja ação, segundo Letkemann (1973), pode envolver um grande número de pessoas trabalhando como um time (BAUMER, 1986), com sentimento mais forte de coesão, ou um grupo com ligação temporária, em que os membros têm uma movimentação mais livre.

O que motiva o assaltante a tomar os bancos como alvo é a certeza da presença de dinheiro em espécie, o lucro crescente das instituições financeiras, as limitações das medidas de segurança adotadas pelos bancos, além de, para parte deles, a sensação de aventura e o risco serem considerados motivos para manterem essa atividade. (BAUMER, 1986; CONKLIN, 1972; MATTHEWS, 2002).

Enquanto o roubo de objetos de valor, de obras de arte, jóias, carros e outros bens que são identificados por suas características singulares, têm chance de ser recuperados, dado que sua origem é identificável, o dinheiro do banco é anônimo, o que dificulta a identificação e facilita a ação e perpetuação dos grupos de criminosos.

As agências bancárias podem ser escolhidas em decorrência de fatores como localização, preferencialmente em cidades menores, com efetivo policial restrito, que ofereçam mais rotas de fuga. Podem ser selecionadas em decorrência de aspectos ligados à estrutura física das mesmas, como o tamanho, sendo preferidas as de menor porte, pelo número reduzido de segurança, pessoal de apoio e demais pessoas nas proximidades, ou agências que utilizem meios para reduzir a visibilidade do seu interior, resultando em uma situação de maior vulnerabilidade das vítimas e do alvo e favorecendo o êxito dos assaltantes (BAUMER, 1986; CONKLIN, 1972; MATTHEWS, 2002).

Embora o objetivo do assalto seja obter o dinheiro do banco, ele se materializa na confluência da ação de várias pessoas, pertencentes ou não a categorias profissionais específicas: bancários, trabalhadores terceirizados, ou seja, contratados por empresas que prestam serviço de limpeza, segurança, transporte de correspondências e valores para o banco, além de clientes, transeuntes, residentes das proximidades da agência, assaltantes de banco, policiais e demais autoridades encarregadas da segurança da localidade.

Estudos realizados a partir do relato de assaltantes de banco, por Letkemann (1973) Baumer (1986), Krichner (2000) e Einstadter (1966) revelam que o código de ética, o modo de atuação e organização dos assaltantes, em que as regras rígidas de lealdade e de pertencimento ao grupo, que garantiam proteção e anonimato aos integrantes, considerados profissionais especializados em assaltos, eram respaldados por ações meticulosas, exercidas com habilidade e experiência de um indivíduo empreendedor, seguro, e com extremo poder de persuasão sobre as vítimas.

Segundo esses mesmos autores, essas habilidades foram substituídas por atuações cada vez mais grosseiras e violentas, em que o uso de armas ocupa posição de destaque, com repercussões sobre as relações inter-grupais, que se tornaram mais fluídas, com menor de nível de lealdade e sentimento de pertencimento ao grupo.

Esses estudos apontam para o fato de que mesmo com essas mudanças os assaltantes profissionais continuam a ocupar uma posição de destaque no mundo do crime. Têm um status de “profissão” que inspira respeito e admiração dos criminosos considerados “menores”, sendo um modelo a que todos aspiram.

O assalto a estabelecimentos comerciais, com uso de arma de fogo, segundo Matthews (2002), é concebido a partir da constatação de viabilidade (que depende do balanço entre a quantidade de dinheiro a ser obtida e os custos envolvidos), após o que, são elaborados os planos de ação que levam em conta os elementos necessários e os riscos envolvidos.

O modo de ação, ainda segundo Letkemann (1973) e Krichner (2000), varia de acordo com as características individuais do assaltante e da experiência acumulada durante os anos.

Embora, na maioria dos casos, exista planejamento e conhecimento da situação, a ação em si envolve elementos imprevisíveis. Significa que por mais bem observados que sejam os detalhes de uma operação dessa natureza, seu desenvolvimento é dinâmico, com aspectos que podem estar fora do alcance do agressor e das vítimas.

A escolha dos parceiros e a alocação de responsabilidades são feitas com base na habilidade requerida, e mesmo que esta atividade ilícita requeira anonimato, o indivíduo é obrigado a se aliar a outras pessoas.

Para Letkemann (1973), o assaltante experimenta uma interação social que necessita de habilidade adicional para o manejo da vítima, que demanda grande capacidade de persuasão, convencimento através de palavras e gestos, visando obrigar a vítima a seguir seu comando, podendo utilizar vários recursos para otimizar a persuasão da vítima como as máscaras e capuzes, usadas também para que não haja identificação dos agressores, comandos vocais, como gritos, xingamentos, ameaças e agressões físicas com armas, partes do corpo, ou outros objetos.

O sucesso no manejo da vítima, segundo esse mesmo autor, está ligado à capacidade de interpretar contínua e corretamente o comportamento da mesma, com seus componentes verbais e não-verbais. O que, em decorrência da tensão envolvida no assalto, é difícil, pois há um meio propício para a expressão de comportamentos anormais por parte da vítima e exacerbação de atitudes violentas dos agressores.

O estudo de Letkemann (1973) levanta duas características importantes dos assaltos: a surpresa e a vulnerabilidade da vítima. A surpresa é elemento básico do assalto, que resulta na paralisia física, mental e, portanto, na incapacidade da vítima de reverter sua posição de fragilidade diante do agressor e evita que esta tome medidas estruturadas que possam impedir a ação dos mesmos.

A vulnerabilidade do trabalhador pode variar durante o dia, sendo maior pela manhã, quando o mesmo pode estar com atenção dispersa, iniciando as atividades, e nos dias da semana em que há menos pessoas transitando na rua (LETKEMANN,1973).

A partir da surpresa, em que o trabalhador é mantido sob controle, o manejo da vítima se dá na dependência do perfil do agressor, sendo que alguns podem estender o estado de choque até o final do assalto, ou estimular que a vítima recobre algum pensamento racional. Essa escolha, segundo Letkemann (1973), segue mais as preferências pessoais do que fatores específicos e objetivos do assalto.

Nesse cenário, as armas de fogo merecem uma abordagem especial, haja vista que a presença delas estabelece uma relação francamente desvantajosa, potencializando o controle e a vulnerabilidade da vítima, além do uso progressivo, nos assaltos, colocar em um plano secundário a capacidade de persuasão, convencimento e demais habilidades no trato com a vítima que caracterizava a forma de atuação desse grupo no passado. (LETKEMANN, 1973)

Fica evidente que, sem as armas, a chance de êxito dos assaltantes seria reduzida, dado que a interação seria menos desigual, favorecendo uma reação de defesa da vítima.

De acordo com Matthews (2002), as armas de fogo podem ou não ser disparadas, durante os assaltos, a depender de como ele transcorra e da forma como o agressor desempenha seu papel. Segundo ele, armas de brinquedo não são utilizadas porque podem representar perigo pela possibilidade de confronto com a polícia e dos potenciais atos impulsivos, denominados atos heróicos, entre as vítimas.

Em contraste com a realidade brasileira em alguns assaltos armas de brinquedo foram utilizadas em assaltos a estabelecimentos comerciais e pessoas, tendo sido amplamente veiculadas pela mídia.

Conklin (1972), em estudo sobre assaltos, aborda a importância do uso de armas de fogo, reforçando seu papel de reduzir a probabilidade de resistência das vítimas e também da arma de fogo ter uma área de cobertura maior, pois pode agir à distância, causar danos às vítimas, mesmo sem contato físico ou aproximação do agressor com as mesmas.

Além disso, pode facilitar a fuga e, quando esta é bloqueada, pode viabilizá-la através da tomada de reféns e ameaça à integridade física destes.

Na contra mão do senso comum, Conklin (1972) aponta a relação inversa entre uso de violência física e uso de armas de fogo, o que leva a uma redução da gravidade dos danos físicos causados às vítimas.

Krichner (2000), por sua vez, coloca as mudanças provocadas pelo uso progressivo das armas de fogo nos assaltos, cujos assaltantes agem com violência, alto grau de brutalidade e impulsividade, bem diferente dos seus antecessores, cuja forma de agir era mais refinada, planejada, “profissional”, quando eram mais utilizadas e valorizadas as habilidades do contato com a vítima e o poder de persuasão.

Outra implicação do uso crescente das armas é a “democratização do crime”, em que qualquer pessoa que porta arma sente-se habilitado para cometer um assalto (MATTHEWS 2002).

Isso pode trazer conseqüências danosas, tais como atuação de indivíduos com menor possibilidade de controle sobre o evento e sobre as vítimas, implicando no uso mais grosseiro da violência, aumentando o risco contra a integridade física dos trabalhadores e deles mesmos.

Outro fator importante é o uso crescente de drogas ilícitas, que tem sido apontado como fonte de motivação para obtenção de somas de dinheiro de forma rápida e instantânea, e representando também um fator de risco adicional aos assaltos, pelas transformações psíquicas causadas pelas substâncias psicoativas na atividade cerebral.

Além disso, os assaltantes necessitam de uma rede de relações que lhes permita o anonimato, e dispense o uso de instituições oficiais, como os serviços de saúde, tendo de que dispor de profissionais como médicos e advogados para auxiliá-los em caso de necessidade, o que pode garantir, muitas vezes, a manutenção da vida e da liberdade através da cura de ferimentos graves adquiridos em confronto com a polícia ou outros indivíduos armados. (LETKEMANN, 1973).

O tempo da ação é fundamental para o desfecho dos assaltos, devendo ser breve, o que exige do agressor habilidade para manter sob controle as diversas variáveis que esse tipo de crime envolve, como o contato direto com as vítimas, as tensões e os riscos, em que o prolongamento do tempo de interação é um fator desfavorável para todos (KRICHNER, 2000).

No estudo realizado por Aquino (2005) com assaltantes especializados em roubos às instituições financeiras, no Ceará, a autora aborda o conceito do indivíduo empreendedor, elaborado por Schumpeter, fazendo um paralelo entre esse e a amostra estudada por ela:

“Do mesmo modo que o empresário schumpeteriano, o assaltante também desenvolve múltiplas funções durante a preparação de suas investidas criminosas. Ele, a um só tempo, exerce o papel de investidor, atua no planejamento e na viabilização da infra-estrutura da operação e participa diretamente da execução do assalto.” (Aquino, 2005, p. 73)

Segundo a autora esses indivíduos seriam caracterizados por possuir grande capacidade de criação, coragem para lançar-se a novos empreendimentos e disposição para se expor ao risco, ressaltando que os integrantes das quadrilhas especializadas em roubos de instituições financeiras têm sua atuação pautada no lucro, agindo como investidores, que utilizam grandes quantias, buscando obter um lucro ainda maior. .

Nascimento (2002), em seu estudo sobre vitimização do trabalhador bancário em decorrência de roubos a bancos, levanta diversas questões sobre os assaltantes de banco, como o grau elevado de organização, planejamento, modo de atuação, e a capacidade de criar estratégias para sobrepor os dispositivos de segurança utilizados.

Paes- Machado e Nascimento (2007) comentam a evolução dos roubos a bancos no Brasil:

“Os roubos a bancos começaram nos anos 60, aumentando nos anos 70, pelas ações de criminosos comuns e organizações de guerrilha urbana, e apresentando um crescimento dramático nas décadas de 80 e 90, por conta da formação e consolidação de organizações criminosas (Lima, 2001; Amorim, 2004). Os seqüestros, por sua vez, foram feitos pela primeira vez na primeira metade da década de 70, pelos guerrilheiros urbanos, passando a integrar o repertório de grupos criminosos no final dos anos 80 e na década de 90² (Amorim, 2004; Lima, 2001; Mallan, 1995; Jenkins, 1985; Gabeira,1979), quando, ao lado dos roubos a bancos, se converteram em verdadeiras ondas de crime (Sacco, 2002)”. (PAES-MACHADO e NASCIMENTO, 2007).

Os autores abordam as quadrilhas especializadas em roubos a bancos, usando o conceito de empreendimento violento, proposto por Volkov (2002):

“Efetivamente, tal como se vê em episódios reportados pela mídia e confirmados por fontes policiais, certas características destes grupos são parecidas com as do empreendimento violento (Volkov, 2002;

Paes-Machado, 2006), como a conversão da força em mercadoria e a promiscuidade entre atores privados e públicos, legais e ilegais. Os elevados montantes de dinheiro aportados por essas ações, por sua vez, despertam a cobiça e atraem membros de outras categorias da sociedade, em particular, membros do sistema de justiça criminal. Em certos casos, mesmo que estes últimos não participem das atividades das quadrilhas, eles buscam se apropriar, dentro do intrincado labirinto existente entre a polícia, a vítima e o infrator (Amorim, 2004), do dinheiro roubado por aquelas, o que acaba estimulando este tipo de crime e as execuções sumárias de assaltantes”. (PAES-MACHADO e NASCIMENTO, 2007) .

Esses eventos, como foi explicitado, ocorrem de forma progressiva em nosso meio e resultam em danos diversos à saúde do trabalhador e uma de suas características é a relação do trabalhador com a instituição bancária e sua divisão entre guardião da própria vida e do dinheiro da empresa, alvo dos agressores.

O assalto a banco coloca o mesmo no meio do caminho, entre o agressor e o alvo de sua empreitada, o dinheiro, envolvendo-o numa interação direta, forçada, na linha de frente do confronto com o assaltante, representando uma situação complexa, com risco iminente de vida e que merece uma abordagem que contemple as diversas faces envolvidas no evento.

2. METODOLOGIA

A primeira questão metodológica que apareceu no decorrer da construção do projeto foi o fato da autora ser parte integrante do corpo funcional de uma instituição carcerária.

Em um primeiro momento isso surge como uma impossibilidade do distanciamento e do estranhamento ao objeto de pesquisa, necessários para um olhar menos envolvido com o que se pretende conhecer. Porém considerando-se as especificidades do campo em que o estudo foi desenvolvido, que incluiu a população carcerária e as instituições penais, pertencer ao corpo técnico e poder transitar pelas diversas instituições constituem um detalhe que viabilizou a realização do estudo.

Essa questão inicial logo se transformaria em vantagem, quando no início do trabalho de campo, em maio de 2006, os ataques do PCC (Primeiro Comando da Capital), grupo integrante de uma facção criminosa que controla presídios da cidade de São Paulo, deram origem a uma onda de violência na cidade que ameaçava se espalhar pelas cadeias de todo o país.

A repercussão desses atos violentos pode ser demonstrada pelas notícias amplamente veiculadas na mídia:

“A série de ataques criminosos a bases policiais, que teve início na sexta-feira, já deixou 32 mortos em todo o Estado de São Paulo, e prosseguiu durante o sábado. No início da noite, foram realizados sete ataques. Na zona leste de São Paulo, um policial à paisana foi baleado na cabeça e não resistiu. Duas bases da polícia rodoviária foram atacadas por bandidos. Uma das ações aconteceu na altura do quilômetro 44 da rodovia Raposo Tavares, mas nenhum policial ficou ferido. Na rodovia Régis Bittencourt, três bandidos foram mortos após perseguição”. (Trecho retirado da matéria: **Criminosos fazem novos ataques em São Paulo**, disponibilizada dia 13 de maio de 2006 às 23h25 no portal Terra)

Esses fatos graves colocavam em cena o poder das organizações criminosas, que comandavam, de dentro dos presídios, ataques a pessoas fora do local de trabalho, gerando espanto e medo na população brasileira e no corpo de funcionários das instituições penais que convivem diretamente com esse grupo.

Por isso, algumas medidas foram adotadas por precaução, como restringir a circulação de pessoas, incluindo funcionários, a situações de extrema necessidade, sendo resguardadas as condições de segurança.

Esse último aspecto foi contornado pelo fato da pesquisadora fazer parte do corpo de funcionários, sendo um elemento que, naquelas circunstâncias, tornou possível a realização do trabalho de campo e da pesquisa.

Uma estratégia adotada foi realizar as entrevistas para a pesquisa em dias diferentes dos dias de atendimento psiquiátrico, para que não houvesse dúvidas quanto ao propósito da mesma.

Diferentemente de Zaluar (1985), que descreve as dificuldades de aproximação com o lugar que viria a ser o campo da pesquisa que pretendia desenvolver, a pesquisadora deste estudo fazia parte do campo da pesquisa, estava na sua paisagem, porém teria que se afastar para apreendê-lo:

“Imagine-se estacionando seu carro particular na rua de um bairro de pobres cujo nome permanecia nas manchetes dos jornais como um dos focos da violência urbana, um antro de marginais e de bandidos. Você não conhece ninguém que lhe possa indicar os caminhos e prestar-lhe as informações de que necessita para mover-se sem riscos desnecessários”. (ZALUAR, 1985, p.9).

Ainda assim, houve momentos em que as entrevistas tiveram que ser suspensas, por questões de segurança, sendo esse período preenchido pela análise dos processos penais e pela continuidade do diário de campo, que possibilitaram obter informações preciosas de funcionários e outras pessoas que vinham por demandas de saúde da instituição ou que circulavam nos espaços livres do presídio.

Outra questão que logo se pôs no caminho foi a percepção do acúmulo de dois papéis, que, na verdade, correspondem a dois lugares distintos, com funções, atribuições e inserções diferenciadas: a clínica e a pesquisadora.

A credencial, “médica do sistema”, que foi útil muitas vezes, quando foram realizadas entrevistas nas demais unidades do sistema penal, como forma de testar a confiabilidade e validade do instrumento e a fidedignidade das respostas obtidas.

A credencial “*pesquisadora*” foi vista com estranheza por muitos, incluindo presos e funcionários, o que despertou a reflexão sobre as diferenças desses dois lugares.

O psiquiatra é uma presença demandada, responde a uma necessidade da instituição e tem à sua disposição, para realizar o trabalho, funcionários que podem acompanhá-lo até as unidades, no interior das celas ou no “seguro” (local destinado a pessoas com alguma questão de convivência com os demais e que, por isso, estão expostas a riscos diversos e são postas em certo isolamento). Além disso, está sob as normas do sigilo médico e da relação médico/paciente, que são conhecidas por todos, e que conferem a sensação de maior segurança e controle das informações aos entrevistados.

Em contrapartida o pesquisador é uma figura alheia ao panorama, é um elemento novo que se insere no ambiente e pressupõe a existência de um terceiro ou o olhar de terceiros, implicando num sistema aberto, onde as informações, uma vez publicadas, circulam livremente sem a possibilidade de controle das mesmas.

No campo de trabalho com a violência, a restrição das informações é ainda mais forte por conta do conteúdo perigoso das mesmas e do risco a que estão expostos aqueles que “sabem muito” ou que “respondem a tudo que perguntam”; neste sentido, um pesquisador entra como um elemento novo e ameaçador, gerando temor nas pessoas que poderiam compor parte da amostra da pesquisa.

Perceber essas diferenças ajudou na adoção de estratégias para reduzir os efeitos iniciais do anúncio da pesquisa. Foram utilizadas as palavras *estudo*, ao invés de *pesquisa* e *conversa*, em lugar de *entrevista*, porquanto essas duas palavras, *pesquisa* e *entrevista*, tinham uma conotação fortemente negativa, visto que eram vinculadas à atividade jornalística e às situações anteriores em que algumas entrevistas foram colocadas na mídia, sem autorização, gerando transtornos para eles, que passaram a temer a aproximação de “jornalistas disfarçados”.

Outro elemento que auxiliou bastante foi entrar em contato com escritos de diversos outros autores que estudaram populações semelhantes em outros países e um autor brasileiro (Varela, 1999), através dos quais pude me apropriar e me aproximar do tema, não mais com o receio de me contaminar com as questões institucionais, mas de manejar e aproveitar as ligações estabelecidas previamente com os usuários do serviço de saúde.

Varela (1999) comenta sobre sua entrada no universo da população carcerária: “A perspectiva de penetrar fundo o universo marginal, embora assustadora, era tão fascinante que para dizer a verdade eu estava feliz, excitado por aquele trabalho”. (VARELA, 1999, p.86).

Esse mesmo autor foi o que mais se aproximou da realidade desta pesquisa, porque era médico clínico de uma instituição penal e passou a escrever sobre a mesma, em cujo trecho, apresentado acima, ele relata a mudança de olhar sobre os fatos do cotidiano, quando fala da profundidade e da intencionalidade necessárias para a realização de uma obra que não se restringiria a uma mera descrição da clínica.

Outros pesquisadores muito me auxiliaram na compreensão de aspectos que interferem no trabalho de campo, como Einstadter (1966) e Letkemann (1973), que estudaram os assaltantes a partir da população carcerária. Nos seus trabalhos, eles comentam sobre a importância da relação de confiança, referindo que o trabalho deles começou muito antes das entrevistas, em situações informais de contato, onde puderam perceber que, uma vez

estabelecido o vínculo, os agressores contribuem, se mostrando disponíveis para auxiliar na exploração do tema.

Para esse grupo, a relação de confiança ocupa um lugar de destaque, pois, mesmo para os criminosos, falar sobre os delitos é algo embaraçoso, que envolve situações desagradáveis e os coloca diante de seus atos, cuja censura internalizada, dificulta a expressão, pois a simples narrativa, muitas vezes, é inviável num primeiro momento, e muitos não conseguem fazê-la.

Há crimes inconfessáveis, principalmente se forem ouvidos por uma entrevistadora, como os que envolvem violência sexual contra crianças e mulheres, que são condenados pela população carcerária; nesses casos, os acusados não relatam sua experiência de maneira espontânea e, muitas vezes, mesmo diante de todas as evidências, escondem a autoria, temendo represálias.

Nesse sentido, Varela (1999), fazendo referência a esse tema delicado para os presos, ajuda na compreensão desse detalhe importante, que aparentemente diz respeito apenas às normas da população carcerária, mas que tem repercussões sobre as informações que se pretende obter: “A experiência recomenda colocar os estupradores junto com os justiceiros, para que os dois grupos se protejam em caso de vingança da massa carcerária, que não perdoa o estupro e odeia caçadores de ladrões” (VARELA 1999, p.28).

Como pode ser visto, o tipo de delito é um fator que interfere diretamente na possibilidade da narrativa, porém esse aspecto foi minimizado, porque os roubos aos bancos, e os assaltantes de banco, ocupam posição de destaque no mundo do crime, detendo uma imagem de “profissionais, inteligentes, espertos”, sendo adotados como modelos por muitos iniciantes, o que os encoraja a contarem seus feitos com despreendimento e riqueza de detalhes. (KRICHNER, 2000; DESCROCHES, 1996; AQUINO, 2006; NASCIMENTO, 2002).

Outra questão que surgiu no trabalho de campo foi o gênero da pesquisadora, que contrastava com um universo predominantemente masculino, sendo visível o estranhamento de muitos diante do interesse de uma mulher pelo tema, quando eram feitos comentários sutilmente jocosos e amedrontadores.

Para contornar essa situação, que poderia (e chegou a) causar alguns transtornos, contei com a presença constante de dois colegas de trabalho do sexo masculino, que me serviram como guia e companhia, constituindo verdadeiros *cartões magnéticos* que conseguiam abrir portas e viabilizar entrevistas e momentos informais no interior de celas e

pavilhões, que enriqueceram sobremaneira o estudo, e, sem os quais, a pesquisa certamente não seria realizada com a mesma riqueza.

Nesse aspecto, os escritos de outros pesquisadores ajudaram a refletir sobre essa questão. Matthews (2002), que discute as interferências causadas pelo gênero do entrevistador, coloca que o gênero feminino pode dificultar na exploração de alguns temas, e ser tomada como objeto de desejo, dada a condição de restrição da liberdade dos entrevistados. Ao mesmo tempo, ele refere que as mulheres podem ter mais facilidade de estabelecer vínculos e criar uma atmosfera de confiança, pois essas características são atribuídas às mulheres.

No curso da presente pesquisa foi percebido que a dificuldade se restringia ao primeiro contato, pois, uma vez que esse era estabelecido, as entrevistas fluíam com tranquilidade e melhoravam à medida que ocorria a familiarização com o instrumento, com os entrevistados e com a mudança de posição e de status da pesquisadora.

Houve uma situação em que a questão do gênero foi referida por um entrevistado, Celso, 40 anos, quando, ao falar sobre mortes nos grupos, ele foi comedido e disse: “ah, doutora, eu não quero falar desse negócio de matança com a sra., não, porque a sra., uma mulher, não vai gostar de ouvir.”

Foi explicado que era necessário que contassem, para conhecer os riscos que eles corriam e como lidavam com os mesmos, ao que ele continuou e relatou diversos momentos de tensão no grupo, que culminaram em morte de integrantes.

Outra questão que surgiu no trabalho de campo foram as demandas por diversos cuidados de saúde feitas pelos presos ao saber que eu era médica, o que me colocava sob responsabilidade de resolvê-las ou tomar providências nesse sentido, o que melhorou a receptividade da minha presença no interior dos pavilhões.

Outro aspecto positivo a ser observado sobre o gênero feminino é sua predominância nas visitas aos presídios de ambos os sexos, em detrimento dos homens, aproximando a figura feminina desse universo, à qual é atribuída a função de cuidar e proteger, tal como colocado por Matthews (2002).

2.1 COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

Foram realizadas 40 entrevistas: 26 presos (entre eles 2 mulheres e 24 homens, que foram condenados por assalto a banco; destes, 2 estavam em regime semi aberto). 10 entrevistas com bancários que foram vítimas de assalto e seqüestro, 1 com um delegado da secção de crimes contra o patrimônio e 4 com funcionários de um serviço um banco estatal responsável por acompanhar essas ocorrências.

Foram utilizados pseudônimos para manter o anonimato dos entrevistados.

2.1.1 Critérios de inclusão

Os Assaltantes ou Seqüestradores:

Cumprir pena em uma instituição penal da cidade de Salvador.

Ter sido condenado por roubo a banco

Aceitar participar do estudo.

Os Bancários

Foram entrevistados 10 funcionários de um banco estatal, tomado como referência para o estudo, que sofreram assalto na agência bancária e extorsão mediante seqüestro e estiveram em contato direto com os agressores, que estavam em condições psicológicas de realizar a entrevista.

Foram identificados a partir dos atendimentos realizados em um serviço de acompanhamento das vítimas dessas ocorrências, quando eram convidados a participar do estudo, sendo verificadas as condições de saúde dos mesmos.

Foram selecionados os bancários que haviam passado pelas duas experiências, de assalto e seqüestro, na tentativa de que pudessem contribuir na caracterização da atuação dos agressores, nas diferentes situações.

2.2 REALIZANDO AS ENTREVISTAS

2.2.1 As entrevistas com os assaltantes

Para realizar as entrevistas com os assaltantes houve dois passos anteriores: identificá-los e convencê-los a participar do estudo.

Primeiro foram examinados alguns processos penais, onde constava o tipo de delito e traziam dados do indivíduo, porém o volume excessivo de processos e sua forma de arquivamento, não classificados por tipo de crime, dificultaram a identificação a tempo dos mesmos.

Foi então realizado contato com funcionários que me indicaram alguns assaltantes, que foram chamados e explicados sobre o estudo; alguns aceitaram participar, outros não, sob diversas alegações, sendo que a principal era o temor de serem expostos na mídia.

Nesse sentido, um acontecimento inesperado no trabalho de campo motivou uma mudança no olhar sobre o objeto da pesquisa, pois, após ser solicitada a participar de uma reunião no presídio cujos participantes eram doze presos que cometeram assalto a banco, estavam curiosos por saber detalhes da pesquisa que vinha sendo realizada.

Ao ser explicado o teor da pesquisa e mostrado o consentimento informado, alguns deles se desculparam por não poder participar pois, apesar de *terem assaltado bancos*, não eram “Assaltantes de Banco”, e um deles me disse: “eu não posso não, porque eu não sou assim, assaltante de banco [ênfase], eu só fiz uns assaltos, porque depois eles vão tirar onda com a minha cara, eu não tenho essas coragens não”.

Essa afirmativa levantou a questão de que há “*pessoas que assaltam bancos*” e pessoas que são “*Assaltantes de Banco*”, configurado duas situações distintas, sendo que o *Assaltante de banco* é considerado como o assaltante de carreira, profissional, que se especializa nessa modalidade, enquanto *quem assalta banco*, adota os bancos como alvo eventualmente.

Os que aceitaram foram indicando outros e conversando para que aceitassem, configurando a técnica de Bola de Neve (DECKER AND WRIGHT, 1997; HUGGINS, 2006). Desta forma, havia uma série de fontes de informações que eram previamente consultadas para certificar de que se tratava de fato de um assaltante de banco.

Outra questão da identificação, que foi mais difícil, foi encontrar os seqüestradores, visto que o crime é denominado pelo código penal brasileiro como extorsão mediante seqüestro e é conhecido por todos como seqüestro; porém na visão deles, o termo *seqüestro* restringe-se ao patrimônio pessoal e era considerado um crime não muito nobre.

Em decorrência disso, a pergunta foi reformulada, incluindo a posse da família e do bancário, dentro do modo de operação do assalto, como uma estratégia para um fim único, que é obter o dinheiro do banco, da seguinte maneira: E essa coisa de pegar o gerente em casa?

Refeita a pergunta, começaram a surgir os denominados seqüestradores, pela lei, pelo senso comum; porém, para eles, todos faziam parte de uma só categoria: assaltante de banco.

Uma vez identificados, tanto seqüestradores quanto assaltantes, foi explicado o teor do estudo e demonstrado o termo de consentimento informado, que serviu como uma garantia de que o anonimato seria respeitado, sendo que em alguns locais o mesmo foi deixado para leitura e posterior resposta quanto à participação.

Essas medidas reforçavam a idéia de que não haveria exposição do conteúdo das entrevistas na mídia, que era o grande temor de todos, principalmente pelos acontecimentos que assustavam o país na época.

Algumas entrevistas foram realizadas na sala do serviço médico e outras no interior dos pavilhões, por solicitação das lideranças do local. Em todas foi respeitada a privacidade da entrevista, e pudemos contar com uma cela, transformada em sala, em excelentes condições de acolhimento.

Foram adotados horários diferentes do atendimento clínico, para a realização das mesmas, que eram acertados previamente com as lideranças dos pavilhões, buscando sempre o melhor momento para a entrada no mesmo.

Algumas puderam ser gravadas e outras, cuja permissão não foi dada, foram anotadas logo após a realização.

A permanência nos pavilhões foi tranqüila e rica quanto à possibilidade de observar detalhes da demarcação dos lugares, a ocupação dos espaços e a posição ocupada pelos integrantes da amostra do estudo, além de viabilizar a agilidade das entrevistas, pois não necessitava o aparato de segurança utilizado quando do transito de presos fora dos pavilhões.

Além disso, auxiliou, assim como nos anos anteriores de trabalho com a população carcerária, a aproximar a pesquisadora da linguagem do lugar, na construção de um glossário êmico que permitiu entender o significado das palavras e expressões, contribuindo para uma apreensão mais apropriada desse universo.

Os entrevistados que aceitavam participar da pesquisa eram receptivos e corteses e se restringiam aos atos passados e que eram do conhecimento da justiça (BARCELOS, 2003).

É importante colocar que, muitas vezes, durante as entrevistas, os termos *serviço e trabalho*, que dão a conotação de que o crime tem o sentido de trabalho honesto, porém todos os entrevistados desse grupo fazem a diferença entre trabalho honesto e dinheiro do crime. Eles têm a percepção de que essas duas situações não se superpõem, reprovam suas ações, porém se utilizam de recursos psicológicos para realizar as investidas. (SYKES & MATZA, 1957).

A técnica de entrevista utilizada foi a narrativa inicial sem intervenção da pesquisadora, para estabelecer empatia e confiança, e no decorrer do tempo foram feitas intervenções que mesclavam elementos do cotidiano e da história dos entrevistados com questões chaves para a pesquisa, visto que focalizar a atividade criminosa empobreceria o estudo, poderia ser ansiogênico e estigmatizante para os entrevistados.

2.2.2 Realizando as Entrevistas com Bancários

Após um período de turbulência inicial, em que a instituição de saúde que cuida dos bancários mostrou-se temerosa quanto à violação do sigilo e à exposição dos trabalhadores, as entrevistas ocorreram num clima mais tranquilo que no presídio.

A questão que se colocava aqui era o nível de sofrimento psíquico dos trabalhadores, pois, para alguns, falar sobre o crime, e muitas vezes os crimes, pois havia os que tinham sido vítimas mais de 4 vezes, fez voltar à tona tudo que haviam passado, sendo preciso um cuidado redobrado na observação dos mesmos e na certificação de que podiam realizar as entrevistas.

A técnica de entrevista utilizada seguiu a lógica do acolhimento, e do estabelecimento de uma zona de conforto e de confiança, mesclando temas comuns com elementos ligados à experiência traumática, tendo em vista o intenso sofrimento de alguns bancários.

As entrevistas aconteceram no consultório da pesquisadora, em momento previamente acertado, depois de certificadas das condições psicológicas de realizar as mesmas.

Os funcionários em atividade preocupavam-se com o anonimato, com receio das repercussões na empresa onde trabalhavam, o que foi resolvido com a garantia do mesmo, sendo o teor da pesquisa e aplicado o termo de consentimento informado e, diferente dos assaltantes, eles não apresentaram nenhuma objeção quanto ao uso de gravador.

2.2.3 As Narrativas e os efeitos sobre a Pesquisadora:

Huggins (2006), em seu estudo sobre tortura e assassinatos por policiais, chama a atenção para aos efeitos das narrativas desses sobre o pesquisador, na escuta de situações relacionadas à violência, ao mesmo tempo em que enfatiza a importância da abordagem não restrita a dados estatísticos, que possibilita a compreensão ampliada da violência e suas implicações.

No presente estudo, cuja pesquisa envolveu bancários e familiares, onde o sofrimento era flagrante, chegando a abalar profundamente o sentimento de privacidade, segurança, a auto-estima e identidade dos trabalhadores e o relato dos assaltantes, que se dividiam entre frias descrições dos modos operandi e o sofrimento causado às famílias destes pelos perigos envolvidos no estilo de vida de alguns, as consequências da prisão e da privação da liberdade.

Diante desse dilema foi muito importante, para a pesquisadora, contar com acompanhamento psicológico pessoal, sendo necessário intensificá-lo em alguns momentos, o apoio de colegas e familiares e, sobretudo, acompanhamento e divisão das preocupações e temores com o orientador, além da experiência e treinamento como psiquiatra que enfrenta rotineiramente situações de risco e intenso sofrimento.

2.2.4 Nota sobre a construção do trabalho:

Foi priorizada a narrativa dos assaltantes, mantendo a fidelidade ao escopo da pesquisa, cujo foco era sobre os agressores, sendo que a participação dos bancários contribuiu sobremaneira para o entendimento do objeto de estudo, em decorrência do conhecimento acumulado das vítimas adquirido na interação com os agressores, durante os roubos.

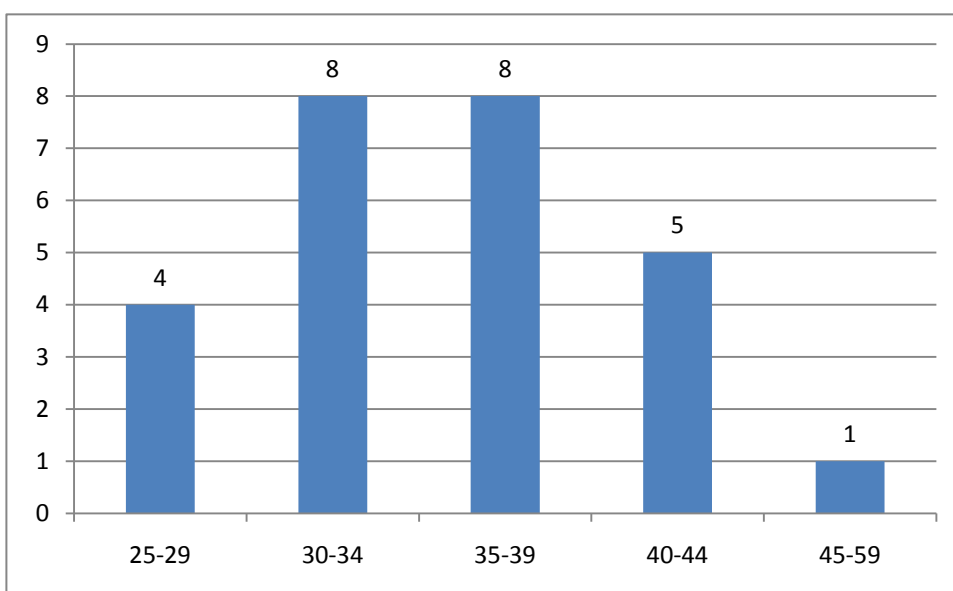
2.3 O TRABALHO COM OS PROCESSOS PENAIS

Foram examinados processos penais dos 26 entrevistados, que ajudaram na confirmação dos dados das entrevistas e na compreensão sobre a dinâmica das instituições de justiça frente aos eventos e aos envolvidos nestes.

2.4 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A seguir, serão exibidos os dados obtidos com a amostra dos assaltantes de banco e, apesar do número reduzido de entrevistados, que inviabilizou uma análise estatística que possa extrapolar os limites da pesquisa e aplicá-las a outros grupos, os números servem para ajudar na reflexão sobre os participantes do estudo e o fenômeno em questão.

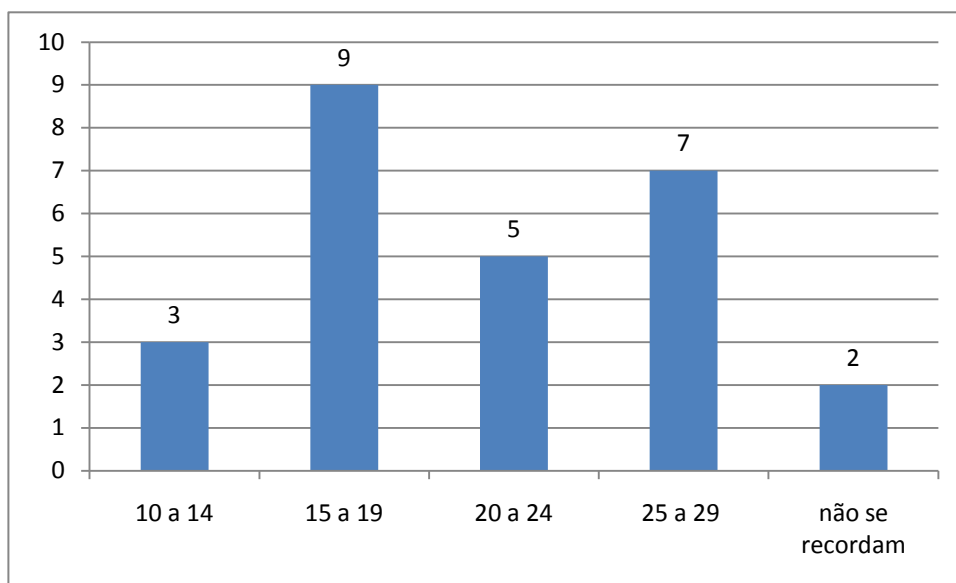
Gráfico 2.1 - Distribuição por Faixa Etária:



A maior concentração dos entrevistados ocorreu dos 30 aos 44 anos, período em que se somam 81% do total, compreendendo o estágio de adulto jovem, caracterizado pela inserção em atividades que possam dar conta das demandas advindas das despesas com o próprio sustento e da família.

No gráfico 2.2 a seguir pode-se visualizar a idade de início na atividade criminosa, com a inclusão de faixas etárias mais jovens, como os menores de 14 anos, decrescendo com o avanço da idade.

Gráfico 2.2 - Idade de início na Atividade Criminosa:



Essa evolução pode apontar para uma carreira no crime, que começa cedo, e pode resultar em diversas formas de inserção. Apenas 1 dos entrevistados entrou aos 14 anos na atividade criminal através de roubo a banco, ainda assim em pequenas participações, como “avião”, em que levava armas e fazia pequenas compras para o grupo de assaltantes de banco, os demais, das faixas etárias de 10 a 19 anos, começaram realizando outros roubos a pessoas e estabelecimentos comerciais, considerados menores, e “ascenderam” para o roubo a banco.

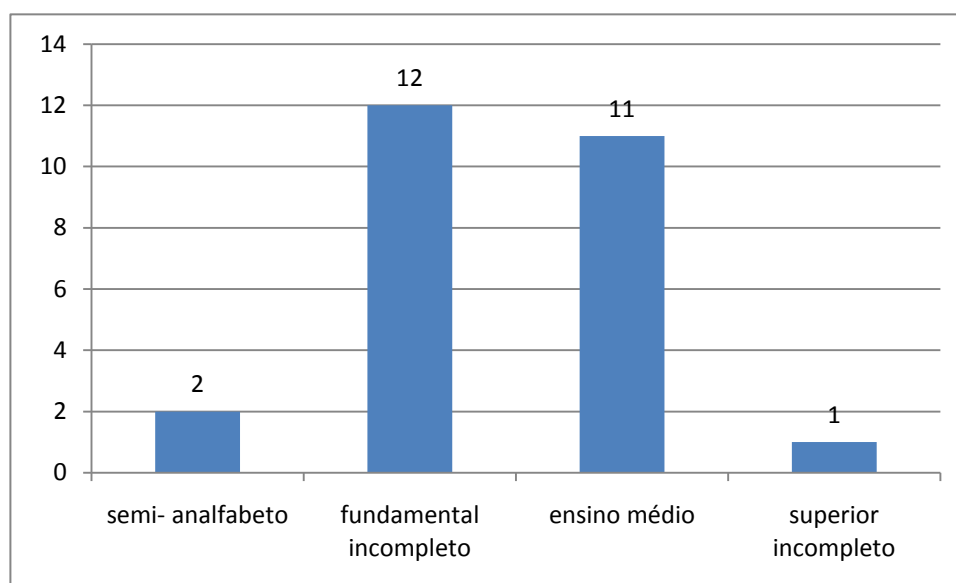
Os dados sobre a cor da pele apontaram na direção dos achados do trabalho realizado por Nascimento (2003) que refere o clareamento das quadrilhas, que priorizam pessoas de pele clara como forma de burlar o estereótipo social que atribui o crime aos indivíduos de pele escura. Tal estratégia facilita a aproximação dos alvos e o êxito da investida.

Entre os 26 entrevistados, 13 (50%) se declararam brancos, 8 (31%) pardos, e negros 5 (19%). Os que se declararam negros, respondem pela minoria entre os entrevistados.

O gráfico 2.3, a seguir fornece dados sobre o grau de escolaridade da amostra estudada.

Pode-se perceber a concentração da escolaridade no ensino fundamental e médio, sendo que este último tem a seguinte configuração: dos 11 entrevistados que referiram ter cursado o ensino médio, 8 (73%) haviam concluído o curso, enquanto 3 (27%), não chegaram a finalizá-lo.

Gráfico 2.3- Grau de escolaridade:

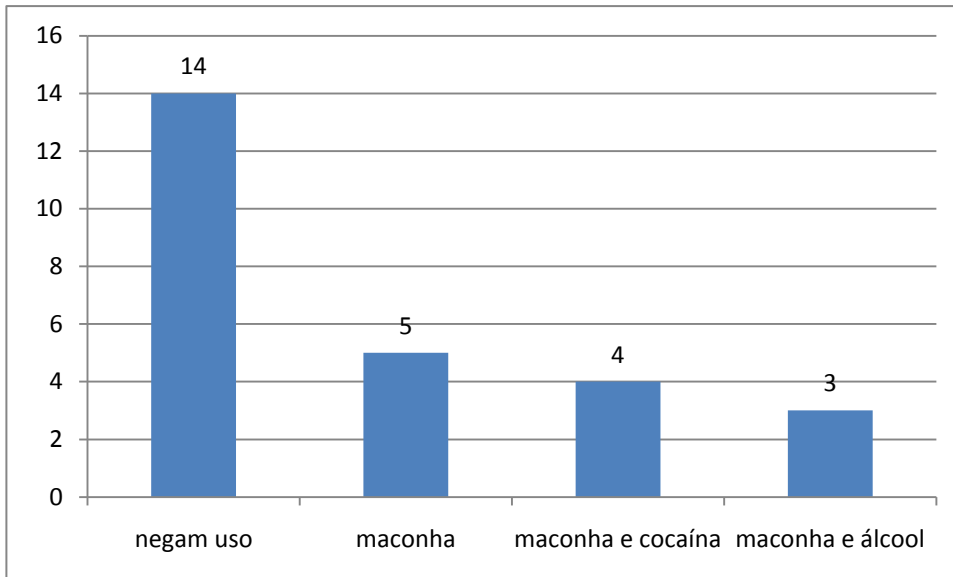


Nascimento (2003), em seu estudo sobre vitimização no trabalho bancário, levanta a possibilidade de que a complexidade dos roubos aos bancos pode atrair uma parcela de nível maior de escolaridade.

Fato interessante e que chamou a atenção durante a pesquisa foi que os indivíduos que têm escolaridade mais baixa são os que apresentam inserção mais precária e menos especializada, quando comparados aos demais.

Outro aspecto é a referência ao uso de substâncias psicoativas, pelos entrevistados, apresentados no gráfico 2.4:

Gráfico 2.4- Uso de Substâncias Psicoativas

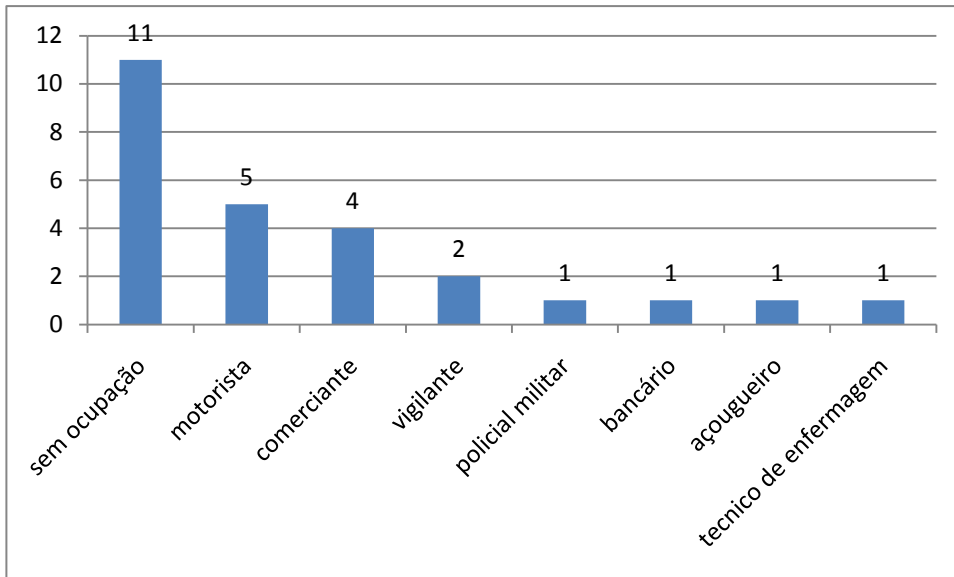


A interface dos roubos a bancos com outros crimes, como o tráfico de drogas, ainda que para alguns se dê enquanto usuários, é relatada em diversas entrevistas .

Na mostra em questão foram 46% dos entrevistados, contra os 54% que negaram o uso. Tal fato demonstra o risco dos trabalhadores, e dos próprios assaltantes, tendo em vista as alterações que as substâncias psicoativas (SPA) podem provocar, que implica em um baixo gerenciamento dos riscos envolvidos nesse tipo de ação.

Outra informação que surgiu na compilação dos dados da amostra foram as ocupações anteriores dos entrevistados, apresentadas a seguir:

Gráfico 2.5- Ocupações:



A predominância de indivíduos que não tem ocupação definida (42%), provavelmente, se deve ao fato de que a atividade criminosa é a única forma de obterem recursos materiais. Os demais estão distribuídos em várias outras ocupações, como motoristas (19%), comerciantes (15%), vigilantes (8%), cuja participação será abordada no decorrer do trabalho.

A tabela de onde foram retirados esses dados será disponibilizada na íntegra, como forma de subsidiar a obtenção de outras informações sobre a amostra.

Tabela 1: Dados gerais da amostra dos assaltantes de banco entrevistados:

	Sexo	Idade	Escolaridade	Cor da pele	Idade de início	Ocupação	Drogas
1	M	40	2º grau completo	B (branca)	18	Motorista	-
2	M	28	2º incompleto	Pd (parda)	25	Sem ocupação	-
3	M	31	1º grau incompleto	B	15	Taxista	Maconha
4	M	30	1º grau incompleto	B	13	Sem ocupação	Maconha
5	M	44	2º grau completo	B	25	Enfermeiro veterinário	-
6	M	26	1º grau incompleto	Pd	16	Sem ocupação	Maconha e bebidas alcoólicas
7	M	31	2º grau completo	Pd	-	Taxista	-
8	M	35	1º incompleto	P (preta)	28	Vigilante	Bebidas alcoólicas
9	M	44	Sabe ler e escrever pouco	P	14	Comerciante	Maconha e bebidas
10	M	37	2º grau completo	B	25	Comerciante	-
11	M	37	2º grau completo	B	--	Bancário e motorista	-
12	M	32	2º grau completo	Pd	18	Sem ocupação	-
13	M	30	Semi-analfabeto	B	14	Sem ocupação	Maconha/ Cocaína
14	M	38	1º incompleto	B	25	Motorista	-
15	M	42	Superior incompleto	B	24	Sem ocupação	Maconha/ Cocaína
16	M	37	1º inc	P	22	Sem ocupação	Maconha
17	M	38	1º inc	Pd	29	Açougueiro	-
18	M	41	2º inc	Pd	23	Motorista	-
19	M	34	2º completo	B	18	Vigilante	-
20	M	48	1º incompleto	P	22	Comerciante	Maconha
21	M	38	1º incompleto	Pd	18	Sem ocupação	-
22	M	28	1º incompleto	Pd	18	Sem ocupação	Maconha
23	M	32	1º incompleto	B	26	PM	Maconha/ Cocaína
24	M	25	1º incompleto	B	16	Sem ocupação	Maconha/ Cocaína
25	F	38	2º grau completo	B	19	Comerciante	-
26	F	32	2º incompleto	B	24	Sem ocupação	-

3. CONTEXTUALIZANDO O PROBLEMA

3.1 OS CRIMES CONTRA A INSTITUIÇÃO BANCÁRIA:

Os crimes violentos contra a instituição bancária, tratados neste estudo, são incluídos na seção de crimes contra o patrimônio, visto que têm como objetivo a posse do dinheiro do banco.

O Banco, instituição financeira cujos lucros são exorbitantes, tem seu desempenho divulgado em meios de comunicação de massa, constituindo-se uma garantia da presença de dinheiro em espécie e um forte atrativo para a investida de grupos de criminosos que o adotam como alvo e buscam obter o patrimônio do mesmo através de diversos meios.

A apropriação do dinheiro do banco, de forma criminosa, pode se dar através de iniciativas à distância, em que o indivíduo não necessita do contato físico com a agência (ou funcionários) ou pelo contato direto com a agência e/ou com os trabalhadores.

As situações que não envolvem contato direto com a agência e os trabalhadores são as fraudes eletrônicas, como a clonagem de cartões e as transações bancárias fraudulentas, via Internet, ou os arrombamentos das agências, e as que são realizadas sem contato direto com os trabalhadores, mas implicam na aproximação com a agência, caracterizam o Furto¹, através da criação de túneis ou entram na agência de modo a não despertar a atenção das pessoas, e se dirigem ao local onde está guardado o dinheiro, quer sejam cofre ou terminais eletrônicos.

O contato com funcionários da agência pode ocorrer nos casos de Estelionato², em que não há uso ostensivo da violência.

¹ é a subtração de coisa alheia móvel para si ou para outrem (art. 155, caput). É, pois, o assenhoreamento da coisa com o fim de apoderar-se dela de modo definitivo. (MIRABETE, 2001, p. 219)

² o estelionato, cuja denominação deriva de *stellio* (lagarto que muda de cores, iludindo os insetos de que se alimenta) é assim definido na lei : Obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício, ardil, ou qualquer meio fraudulento. (MIRABETE, 2001, p. 299)

Embora, para a lei, o estelionato não caracterize uma situação que envolve violência, geralmente são referidas pelos bancários como situações de risco, de extremo desconforto, envolvendo quadrilhas especializadas com inserção em várias instâncias jurídicas, que atuam de modo a fraudar documentos para pagamento indevido de indenizações, pensões e outros fins.

Representa um agravante no cotidiano dos trabalhadores que além, da hipervigilância necessária à execução das tarefas de rotina, precisam manter-se atentos à atuação desses grupos criminosos, que pode representar a perda do emprego e a suspeita de envolvimento em fraude e formação de quadrilha.

As formas que envolvem a aproximação da agência e do trabalhador, e o uso da violência contra os mesmos, são os Roubos¹ e as Extorsões Mediante Seqüestro². Os roubos podem ser conduzidos sob forma de *Assalto*, com invasão da agência bancária pelos assaltantes com armamento pesado, podendo ter atuações mais dramáticas ou formas de ameaça e intimidação sem uso ostensivo da violência, mas com a demonstração de força, através da exibição de armas.

Podem, também, ser realizados através da tomada do gerente e dos familiares deste como reféns, em que o primeiro deve ir à agência bancária para retirar o dinheiro do banco e entregar aos assaltantes ou colocar em um local determinado por eles, cuja família é libertada em local distante. Esta modalidade é denominada pelo Código Penal Brasileiro de Extorsão Mediante Seqüestro.

Essas duas últimas formas distintas de atuação recebem uma denominação própria na terminologia do crime, que as designa levando em conta algumas características presentes na ação em curso.

O Vapor, que faz referência à tomada da agência de assalto, com a paralisia e rendição de funcionários, clientes e espectadores, por um grupo de assaltantes fortemente armados, que pode envolver a cidade ou partes dela, com troca de tiros, consistindo em uma ação dramática, com uso ostensivo da violência.

¹ É a subtração de coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio reduzido à impossibilidade de resistência (MIRABETE, 2001, p. 235)

² Seqüestrar pessoa com o fim de obter para si ou para outrem, qualquer vantagem, como condição ou como preço de resgate. (MIRABETE, 2001, p. 251-2)

O *Sapatinho*, que constitui a Extorsão Mediante Seqüestro; segundo entrevistados do grupo dos assaltantes, é uma modalidade “silenciosa”, que busca não despertar a atenção dos demais, “não fazer barulho”, minimizando a probabilidade de confronto e trocas de tiros com a polícia.

Ambas as formas caracterizam-se pela exposição dos trabalhadores a situações de perigo, serão referidas durante o texto e detalhadas em um momento específico, posteriormente.

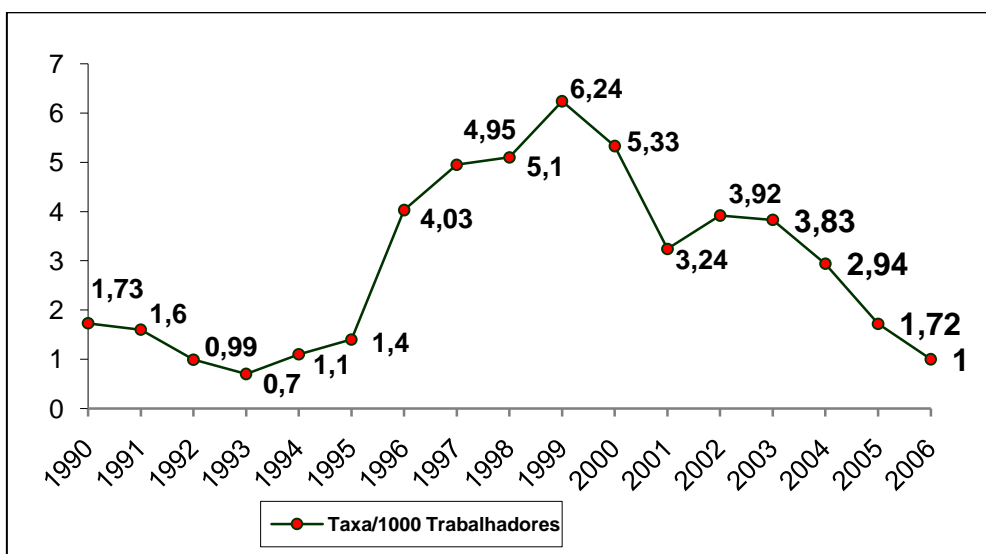
3.2 OS NÚMEROS DOS ASSALTOS E SEQÜESTROS:

O número de assaltos às instituições bancárias, assim como o risco dos trabalhadores, segue uma tendência de crescimento verificada em todo o país, haja vista o espaço ocupado por esse tipo de ocorrência nos meios de comunicação dos diversos sindicatos e páginas eletrônicas dedicadas aos bancários:

As agências bancárias do interior do Estado estão se transformando em verdadeiras zonas de perigo, com o aumento dos assaltos praticados por quadrilhas fortemente armadas e violentas. Somente esta semana três agências foram assaltadas no interior. Anteontem foi a vez dos habitantes de Encruzilhada passarem momentos de pânico em mais uma tentativa de assalto à banco. (Jornal dos Bancários- 07/04/2006)

O gráfico 3.1 apresenta a distribuição temporal da taxa calculada entre frequência de Roubos a Bancos e número de Empregados em Instituições Financeiras, no Estado da Bahia, no período compreendido entre 1990 a 2006, com os dados obtidos através do DIEESE e da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia:

Gráfico 3.1 Taxa de roubos a banco no estado da Bahia de 1990 a 2006

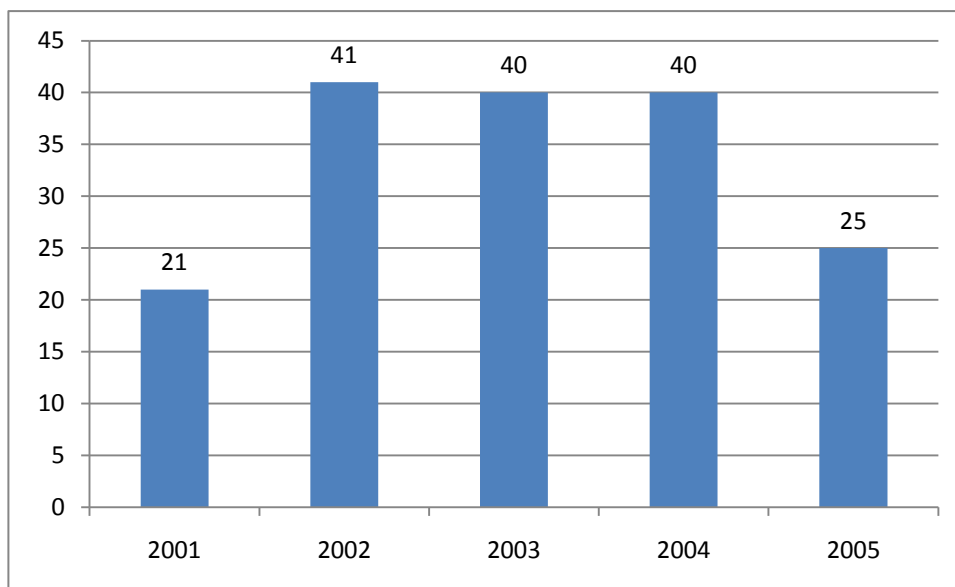


Fontes: DIEESE e Secretaria de Segurança Pública/ BA

O risco de roubo do trabalhador bancário diminuiu de 1990 (1.73) para 1993 (0.7), após o que vem crescendo progressivamente, atingindo seu ápice em 1999, quando a taxa era de 6.24 assaltos para cada mil trabalhadores bancários, sofrendo queda até 2001, a partir do que volta a crescer, chegando em 2002 a 3.9 assaltos /1000 funcionários, caindo em seguida, chegando a 1 assalto por mil bancários no ano de 2006.

No gráfico 3.2, foi contabilizado o número de eventos envolvendo os estados da Bahia e Sergipe de um banco estatal, no período de 2001 a 2005:

Gráfico 3.2 Número de assaltos de 2001 a 2005 em um banco estatal da Bahia e Sergipe:

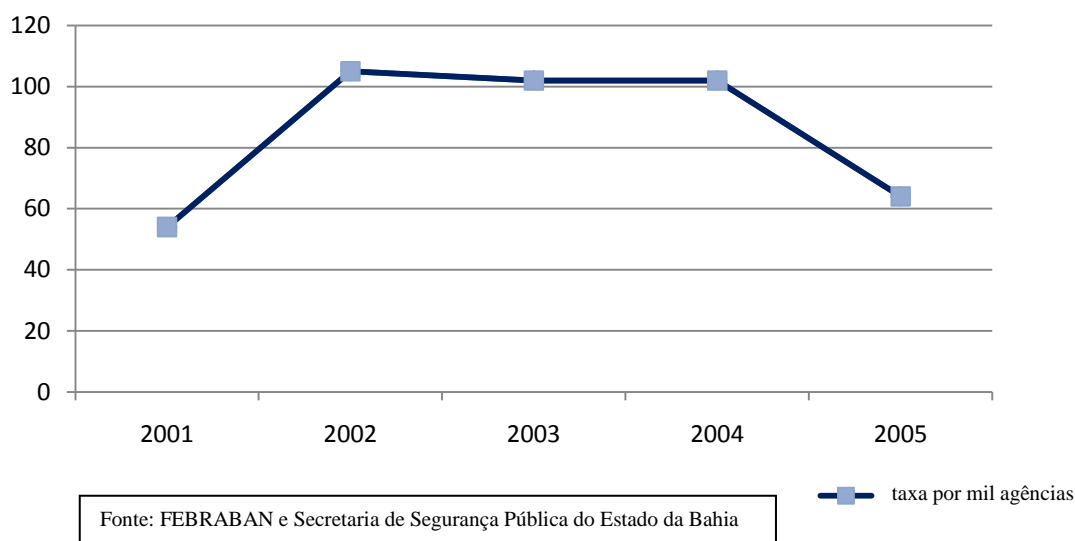


Fonte – Planilha de atendimento do programa de assistência às vítimas de assaltos e seqüestros

Percebe-se que a frequência de roubos duplicou do ano de 2001 (20 eventos) para 2002 (41 eventos), mantendo-se constante até 2004, quando, em 2005, caiu para 25 por ano, sendo essa queda atribuída à ação de uma Força-Tarefa, anti-assalto e seqüestro, realizada em parceria com diversas instituições públicas de segurança, visando coibir essas ocorrências.

Se verificarmos as taxas de assalto e seqüestro por agências, no gráfico 3.3, cujo risco duplicou do período compreendido entre 2001 (54/mil agências) e 2002 (105/mil agências), mantendo-se constante até 2004, quando caiu para 64/mil agências em 2005:

Gráfico 3.3 Taxa de assalto e seqüestro por agência no estado da Bahia de 2001 a 2005



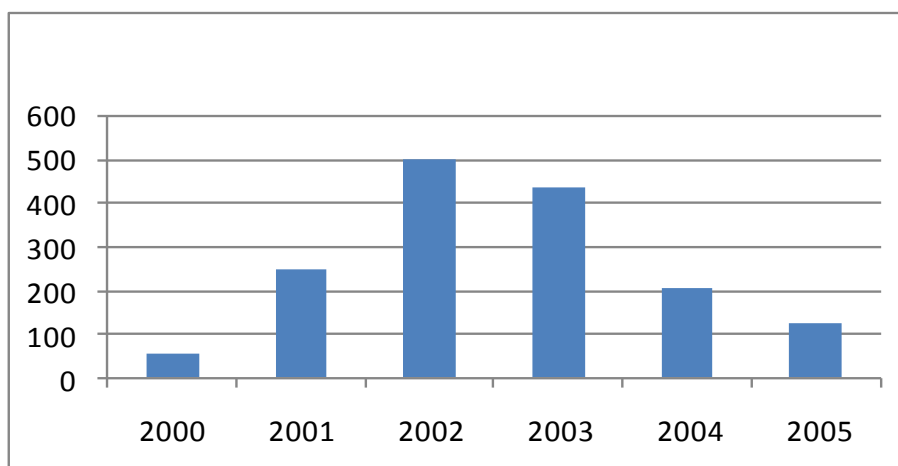
Essas informações contribuem para visualizar de a evolução dos assaltos à instituição bancária do Estado da Bahia e constituem um banco de dados, que é alimentado continuamente e auxilia na construção do conhecimento sobre o tema.

Os dados obtidos através dos atendimentos realizados no serviço de assistência às vítimas de assalto e seqüestro vêm sendo condensados ano a ano, desde que o mesmo foi criado em 2000, e permite conhecer melhor a evolução desses eventos na população bancária.

No período compreendido entre 06/2000 a 08/2005 foram assistidas 1.584 pessoas, que até então não contavam com nenhum tipo de acompanhamento estruturado e específico para essa questão.

Foram registrados 168 eventos, entre assaltos e seqüestros, sendo que 124 agências foram alvo e, dentre elas, 32 tiveram mais de uma ocorrência.

Gráfico 3.4 Número de vítimas de roubo a banco atendidas de 2000 a 2005



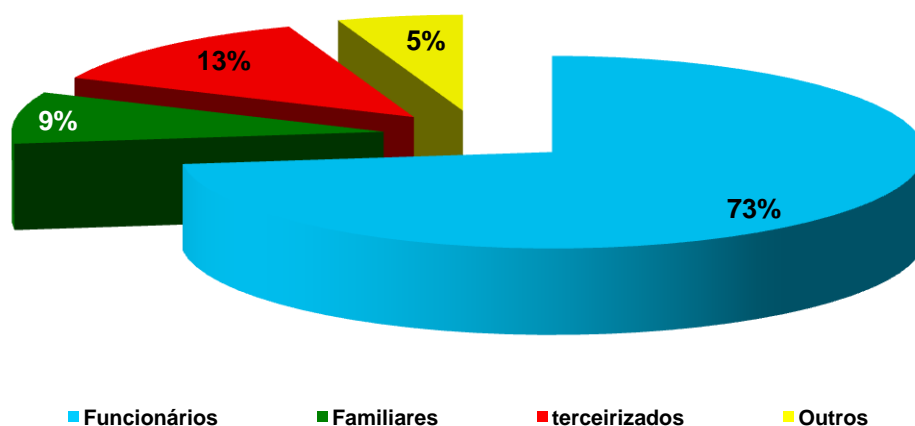
Fonte – Planilha de atendimento do programa de assistência a vítimas de assaltos e seqüestros na Bahia

Observa-se uma ascensão no número de pessoas assistidas de 2000 (54 pessoas) a 2002 (497 pessoas), e em 2003 começa uma tendência decrescente (435), 2004 (206) que se mantém até 2005 (162).

Essa redução provavelmente se deve a mudança no registro dos atendimentos, que envolvia todas as categorias, como trabalhadores terceirizados e clientes e passou a ser centrado nos bancários e familiares.

No gráfico 3.5 observa-se a distribuição de todas as categorias assistidas no período de 2000 a 2005.

Gráfico 3.5 Distribuição da população assistida de 2000 a 2005



Fonte: Programa de assistência às vítimas de assaltos e seqüestros da Bahia

A maior parte dos assistidos nesse período (82 %) é constituída por funcionários do banco e familiares destes, público alvo do programa, sendo que 73% é composta de funcionários do banco, e 9% constituída por familiares do bancários.

Dos 18 % restantes, 13% são os atendimentos a funcionários de outras categorias que prestam serviços ao banco (terceirizados) e os outros 5% são dirigidos a cliente e outras pessoas presentes no local do evento, que demandem atendimento.

4. CARACTERIZAÇÃO DOS ASSALTANTES DE BANCO

4.1 MOTIVAÇÃO¹:

A aquisição do dinheiro em espécie surge como o principal motivo para a realização dos assaltos a bancos.

Delson, 28 anos, que realizou um assalto a banco, conta como foi o convite para participar de um, em uma cidade de interior:

Meu primo me chamou pra levar ele num lugar, deixar ele e depois pegar. Não vou dizer que eu não sabia o que era, eu sabia. Ele me disse que ia ser uns 500 mil pra mim, então isso encheu meu olho. Ele me ligou: disse: tem uma parada aí, uma parada boa, vai ser uns 500 pra você. Só a minha parte? Já pensou?

O dinheiro de uma agência pode estar localizado nos setores de atendimento ao público, como os caixas, máquinas de auto-atendimento e no cofre, que concentra o montante de onde são retiradas quantias que suprem as necessidades diárias do banco.

Os grupos de criminosos mais organizados e especializados adotam como alvo principal o montante dos cofres, cujo valor é levantado previamente, e ainda podem levar quantias menores presentes nos caixas, enquanto os que possuem baixo nível de organização e planejamento podem obter dinheiro das baterias dos caixas, e retirar pertences de clientes e trabalhadores.

O dinheiro é um bem que possui algumas características, que o torna atraente para os assaltantes. Uma delas é a possibilidade de ser utilizado, circular livremente, e não deixar vestígios que possibilite identificar a localização dos assaltantes, exceto em um caso que será comentado mais adiante.

Conjunto de fatores que levam a pessoa a agir de determinado modo. (AULETE, 2004, p. 547)

Carlos, 31 anos, fala sobre a diferença de obter o dinheiro em espécie, em relação ao originário do tráfico de drogas ou dos malotes fechados do banco:

O dinheiro do banco você pega, gasta, passa de mão em mão, raramente é flagrante, já a droga é flagrante 24 horas, a polícia chega, dá uma batida na sua casa e encontra... Não vale a pena. A gente não fica com o dinheiro, a gente coloca nas casas de outros, da família. Ninguém fica com dinheiro em colchão, não. Agora teve um que eu fiquei com raiva, quando a gente abriu os malotes, era tudo de cheque. Eu vou querer cheque pra quê? Aí a gente não pode usar não, nem trocar, senão eles pegam. O cara que deu o canal não sabia. Ele viu os malotes chegando cheios e pensou que era tudo dinheiro, mas não era. Era mais papel, não adiantou nada. A gente largou os malotes abertos e se mandou.

Outras características do dinheiro em espécie são a possibilidade de adquirir bens e galgar uma condição social melhor sem que seja necessária a identificação da origem, além de resolver problemas inesperados e imediatos que afligem as pessoas e podem levá-las a participar de assaltos para sanar as dificuldades e, após a experiência, podem se manter na atividade criminosa ou sair da mesma.

O relato de Marcos, 44 anos, demonstra a importância da não identificação da origem do dinheiro na manutenção do anonimato das quadrilhas, assim como o conhecimento detalhado da situação do montante presente na agência, em que parte não era passível de utilização:

O assalto foi perfeito, a gente trabalhou nele por um bom tempo, tava tudo certo, até que a gente acertou que uma parte do dinheiro não podia ser gasta porque tava fora de circulação, então era marcado.. se jogasse na praça podiam pegar todo mundo..mas aí a senhora sabe como é, cada um tem uma cabeça, a gente não pode mandar nos outros, foram usar o dinheiro e aí a polícia foi pegando um por um.

Nesse caso, parte do dinheiro do assalto estava fora de circulação e por isso foi possível identificar a localização dos integrantes da quadrilha e prendê-los.

Sérgio, 31 anos, taxista, fala sobre a possibilidade da aquisição de bens:

Os caras me chamavam só pra levar eles depois dos assaltos. No início eu não sabia, depois eu ganhei 5 mil.. já pensou.. sem fazer nada? Sabe como é, você nunca teve aquilo, comprar calça de 800 reais, relógio de 2.500,00 reais. Você gosta. Quem não gosta? A senhora sabe esse Vectra novo? Eu estou apaixonado por ele.. eu chego assim, escolho e compro um à vista.. ninguém quer saber de onde vem o dinheiro...a senhora deve comprar o seu a prazo, né?

Outro motivo, identificado no estudo, que promove a permanência na atividade criminosa, principalmente nos assaltos às agências, na modalidade vapor, que se caracteriza pelo uso ostensivo da violência com destruição da estrutura física da agência, é o que eles denominam “*adrenalina*”, ou seja, uma excitação extremamente prazerosa, uma descarga de energia, que é mantida em níveis altos durante os assaltos e é seguida de relaxamento.

Os relatos a seguir retratam a dimensão dessa sensação:

A necessidade obriga, muitas vezes, aí a pessoa vai e faz.. aí gosta...o inimigo (o diabo) pega no que é bom.. parece que tem uma coisa assim.. a aventura..o perigo...parece que atrai.. a mente é roubada por aquele momento que dá certo..(Francisco, 43 anos).

Ele falou de um banco, que tinha tudo 'dado' (sabia detalhadamente o que iam encontrar), e que o dinheiro era bom..aí eu fui e gostei...olha.. vou dizer pra senhora, é gostoso demais...é mais gostoso do que correr atrás de mulher.. não tem coisa melhor não: você entrar assim numa cidade, dominar o pessoal do banco, chegar lá e pegar..é bom demais...dá uma coisa.. descarrega.. a gente sente é uma coisa forte...é uma adrenalina (Hamilton, 34 anos).

Os motivos que levam um grupo de indivíduos a adotar os bancos como alvos de suas investidas criminosas, nos conduzem a pensar em vários aspectos envolvidos na seguinte sentença: Por que obter o dinheiro dos bancos?

Isso implica em desvendar o significado das instituições bancárias e do dinheiro contido nas mesmas, para os assaltantes e o contexto em que essa atuação se desenvolve.

Matthews (2004), em seu estudo sobre assaltos, levanta a necessidade de aprofundar nessa resposta, aparentemente simples, que tem relação direta com esse tipo de crime. O mesmo autor levanta questões sobre os bancos serem depositários de dinheiro em espécie e terem limitações importantes nas estratégias de segurança, o que os torna alvos fáceis para as investidas criminosas.

Nascimento (2002) aborda a questão dos bancos ocuparem lugar de destaque na economia mundial e favorecerem a concentração de capital, sendo caracterizados por altas taxas de lucro, grande poder econômico e político

As instituições financeiras funcionam como centros de transações comerciais, sendo por isso apelidadas de "coração da modernidade" brasileira. O processo de mundialização da economia vem eleger o setor bancário como um lugar de realização de negócios numa esfera mundial. Nesse processo, o setor financeiro brasileiro é alvo prioritário, exigindo maior flexibilização nas tomadas de decisões. Esse processo veio favorecer a internacionalização do sistema financeiro, a institucionalização da figura do banco múltiplo e o fim da exigência da carta patente para abrir uma instituição financeira. Isso favorece uma concorrência cada vez mais acirrada, já que esse processo possibilitou a entrada de capital estrangeiro (FILGUEIRAS, 2001; DIEESE, 2000)

A lucratividade das instituições bancárias é amplamente veiculada na mídia o que reforça a solidez das mesmas para os investidores, podendo também estimular as investidas criminosas:

Na semana passada, o mercado financeiro voltou a ser tomado de assombro pelos balanços dos grandes bancos de varejo. Logo na segunda-feira, 21, o Banco do Brasil anunciou o maior lucro nominal de sua história: R\$ 3,024 bilhões. No dia seguinte, o Itaú extrapolou de novo e apresentou seu impressionante ganho de R\$ 3,776 bilhões – o maior lucro da história dos bancos de capital aberto no Brasil. E podia ter sido mais. Não fosse a decisão de amortizar 100% dos valores pagos para aumentar sua participação na Credicard e para plantar sua bandeira no Pão de Açúcar, o Itaú teria fechado o ano com um resultado superior a R\$ 4 bilhões. (TEIXEIRA E LIMA, disponível em <http://www.terra.com.br/istoedinheiro/390/financas/limites_bancos.htm> acesso em 06/12/2006)

Outro ponto, identificado no estudo, foi a justificativa para obtenção de dinheiro dos bancos, segundo a qual seria um patrimônio livre e não representaria perda para a instituição posto que seria ressarcida pela seguradora

O relato de João, 38 anos, reforça esse achado:

Assalto de banco não tem nada né? O dinheiro não é do trabalhador, é do governo, ele depois repõe, tem seguro, não é do trabalhador, não é de ninguém....Importante é não machucar o pobre que tá lá. Quando tem assalto eu mesmo nunca sou de levar dinheiro de cliente, celular.eu só quero o dinheiro que está no cofre...Ou no caixa, pois dinheiro do caixa também é do governo.

A tentativa de fornecer explicações para atenuar a gravidade e ilegalidade da atuação criminosa pode ser entendida a partir do conceito de técnica de neutralização desenvolvido por Sykes e Matza (2003), segundo o qual o criminoso tem consciência do teor de sua conduta porém busca ancorar-se nas justificativas que servem para não se sentir culpado e manter-se em atividade.

A valorização do roubo a banco pelos demais criminosos é apontada como um reforço para o grupo, visto que não visa o patrimônio do “trabalhador” e sim de empresas que dispõem de recursos, que “não irão fazer falta”.

Diante dessas considerações, a motivação centrada no dinheiro do banco aponta para uma questão grave que é o montante de dinheiro livre presente nas agências bancárias, que segue uma tendência de crescimento, e nos leva a pensar na expansão dos roubos aos bancos.

Essa situação piora com o aumento progressivo da quantidade de dinheiro em circulação nas agências, que, segundo dados do serviço de um banco estatal que acompanha essas ocorrências, de 2000 a 2005, o montante foi acrescido em 206,84%, mantendo a atratividade dessas instituições.

Esse trecho da entrevista de Luiz, 44 anos, assaltante de banco, comenta a percepção do crescimento do montante de dinheiro nas agências bancárias: “Naquela época, há 15 anos atrás, não existia tanto dinheiro em banco. Hoje tem demais, os bancos lucram demais, e quando passa na TV o valor.. Ave Maria...é muito dinheiro lá dentro.”

Nesse sentido, o perfil das instituições, apresentado na tabela 2, fornece informações sobre os locais de movimentação de dinheiro e a evolução deste ao longo do tempo:

Tabela 2 – Perfil das Instituições bancárias do Brasil de 2000 a 2005

	2005	2004	2003	2002	2001	2000	Variação (%) 2005/2004
Número de agências	17.515	17.260	16.829	17.049	16.841	16.396	1,5
Postos tradicionais (1)	9.527	9.837	10.045	10.140	10.241	9.495	-3,2
Postos eletrônicos	27.405	25.595	24.367	22.428	16.748	14.453	7,1
Correspondentes (2)	69.546	46.035	36.474	35.511	18.653	13.731	56,1
Total de dependências	123.993	98.727	87.715	82.128	62.483	54.075	25,6
Fonte: Febraban e Bacen disponível no site : http://www.febraban.org.br/ , acessado em 16/12/2006.							

Pode-se perceber que, apesar do avanço nos números das transações bancárias via Internet, de 2000 a 2005, o número de agências vem se mantendo relativamente estável, que reforça a hipótese de que parte da população avançou na utilização da Internet, mas ainda uma parcela considerável necessita fazer uso das dependências das instituições bancárias ou afins, o que resulta na permanência de concentração elevada de dinheiro e pessoas nas agências.

Se pensarmos que esse grupo, que integra a faixa da população que não tem acesso à Internet e busca receber os benefícios pagos pelo governo federal, geralmente em dinheiro, que representam sua fonte de renda exclusiva, podemos concluir que as pessoas pobres e idosas estão expostas a mais uma situação de risco quando utilizam serviços no interior das agências bancárias.

Outra questão que se apresenta é a progressiva transferência de algumas operações bancárias de menor complexidade para instituições privadas como casas lotéricas, supermercados e outros, que os expõe ao risco de roubos.

Os roubos aos bancos ainda caracterizam grandes oportunidades para investidas criminosas, tendo em vista a disponibilidade crescente de dinheiro em espécie nas agências, aliada às medidas deficientes de segurança

4.2 LIDERANÇA

Uma ação criminosa cujo objetivo é obter o patrimônio de uma instituição bancária, requer uma atuação em grupo, que deve ser coordenada por um indivíduo ou mais.

Letkermann (1973) levanta a importância do líder, nos grupos de assaltantes de banco, como aquele que vai selecionar os parceiros e alocar as responsabilidades de acordo com as habilidades de cada indivíduo que responda melhor às exigências da tarefa, o que demanda conhecimento sobre o alvo, os procedimentos a serem realizados e as pessoas que vão executá-lo.

A liderança é um aspecto dinâmico na vida do grupo, podendo determinar sua configuração e seu destino, e ser profundamente afetada pela interação grupal e pelas demandas do meio em que ela se desenvolve, pois a tarefa a que eles se propõem e o estilo de vida adotado representam um perigo e ameaça constante.

O líder deve concentrar uma série de habilidades, sendo que algumas são inatas, ele já as traz consigo, como a esperteza, astúcia, inteligência, perspicácia, e podem ser aprimoradas no decorrer do tempo, através da experiência, da realização de delitos e da tomada de decisões

As lideranças, denominadas “os cabeças”, na amostra estudada, concentram-se em dois ou três indivíduos, que, para ocuparem esse posto, devem possuir algumas características: ter um perfil negociador, que facilite a mediação dos conflitos na convivência com os demais para manter a ordem e coesão coletivas, assim como ter bons contatos, que significa captar informações para investidas seguras e rentáveis, representando uma fonte de “serviços”, e coordenar ações eficazes. Marisa, 38 anos, fala sobre os atributos de um bom líder: “Geralmente ele é o mais bem estruturado, que sabe trabalhar, sabe como funciona tudo. Participa de muitos, sabe o que cada um pode fazer. Dá mais idéia boa”.

Daniel, 30 anos, expressa sua opinião sobre o assunto:

A liderança era de três. Tem que ter capacidade, mente, e as armas. Porque não tem líder sem armas [risos] como é que você vai fazer um assalto e arrumar uma quadrilha sem arma? Tem que agir no bairro também, né?? Não deixar ninguém roubar, estuprar. Tomar conta da população, então tudo isso tem a regra do crime. Você, como líder, tem que seguir também, senão vai tudo por água abaixo, os planos, sua vida em risco. Senão, entra água. (Daniel 30 anos)

O trecho da entrevista acima deixa claros os atributos do líder, como ser previdente e possuir capital para investir em armas, e manter as normas do grupo, seguindo-as como os demais.

Aquino (2006), em seu estudo sobre assaltos aos bancos, coloca que não há uma liderança no grupo especializado em instituições financeiras porque os integrantes estão em situação de igualdade de conhecimento, experiência e capital e não se submetem aos demais. Porém o estilo encontrado nesse estudo caracteriza uma liderança centrada na idéia de eficácia e segurança, sendo aceitas as sugestões que parecem as mais adequadas e que minimizem os riscos e otimizem os resultados. A entrevista a seguir fornece elementos para a melhor compreensão da forma de liderança:

Mas quando é olhado, visto tudo, aí quem decide é o grupo, assim, cada um diz como acha que deve ser. É melhor assim ou assim, e decide pela maioria, se tiver cinco, porque nem sempre precisa dos oito. Se quatro concordar, tá decidido. Tem que saber qual é o melhor jeito de pegar o dinheiro e sair vivo”. Não tem isso de um líder dizer tem que ser assim e a gente ser obrigado a fazer, não é assim. (Vilma, 32 anos)

Paes Machado e Tapparelli (1996) em seu estudo sobre os jovens em conflito com a lei, na cidade de Salvador, subsidia a compreensão sobre a hierarquia das quadrilhas:

A quadrilha pode ser dividida em dois escalões: o escalão superior, formado pelos cabeças e o escalão inferior constituído pelos “de baixo” ou “peões” que, embora não façam parte do grupo, têm uma atuação complementar a este”. “os cabeças são os chefes, os mais fortes, corajosos, inteligentes, e audaciosos.” . “os cabeças que planejam e mandam executar os roubos e assaltos, fornecendo armas, organizando a divisão do roubo e punindo os covardes e traidores da quadrilha. (PAES MACHADO e TAPPARELLI ,1996, P.70)

Pertencer a um grupo com liderança estruturada é importante porque constitui uma referência e uma fonte regular de “contatos e trabalhos”, além de ser menos inseguro, pois expoe ele tem pessoas para se reportar caso haja alguma situação de risco numa ação: “Ninguém entra assim não, tem que alguém falar dele, ele já agiu assim, é do grupo de fulano [o líder]” (Sérgio, 31 anos).

A entrevista anterior ajuda a compreender a importância da recomendação ou referência, que confere confiabilidade ao indivíduo que vai participar de investidas com outras pessoas diferentes do grupo de origem.

Os aspectos negativos da liderança são despertar a inveja dos demais integrantes e o desejo de vingança, nos casos em que houve necessidade de punição por alguma atuação indevida em que o punido se sentiu injustiçado, pois, sendo o líder o indivíduo com a maior possibilidade de acumular bens, pode ser alvo da cobiça de todos os integrantes e quando há mais de uma liderança, ainda está sujeito a tensões nas relações com os demais líderes.

Foi freqüente a referência dos entrevistados à idéia de que o líder acumula mais capital e, portanto, pode ser alvo de atitudes destrutivas dentro do próprio grupo, em contrapartida não foi referida a rivalidade entre líderes de quadrilhas diferentes.

Podem ocorrer cisões entre os integrantes do mesmo grupo, porque alguns deles crescem dentro do grupo, com atuações eficazes, e almejam constituir seu próprio grupo, então arregimentam pessoas, passam a liderar novas quadrilhas e aumentam o lucro de suas atividades criminosas. Isto é particularmente verdadeiro nos casos dos indivíduos que reservaram uma parte do dinheiro obtido com o crime, que lhes vai permitir arregimentar pessoas e bancar os gastos necessários para novas investidas criminosas.

Nesse sentido, saber manejar o dinheiro obtido nos roubos, construindo um capital livre para ser investido, com munição, armas, além de cobrir as despesas extras, como as com serviços de saúde, que são utilizados quando ocorrem ferimentos durante as investidas, em que recorrem a serviços particulares e honorários advocatícios, quando acontecem de serem presos, representa mais uma habilidade atribuída ao líder.

A liderança, portanto, diz respeito a todo o processo de ação em grupo, chave desse tipo de investida criminosa e na tomada de decisões. Ela, assim como o evento, é dinâmica, mutável, influencia e é influenciada pelos acontecimentos que fazem parte da vida do grupo.

4.3 ESCOLHA E RECRUTAMENTOS DE PARCEIROS:

A natureza arriscada da tarefa, o contexto em que se desenvolve o crime, e as questões que o cercam fazem com que a escolha dos parceiros seja um elemento de extrema relevância, pois serão as pessoas que irão executar os procedimentos anteriormente definidos pelo grupo e que podem definir, através de sua atuação, o destino do mesmo.

Letkermann (1973), em seu estudo com assaltantes de banco, coloca que a questão da escolha dos parceiros se baseia na experiência requerida para o trabalho e que nos roubos, a capacidade de lidar com o público, já que é um evento que envolve a interação face a face, é muito importante, pois requer o convencimento e domínio sobre pessoas e o manejo de tensões das vítimas e autocontrole dos assaltantes.

Em contrapartida, esse mesmo autor refere que o uso de armas de fogo vem ocupando cada vez mais espaço na cena do crime, e substituindo habilidades negociais, antes mais requeridas, em decorrência do impacto das mesmas sobre as vítimas.

Recrutar novos parceiros é uma demanda que surge da necessidade de compor um novo grupo, ou recompor um grupo antigo, em que houve redução do número de pessoas, que pode ocorrer em decorrência de diversos fatores, como a cisão de um grupo, e criação de um novo; pela adoção de um alvo cujo montante de dinheiro é maior, portanto, tem mais aparato de segurança e precisa de mais pessoas “trabalhando” e pelas baixas do grupo que ocorrem em decorrência de troca de tiros com a polícia ou em acertos de contas entre os participantes do crime, sem contar com as desistências, ou seja, pessoas que abandonam a vida do crime, o que eles denominam “*perder o peito*”.

Ronaldo, 41 anos, fala dos critérios de entrada no grupo:

Aparência, educação, conta muito. A experiência nem sempre conta, porque tem gente que é a primeira vez e é bom, mostra que tem controle, que sabe fazer o negócio, que sabe chegar. Essa história do cara ter arma, roubar ônibus, fazer estrago, “barulho”, a gente nem pega, porque o cara vai fazer besteira, vai sujar, aí já sabe, vai dar latrocínio. A polícia e a opinião pública vão querer reação e aí a gente sobra. Então a gente vai querer um cara desses pra quê? Hoje o cara tem uma arma e acha que pode tudo, e às vezes não sabe nem atirar, nem tem controle dele, quanto mais da arma.

A entrevista acima mostra os critérios, cuidados e riscos envolvidos na escolha de quem vai participar das investidas; um deles é a aparência, apontada como elemento importante, será detalhada posteriormente; outro é a habilidade de agir de forma discreta, com

capacidade de autocontrole e a exclusão de indivíduos, cuja atuação prévia é reprovada pelos mesmos.

A atuação pautada no manejo do risco influencia todo o processo do roubo, desde a sua concepção, elaboração, planejamento e seleção de parceiros e do alvo, pois o perigo, nesses casos, é constante e impera todo o processo.

Marisa, 38 anos, fala sobre a responsabilidade de colocar uma pessoa para trabalhar:

Uma pessoa só pode colocar tudo a perder.. então você tem que ter muito cuidado, pois é um risco, às vezes você sabe como ele trabalha, mas nunca vai ter certeza como ele é e como vai ser na hora, eu analisava naquele “trabalho” quem ia mais com calma...quem podia ir.. (Marisa 38 anos).

Características como a frieza, destreza, coragem, astúcia, bom comportamento com as vítimas, possuir alguma referência, alguém “que garanta pela pessoa” são atributos necessários para integrar um grupo de assaltantes de banco. Clóvis, 38 anos, relata parte sua experiência com novos integrantes:

Às vezes a gente colocava outro, olhava como ele era. Pelo jeito eu sabia se dava, pela calma, pelo jeito de falar, pela experiência que a gente vai tendo. Logo que a gente começou tinha um deles que entrava já procurando uma vítima pra dar tapa na cara, e um dia, uma das vítimas, que era um bancário, caiu, se machucou e sangrou. Eu não podia ver sangue, ficava tonto, me sentia mal, aí eu falei com ele pra não ter mais aquilo, porque eu não me sentia bem, aí ele parou. Já teve assalto de algum deles vir com uma sacola de pertences dos outros, e eu mandar devolver. Uma vez eu despejei um saco cheio de pertences de cliente na mesa da gerente, cara a cara com ela, ela depois disse a polícia que não viu meu rosto. Eu conversei com ela, falei que não queria nada de ninguém, só o dinheiro do banco. (Clóvis, 38 anos)

A habilidade para manejar a situação é testada na ação, então o risco para todos é grande, pois nem sempre a atuação de um novato, como descrito acima, é a desejada pelos mais experientes e pode desencadear fatos graves que expõem todos a uma situação de perigo, conforme explica o entrevistado a seguir:

“Teve outro que tinha um novato que um vigilante foi mexer na pochete. Aí o outro disparou, matou o cara na . Não precisava, eu tava perto. O policial que atirou em mim, no braço, já tinha saído, então eu não ia fazer nada, porque se eu levantasse ele ia me matar. Aí o cara fez isso, foi triste, não precisava, fomos todos presos”.

O convite para participar de uma investida criminosa dessa monta pode se dar a partir de uma habilidade específica, como saber manejar sistemas elétricos, explosivos, telefonia, que sejam requeridas para uma tarefa especial, como relata Celso, 49 anos: “eles sabiam que eu sabia abrir carro sem chave, aí me chamaram”.

Uma boa “fama”, que significa ter atuado de forma eficaz e preferencialmente ter sido destaque na mídia, é um elemento que fala a favor de ser convidado para empreitadas melhores, ou seja, que envolva quantias maiores: “É assim, você vai fazendo a coisa certa. Aí ficam de olho, qualquer coisa boa lhe chamam, sabem que você é, pode fazer, vai pegando fama, trabalha direito, e quando aparece na TV [ênfase]” (Marcos, 44 anos)

Para selecionar os parceiros, são tomadas algumas medidas, que funcionam como garantias em relação ao grupo, como buscar conhecer a história do indivíduo, como foram suas atuações no crime e fora dele até o momento:

“Bem, não é assim não, querer e ir. Você tem que saber fazer, ter mente, porque ninguém lhe dá chance se você não tem, a gente olha como a pessoa é. Nunca é 100 por cento, mas a gente vê pelo que a pessoa fez. Alguém também garante a pessoa, conhece, indica. Aí se você for bom, é assim, começa e vai crescendo”. (Clóvis, 38 anos)

Esses cuidados falam sobre a segurança dos integrantes do grupo, pois a partir da ação indevida de uma pessoa toda a investida pode tomar um rumo indesejado, com enormes prejuízos para todos.

Apesar de se cercarem de precauções quanto à seleção dos parceiros, esta é sempre referida como tendo uma margem de insegurança, pois o comportamento humano tem algo do imprevisível e o mundo do crime não constitui um exemplo de fidelidade, além do que, se a motivação principal é o dinheiro, pressupõe-se que possa matar os companheiros para obter maiores quantias. Algumas entrevistas exemplificam esse aspecto:

“Então, mesmo num grupo que se conhece, tem o risco, porque maldito é o homem que confia no outro. Nunca é confiança cem por cento, porque a senhora sabe, o dinheiro é a perdição e a gente não está no coração de ninguém; e se não tivesse maldade, não era bandido. Acho que até mulher eu não confio cem por cento. Como agora, eu estou preso, ela está pela rua, né? Não sei”. (com Daniel, 30 anos)

“O conhecimento do próprio sistema, quando a pessoa não “cagueta”[não é informante], não denuncia, não dá nome de outras pessoas, a pessoa que agüenta apanhar, de confiança, agüenta ver um dinheiro no meio de 3 ou 4 , um dinheirinho mais ou menos, e não cria ambição pra matar o companheiro. Mas tem aquele lance que aquele que você pensa ter confiança, acontece, a traição. A verdade é essa, e as facilidades que tem”.
(Francisco, 43 anos)

A questão da (des) confiança na execução da tarefa e após esta é crucial para seleção, ainda assim, ela nunca é total, permanecendo durante todo o processo, pois se a motivação principal é o dinheiro ilícito e a obtenção deste está vinculado a uma série de acertos escusos, certamente a fluidez dos vínculos pode comprometer a segurança do grupo.

A aquisição da confiança e a eleição de outros para estarem juntos nas investidas, é referida como algo subjetivo, intuitivo, como exemplifica Hamilton, 34 anos: “A gente vai muito pelo sangue, tem gente que o sangue não é bom. Não combina com o seu..já teve alguma coisa, você sabe”. Apesar da evocação da intuição e aparente imprecisão, a qualidade do “sangue” parece ser pautada em dados objetivos de atuações passadas, que falam sobre a história do indivíduo.

A “boa aparência”, referência freqüente nas entrevistas como critério de seleção, quando aprofundada, é traduzido como ter a cor da pele clara:

Em entrevista com Marisa, 38 anos, foi perguntado: O que é ter boa aparência?

Ela respondeu: “Tipo assim, um negão. Um homem feio, mal encarado, com cara de mau. Tem que ter boa aparência. Ele não pode ficar perto do público, a pessoa pode se assustar”.

Ao perguntar, durante a entrevista, a Nildo, 37 anos, ele responde: “Negro é mais difícil. Às vezes fica do lado de fora, pra não chamar a atenção”.

O modo como o roubo vai ser efetivado determina a posição que vai ser ocupada pelos indivíduos de cor escura. Se for o vapor (Assalto), ocuparão posição de retaguarda, pois, segundo eles, assusta menos as pessoas, que logo as identificam como bandidos.

Davi, 30 anos, responde à minha pergunta sobre se há diferenças da participação do assaltante quanto à cor da pele: “Tem. O negro chama muita atenção. Todo mundo era claro, entrava às vezes com farda de polícia..as vezes a gente aluga, compra..dá um jeito. No caso aí de ser escuro, já pensou? ir em cima do cidadão? Ele ia ficar assustado”.

Clóvis, 38 anos, se declara negro, fala sobre a questão da cor da pele:

Tem importância sim. Minha cor mesmo atrapalha, chama a atenção. Se for claro, é melhor. Eu mesmo tinha que andar arrumado, então comprava roupa chique, na Alfred, ia lá, a moça cortava, media tudo, ficava bonitão. Relógio do bom, corrente, parecia um cliente, com carro, ficava fácil entrar em qualquer lugar

Nesse último caso, fica evidente a tentativa de disfarçar a cor da pele através do uso de roupas e adereços que reduzam o impacto da mesma nos indivíduos. Essa questão do estigma, concentrado na cor da pele escura, que foi identificada durante as entrevistas, é corroborada pelo depoimento de um bancário de cor da pele escura:

“Eu fiquei apavorado, porque eu senti que ia ser metralhado, porque eu fui como refém e na fuga a viatura atirava. Só depois que eu pude dizer que eu era bancário, porque eles iam me matar, eles não acreditaram. Eu sei que era por causa da minha cor”. (Rubem, 38 anos)

A situação descrita demonstra que a utilização de pessoas de pele clara é efetiva para enganar a polícia e demais pessoas, porque constata a predominância do estereótipo do criminoso de pele escura no imaginário social.

Quando a forma de atuação é o *Sapatinho*, que é o seqüestro do bancário e familiares, os negros são preteridos, evitando-se colocá-los, restringindo-os apenas aos casos de dirigir carro para a fuga, transportar armas ou tarefas secundárias. Nesse sentido, como modo de aproximação insuspeito do alvo para alcançar seus objetivos, as quadrilhas evoluem para a utilização progressiva de indivíduos de cor da pele clara.

Essas informações nos levam a constatar que, apesar da ampla experiência da polícia, dos bancários e da população com esse tipo de evento, persiste a idéia, no imaginário popular, do bandido /ladrão / assaltante condensada na figura do negro. Se os assaltantes continuam utilizando esse artifício, é porque ele é válido e é tão arraigado que resiste às evidências, e ao teste de realidade, quando as pessoas se confrontam com as prisões de assaltantes de pele clara.

Outro ponto importante e controverso na seleção dos parceiros é o uso de drogas ilícitas, que, apesar de inicialmente se mostrarem avessos às drogas, alguns admitem pessoas que as usam nos grupos, desde que consigam se controlar, e outros preferem indivíduos “limpos”, ou seja, que não usam drogas durante o assalto, embora usem no dia- a- dia, porém há os que não admitem pessoas que usam drogas ilícitas antes ou durante o roubo, pois temem o descontrole no momento e após o evento, criando situações de risco graves para os integrantes. Daniel, 38 anos, conta a experiência com drogas ilícitas no grupo:

“Eu usava maconha, mas nunca ia drogado, mas um amigo meu sempre ia. Ele usava maconha e bebida, eu não gostava, mas quando o cara é drogado e se controla, tem a cabeça dele, ele ficava sempre do lado de fora, às vezes ele ia drogado pra criar coragem”.

As drogas referidas são ilícitas e relacionadas geralmente à cocaína. Os usuários de Crack são excluídos dessas quadrilhas, ou não são aceitos, pois é considerada uma dependência grave, fazendo com que o usuário não mereça confiança e seja considerado uma ameaça às investidas criminosas.

O uso de cigarros, maconha e bebidas alcoólicas são referidos como aceitáveis, desde que não seja abusivo. O relato de um bancário, vítima de assalto, contribui para essa questão:

“Eu acho que tinha deles que tava drogado, porque ele tinha um olhão esbugalhado e vermelho, assim parecendo que tava drogado. Ele falava rápido, não parava, eu acho que eles devem usar pra criar coragem”. (Adolfo, 44 anos).

O uso de drogas durante assaltos parece mais comum do que é referido nas entrevistas, expondo os trabalhadores e os próprios assaltantes a uma situação adicional de risco, dado que o controle e a precisão nas ações ficam comprometidos pelas alterações psíquicas que as drogas podem provocar.

Voltando às formas de recrutamento e escolha dos parceiros, uma fonte de recrutamento de novos parceiros é a prisão, considerada por todos os entrevistados como uma local permanente de contatos. Muitos são presos e dentro das cadeias conhecem pessoas que estão sob a mesma condição onde podem combinar assaltos, passar o conhecimento que possuem e trocar experiências com os demais. Celso, 40 anos, fala sobre como a prisão serve a esse fim:

Aqui é que você conhece gente, pois sabem o que você fez e como você era, daqui vão refazendo as quadrilhas lá fora, vem um e diz: olha, eu estou precisando de alguém assim, assim. Como é que eu faço? Você tem o telefone dele? Aí você lembra, bota um pra falar com o outro e está feito. É assim que começa. (Celso, 40 anos).

Daniel, 30 anos, que cumpre pena em regime fechado, acusado de assalto a banco, fala sobre a importância das prisões na formação das quadrilhas:

Como diz, a gente preso aqui, né? As melhores quadrilhas saem da cadeia, aqui a gente tem tempo pra conversar, formar uma quadrilha, observar; mas veja bem, quem vê cara, não vê coração; às vezes a gente vê uma coisa aqui e lá fora a coisa é outra. (Daniel, 30 anos).

A escolha dos parceiros é mais um ponto crucial para a vida de um grupo que pretende realizar uma tarefa demasiado perigosa, e envolve muitos aspectos da vida dos indivíduos, de sua ação em conjunto e da forma como consegue manejar as dificuldades encontradas.

Uma questão que surge na seleção dos parceiros é o papel desempenhado pelas mulheres nas organizações criminosas, que será tratado a seguir, como um subitem deste capítulo.

4.3.1 O Papel das Mulheres nas Organizações Criminosas

As organizações criminosas são constituídas predominantemente por homens, sendo reservado às mulheres o desempenho de papéis da retaguarda dos crimes, seguindo a estratégia de redução de risco, que acompanha todo o processo de investida criminosa.

As mulheres facilitam a aquisição de informações para as investidas, podendo transitar nos espaços sociais sem levantar suspeitas porque, assim como os indivíduos de pele clara, não lhes é atribuído, no imaginário social, o papel de criminosas.

Às vezes ele me pedia pra olhar um banco, um carro forte, levar arma pra ele ou algum amigo. Depois eu encontrava ele. A gente trocava de roupa, ninguém desconfiava, trocava de carro e passava em todas as barreiras; um casal, quem ia desconfiar? Ele bem vestido. (Marisa, 38 anos)

“Usar mulher é mais pra ver alguma coisa, a agência, levar um dinheiro, mas eu nunca trabalhei com mulher não, mas soube que tem e que quando vai é melhor que muitos homens, era bonita, bem vestida”. (Celso, 40 anos)

Como exemplificado na entrevista anterior, as mulheres transitam como pessoas insuspeitas e constroem um disfarce de casal que consegue driblar a polícia e o esquema de segurança, podendo entrar na agência, levar armas, aproximar-se dos funcionários, no intuito de desviar a atenção, bem como proteger o patrimônio obtido pelo companheiro nos roubos.

Nesse sentido, o relato seguinte constitui um exemplo da movimentação de uma mulher na agência, que foi atribuída a ocorrência de um assalto:

Ela chegou perto da agência fechar e disse que tava esperando um contato de uma pessoa que ia lhe mandar um dinheiro, eu não sei, era tudo muito suspeito, não chegou ninguém, nem nada pra ela, e logo depois teve o assalto, eu acho que ela tava era olhando a agência, porque ela sumiu

Embora não tenha sido provada a participação da mesma, segue a suspeita, porque após alguns dias ocorreu o assalto e a transação que ela afirmava aguardar nunca aconteceu.

As lideranças femininas são raras, embora existam; elas ingressam no crime, muitas vezes por envolvimento afetivo com os parceiros, e desenvolvem ações junto a eles, dividindo atribuições e responsabilidades.

“Minha família sabia que era por amor, era uma doença..eles pensavam que ele trabalhava, ele era uma pessoa muito boa, ajudava todo mundo. Eu contei pra minha

mãe e ela ficou com raiva dele. Uma irmã minha é revoltada com isso, agora é que ela está me ajudando aqui dentro. Ela sempre me avisou: se ele me amasse ele não me levava, me deixava em casa. Ele aceitava que eu fosse, porque eu ficava com ciúme. Um homem bonito, carrão, era mulherengo, eu pensava que ele ia namorar. Ele um dia me proibiu, aí eu ameacei ele: se não for com você, eu vou fazer com outros. Ele dizia: você quer ir? Depois ele só confiava em mim. Teve um dia que ele foi com um rapaz e quase ia sendo preso, aí ele passou a só querer eu, porque um casal ninguém desconfiava”. (Marisa, 38 anos)

Vilma, 32 anos, comenta sua inserção no crime, através do companheiro:

Eu e ele era companheiro... era mais seguro, ele era o cabeça e tinha confiança em mim, praticamente era tudo eu que fazia. Eu que escolhia as pessoas pra trabalhar, a depender do trabalho, às vezes o homem sente segurança, confiança, porque a mulher pensa mais que o homem, né? O homem vai mais pela ação, atitude, a mulher usa mais a razão.

Ter “boa aparência”, que novamente significa ter a pele clara, vestir-se bem e ter “atitude”, constituem atributos recomendados para as mulheres, nessa atividade, pois sendo bem cuidadas e femininas conseguem desviar a atenção masculina, gênero predominante nos servidores dos aparelhos de segurança privada e pública, e podem agir livremente. Essa questão é abordada por uma das entrevistadas:

Eu só usava coisas boas. Bolsas e carteiras da Victor Hugo, tudo combinando, sandálias, tudo bom. Eles [os assaltantes] têm a maior paciência comigo. Às vezes eu digo a eles: hoje eu vou passar o dia cuidando de mim, no salão, quando não tem nada pra fazer [roubo] eles já sabem, eu estou no salão. Eles dizem: se quiser encontrar você é só procurar no melhor salão da cidade que tá lá. (Marisa, 38 anos)

Esse relato demonstra a importância do cuidado com a aparência, que é destinada às mulheres, constituindo, portanto, uma fonte de despesas para as mesmas, que devem ser custeadas com o dinheiro obtido nas investidas.

Outra atribuição para as mulheres é cuidar dos reféns, nas extorsões mediante seqüestro, no cativado ou no domicílio, principalmente quando as vítimas forem mulheres e crianças, porque têm mais facilidade de lidarem, constituindo uma figura menos ameaçadora para as mesmas. Podem, também, ser responsáveis pela alimentação e cuidados com a casa que os assaltantes alugam nas cidades onde vão cometer os delitos.

Uma função que pode ser destinada às mulheres é serem colocadas em lugares estratégicos, nos seqüestros, servindo como um prolongamento da presença dos seqüestradores, o que aumenta a sensação de ameaça e domínio do bancário, sem levantar suspeita sobre elas.

Embora seja destinada às mesmas prioritariamente as funções de retaguarda, a participação na linha de frente dos roubos acompanha a tendência progressiva da ocupação

das mulheres em atividades antes restritas aos homens, manejando armamentos pesados, com atuações referidas como tão eficazes quanto as executadas por homens, como comenta a Renato, 37 anos, a seguir:

“Mulher tem. Eu não gosto muito não, agora teve uma que já trabalhou comigo. É boa, trabalha bem, era mais com o pessoal aí. É mais difícil, mas hoje tem mais, às vezes é melhor trabalhar com mulher do que com certos homens, tem mulher que é mais homem que certos homens, não é masculina, é feminina, é homem na atitude, no assalto. Essa trabalha bem. Na rua pensa que ela é uma doutora, uma gerente, cliente, se veste bem, bonita, ninguém jura que ela é bandida”.

A utilização de mulheres e de pessoas de cor clara segue a lógica da estratégia pautada na redução de risco, ou seja, adotar formas de aproximação e atuação com o mínimo de risco possível, e demonstra o nível de organização e planejamento das quadrilhas, que estudam detalhadamente as melhores formas de ação, que conseguem enxergar detalhes do imaginário social para agirem como verdadeiros camaleões frente aos alvos e às vítimas.

4.4 FORMATOS DIVERSIFICADOS DAS ORGANIZAÇÕES CRIMINOSAS

Os roubos a bancos podem ser cometidos por diversos tipos de grupos de criminosos, desde as quadrilhas menos estruturadas, que prioritariamente adotam alvos menores e eventualmente realizam assaltos em pequenas agências bancárias, até os grupos mais organizados, que concentram suas atividades em alvos maiores, como os bancos, visando obter grandes somas de dinheiro em espécie, embora possam ter como alvo bancos menores, para se capitalizar para uma investida maior.

Nesse sentido, a classificação dos assaltantes, proposta por Matthews (2002), em grupos de *amadores*, *intermediários*, e *profissionais*, referida na introdução do presente trabalho, contribui para a compreensão das diferenças entre os grupos de assaltantes, em que alguns elegem os bancos como alvos de suas investidas, enquanto outros podem ter nos bancos um adicional nas suas carreiras, mas não constituir seu alvo preferencial.

A distinção entre esses grupos é constituída a partir do tipo de alvo, da motivação, da forma como manejam os riscos envolvidos, o grau de violência empregado nas ações, o uso efetivo de armas de fogo, assim como as características relacionadas à faixa etária. (MATTHEWS 2002)

Dessa forma, os grupos que adotam alvos menores são compostos, em sua maioria, por *amadores*, e são selecionados porque requerem um nível de planejamento menor, são menos rentáveis, mas contam com menor aparato de segurança patrimonial, que reduz o custo da investida criminosa, podendo ser utilizadas armas com menor poder de fogo, como revólveres, dispensando gastos com armamentos pesados, e não há custo com locação de casas, além de ser necessário um número reduzido de pessoas para realizá-lo.

Paradoxalmente, os riscos para os envolvidos nesse grupo não são pequenos, pois, ao mesmo tempo em que requerem menores investimentos, atraem pessoas com necessidade imediata de obtenção de dinheiro, com atuações mais predatórias, ou seja, com menor habilidade no manejo de armas, da tensão das vítimas e de si mesmo, o nível de planejamento é menor, sendo mais freqüente o uso de drogas ou a motivação para manter a dependência às drogas e a estimativa da relação custo/ risco/ benefício é precária.

Embora priorizem pequenos alvos, tais grupos podem incluir os bancos de pequeno porte em suas investidas criminosas, o que os valoriza no mundo do crime, constituindo um teste para a possibilidade da aquisição de uma posição hierárquica superior. A entrevista com Lúcio, 26 anos, fornece informações sobre as características desse tipo de grupo.

Eu não quis ficar na escola, eu não tinha cabeça para estudar, mas eu queria era ser médico, era meu sonho. Eu saí de casa cedo, com 16 anos. Comecei assim, vendendo picolé, coisas na feira, aí fui me envolvendo com um pessoal lá que eu conheço desde que era pequeno. No começo era corrente, bolsa, saía correndo, a PM [polícia] pegava, batia na gente, depois a gente voltava; eu fui crescendo nisso, aí eu fui ganhando corpo, eles foram vendo que eu trabalhava direito, e tinha assim, atitude de homem. Aí me chamaram pra fazer pagamento, saidinha de firma, sabe como é, é assim, tem um grupo maior, uma quadrilha mesmo, vê que você agüenta, que você é homem mesmo e aí vai pra coisa maior. Tipo assim, mercado, pagamento de firma, eu já fiz muito, eu já fiz banco pequeno, posto avançado, com poucos funcionários, dá pouco dinheiro, mas já vai servindo pra uma coisa ou outra, a gente só usava 38, pistola 9 (mm). Nunca usei fuzil. Aí você aprende, vai tentando, atira e vai aprendendo, não tem essa de não saber.

A minha família não sabia, recebia o meu dinheiro. Iam fazer o quê? Ninguém tinha dinheiro, não, era pra comida mesmo. Cansei de chegar em casa sem ter nada pra comer. A gente era quatro, muito amigo, desde criança eu conhecia eles, já fez tanta coisa. A gente já fechou cidade de ponta a ponta e fez assim um tipo arrastão, que a gente chama de garimpagem, vai pegando tudo, de loja, povo, entra em banco, sai atirando pra valer, pega tudo. Sai pegando o que vier pela frente [refere-se ao dinheiro e pertences de clientes, bancários e transeuntes], porque às vezes o banco é muito pequeno e o dinheiro não compensa, mas a gente só vai sabendo o que vai encontrar, tipo assim alguém da cidade diz que tem dia de pagamento, aí a gente vai. Já teve vez da gente esperar o dia amanhecer pra começar e passar o dia roubando. Fez uma limpa mesmo, não ficou nada (Lúcio, 26 anos).

Fica clara a associação entre o cometimento de pequenos furtos e roubos, motivados pela satisfação de necessidades imediatas, e a estimativa de risco precária, dado que ao invadir uma cidade, na *garimpagem*, como forma de otimizar o lucro, podem,

inadvertidamente, serem recebidos pela polícia, ou desencadear uma reação desta, ou de parte da população, gerando conflito de graves proporções, representando perigo para todos os presentes.

Outro grupo que pode incluir os bancos nas investidas criminosas é constituído por assaltantes denominados *intermediários*, que, segundo Matthews (2002), possuem um nível mais elaborado de organização e experiência que os amadores, assim como planejam de modo mais adequado que os primeiros, tendo história longa de envolvimento com crimes e são menos motivados pelo uso de drogas ou outras demandas imediatas. Este grupo pode ser dividido em dois subgrupos.

O primeiro subgrupo é constituído por indivíduos que estão envolvidos em vários tipos de crimes e demonstram presteza para agir diante de qualquer oportunidade, caracterizando uma flexibilidade que os protege de serem identificados pela polícia, porque eles não são ligados a um tipo específico de crime e nem como integrando um grupo fixo de criminosos, enquanto o segundo grupo é composto por indivíduos mais experientes, que evoluem no sentido de maior organização e planejamento. A entrevista com Marcelo, 30 anos, constitui um exemplo dessa situação:

Eu comecei fazendo vacilo, sabe como é vacilo? Entrar, pegar as coisas e sair. Mercadinho, loja, por necessidade. Depois foi aumentando, até pegar lotérica, pagamento, e fiz uns bancos, mas banco pequeno. Eu só entro em banco de até uns 20.000, porque senão não vale a pena, agora se for eu sozinho, até uns 5 mil eu entro, por que aí vai ser só eu, não precisa de outro, porque se for pra dividir não vale, não fica nada, tem que medir tudo, né? Não adianta eu dizer pra senhora, tem gente que pega mixaria. Aí não vale a pena, é arriscado demais. Eu digo que a gente tem que prezar nossa vida.. Engraçado, parece que o que a gente mostra que tem menos valor, na hora do assalto, é o que tem mais valor, na hora lá. Ninguém quer perder a vida. Ninguém quer isso: a vida tem muito valor. Já pensou, morrer lá por erro dos outros? Meu grupo tinha uns treze caras, a maioria morreu, já. Sabe como é, o crime tem uma lei. Todo mundo tem que seguir, dívida de crime não é como SPC: você fica cinco anos sujo e depois limpa seu nome. Você vai morrer, se não pagar. Você já sabe isso quando entra, não tem outra. Então, quando eu fui preso eu tava sem usar droga. Antes eu usava Crack e maconha, mas tinha parado. (MARCELO, 30 anos).

A entrevista acima fornece elementos que ajudam a compreender a dinâmica dos grupos de intermediários em que a seleção do alvo e o planejamento são mais apurados, e há uma estimativa da relação custo/ risco/ benefício menos precária que no grupo de amadores, assim como demonstra uma atuação não pautada na satisfação de necessidades imediatas.

O terceiro grupo, seguindo a classificação proposta por Matthews (2002), é constituído por assaltantes profissionais, os quais são denominados dessa forma por serem mais experientes, com alto nível de organização e planejamento, cujas ações não são pautadas pela satisfação de necessidades imediatas. Muitos são motivados pelo risco e pela satisfação de

realizar uma tarefa que envolve certo grau de complexidade, sobre as quais se debruçam buscando a estratégia mais eficaz.

Os integrantes desse último grupo mantêm a atuação em um tipo específico de crime, o que lhes confere graus variados de especialização, embora realizem outros, muitas vezes como forma de atingir alvos maiores, porém não se envolvem em crimes considerados “menores”, como os realizados pelos amadores. A entrevista de Renato, 37 anos, fala sobre a inserção dele nos roubos a bancos, realizados por quadrilhas de ramificações interestaduais:

Eu não era bandido, eles apareceram na hora certa. Eu tava precisando de pessoas pra trabalhar comigo. Eu não sabia, queria, mas não tinha experiência. Aí chegou lá, aí tinha um carro forte que eu já sabia. Aí ele disse: aqui. Temos armas, mas não tem dinheiro, tá todo mundo sem dinheiro. Eram mais três.

Eu disse; eu nunca roubei, nunca fiz nada, tô entrando na vida do crime agora, eu ia assaltar a firma que o cara me disse que ia chegar 80 mil, foi o gerente que me disse. Ele disse: tudo bem, eles vinham com carro e arma, já. Eu então peguei a arma de meu cunhado e fui com meu irmão. Eu botei na minha cabeça: esses caras são bandidos mesmo, com aquelas pistolas. Na hora que o carro vier, eu vou ser o primeiro pra mostrar que tenho coragem mesmo. Botei uma meia calça de mulher, o rosto fica deformado, apertado, ninguém reconhece. A gente pegou, não maltratamos ninguém. Só que era só 10 mil, aí deu só 5 mil, aí eu comecei a pensar alto, eu sempre pensei alto. Aí falei com meu irmão: eu não vou parar. Esses caras aí a gente não sabe se vão ficar com a gente, eles vão pra outro canto, a gente vai ficar aqui.

Eu só vou parar quando tiver dinheiro pra comprar meu caminhãozinho. Com esses 5 mil a gente compra duas pistolas, duas espingardas e vai sobrar um dinheirinho. Isso era pra roubar um banco. Eram 600 reais e uma espingarda. Eu fui sozinho, meu irmão não quis ir. Ele não falou a ninguém de casa. Aí eu fui com eles, me chamaram, gostaram muito de mim, tive que viajar. Eles me chamaram pra fazer um assalto a banco. Viajei com a roupa do corpo. Eles disseram que eles compravam tudo, meu irmão disse: não vai, eles vão te matar. Eu disse: a vida é só aqui, se eu tiver que morrer, eu morro aqui. Daí fez o meu primeiro assalto e foi 11 mil pra cada um. Eu, aquilo na minha cabeça do caminhãozinho, com 7 mil, o que eu queria eu comprava. Eu esqueci. Eu fui pro shopping. Na época a marca brasileira era Zoomp e Fórum, eu comprei umas calças, camisa, sapato bonito, corrente de ouro, agora eu estou do jeito que eu gosto. Pensei: agora eu só vou parar quando eu puder comprar uma Mercedes nova. Eu já abandonei o caminhãozinho, agora era tudo automático comprei uma metralhadora, aí fui fazer outro assalto, aí surgiu um carro forte. Saía de um estado para o outro, 6 milhões, a gente não tinha fuzil, compramos dois fuzis, eu escolho e pago pra alguém trazer. A federal já me prendeu lá, mas eu não tinha nada, vai de conhecimento, com um telefonema eu compro, comprei uma moto importada pra mim. (RENATO, 37 anos)

O relato anterior demonstra uma boa estimativa dos custos e dos riscos, assim como conhecimento adquirido com as investidas ao longo da carreira, que apontam para a caracterização de um *profissional*, especializado nesse tipo de roubo, que concentra as investidas nas instituições bancárias e forma verdadeiras Organizações Criminosas, em decorrência do grau de especialização, planejamento e estruturação que demonstram, com grande capacidade de adiantar-se aos sistemas de segurança, mostrando-se atualizados e

inovadores nas suas ações, atuando dentro uma rede de contatos estabelecida e confiável, visto que a vida no crime oferece perigos que devem ser manejados de forma cuidadosa.

Foram identificadas, neste estudo, duas formas de apresentação das organizações criminosas, *com vínculo de parentesco* e a constituída por conhecidos, ou seja, *sem vínculo de parentesco*.

Essas organizações adotam alvos em que serão obtidas grandes somas em dinheiro e, por isso, de maneira semelhante aos grandes empreendimentos, buscam concentrar suas atividades nas mãos de algumas famílias, constituindo-se verdadeiros clãs, ficando conhecidas pelo nome da família que ocupa posição de destaque na quadrilha, e que muitas vezes a originou, em contrapartida, são obrigadas a absorver pessoas sem vínculo de parentesco, por conta do surgimento de novas oportunidades para o crime e o fluxo de pessoas no interior das quadrilhas por morte ou saída do grupo.

As organizações criminosas *sem vínculo de parentesco* são formadas por pessoas que se conhecem há algum tempo, no local onde residem, ou desde a infância, o que facilita estabelecerem algum vínculo de confiança para que possam constituir um grupo para atuar nas investidas criminosas.

Ambas apresentam vantagens e desvantagens que dizem respeito à forma de relacionamento dos integrantes com a liderança, os vínculos do grupo, aspectos ligados à segurança, gestão dos riscos da tarefa, o modo de lidar com eventos fatais ou lesões físicas graves, assim como outras questões ligadas à dinâmica das mesmas.

As organizações com vínculo de parentesco têm a vantagem do fortalecimento dos vínculos entre os integrantes do grupo, resultando em maior lealdade e menor risco de matar uns aos outros e de ser abandonado em caso de prisão.

As desvantagens desse tipo começam a partir de como gerenciar as tensões do grupo, e não favorecer parentes, visto que concentram integrantes das famílias, mas não são exclusivos delas. Diante disso, surgem questões de como exercer a autoridade requerida de um líder, em caso de cometer um erro grave, colocando a todos em risco, em se tratando de um familiar, ou como manter a ação em curso, durante um roubo, no caso de ferimento grave ou morte de um irmão, tio, primo, ou alguém que tenha outro vínculo de parentesco.

Essas questões fazem com que muitos não envolvam familiares nas investidas criminosas, pois sabem que, apesar do planejamento bem elaborado, os roubos a bancos são situações de extremo risco, em que é necessário autocontrole para enfrentar as adversidades e imprevistos. Ver um irmão ser baleado e tombar durante um assalto em trocas de tiros com a polícia é descrito pelos assaltantes como algo que poderia abalar o autocontrole do indivíduo

e não seria bom para a execução da tarefa. As entrevistas que seguem irão ajudar a nos aproximar dessa divisão, que pode ocorrer no indivíduo frente a essa situação:

Isso de ter família ou não, tem dois lados. Um que é mais seguro, porque na hora do dinheiro é mais difícil seu irmão, seu parente, te fazer maldade, covardia. Agora você fica mais preocupado, porque se matar seu irmão, você ver seu irmão morrer...é difícil, né?? Se alguém erra feio, você tem que matar. E se for seu irmão? Você não vai poder fazer isso? Aí é você que tá em risco, porque se erra, tem que pagar. Por quê seu irmão não vai pagar, se é uma lei só?. Outra: você vê seu irmão ser morto. Você vai deixar ele? Porque você tem que sair, tem que se mandar, e você vai deixar seu irmão pra trás? Eu já vi gente nossa cair. Se fosse meu parente? Eu ficava mal. Podia atrapalhar, querer ajudar. Na hora, não pode. Tem um lado que você pode confiar mais; mas tem outro que na hora atrapalha. Porque você tem que deixar, você não vai arrastar ele, não pode, se não você é morto também. Na hora, cada um preza sua vida, tem que ser frio; quem tá ali, sabe que pode acontecer. Se você ficar tentando coisa demais, você sobra (morre ou vai preso). Eu já vi vários de meus companheiros serem mortos, e eu ter que atirar em polícia, fugir. Dá raiva, muita, porque a polícia vem pra matar e muitas vezes é pior que nós, faz barbaridade. Quem tem família deve ser mais seguro, mas eu prefiro assim, com gente que não é da família. (MARCELO, 30anos).

A entrevista com Renato, 37 anos, mostra o ponto de vista de quem tem envolvimento de parentes na quadrilha:

Com certeza é mais seguro com família, mas eu prefiro não tá, porque é uma preocupação a menos, porque irmão é irmão, é seu sangue. Você ver seu irmão morto ou baleado, com um amigo já é duro, o que é que você vai fazer? Ou você fica com ele, e é morto ou baleado, ou foge e larga ele. Vai me desmontar muito mais. Eu perdi um irmão na cadeia. Conversei com ele. Ele tava fazendo coisas erradas, bebendo muito... a polícia matou. Ele tinha 23 anos. A polícia deu um tiro na nuca dele. Ele era filho da minha irmã, mas meus pais registraram como filho. É mais seguro, mas gera outros problemas. Mas sem família, às vezes, você sai pra *trabalhar* com quem não conhece, nunca viu e acontece de mesmo quem você conhece fazer covardia e matar. Como matou 2 amigos meus em Brasília. O cara que matou chamava todo mundo de irmãozinho. Foi dentro do apartamento dele. Foi por ganância, porque, disseram eles, que tava cheio de dinheiro, aí ficou com a Cherokee, um Vectra e trezentos mil. Meu irmão tava junto, mas Deus tirou ele na hora, ou não era a hora dele. Mata pela ambição. Quando tem um grupo que já tá junto, assalta junto, é mais difícil, mas acontece, porque sempre precisa de outros, quando se junta com pessoas erradas, tem sempre o risco. Do jeito que tem gente errada na sociedade, há o ambicioso na vida do crime, que ele tem o dele e não se contenta, ele quer o meu, o seu. (RENATO, 37 anos).

Confiança e lealdade nesses casos são de extrema importância por conta dos perigos presentes durante toda a execução dos crimes, e após estes, pois os riscos de morte e lesões graves, assim como o de ser preso, são constantes e muitas vezes estão relacionados às situações de conflito dentro do próprio grupo. São situações em que há interesses em relação à posse do dinheiro obtido com o crime, podendo levar a traições e desfechos graves, como foi citado na entrevista anterior, ou em tomadas de decisões durante os roubos, diante de eventos

inesperados. A entrevista com Sérgio, 31 anos, a seguir, expõe a questão dos eventos inesperados durante os roubos.

Outra vez, foi que um de meus companheiros resolveu matar a policia. Eu não sei porque, deu nele na hora. Eles não fizeram nada, estavam como reféns. Disse: Vamo matar!!! Eu disse: matar o que rapaz, porque?

Ah, porque eu resolvi que vou matar, e os dois. Eu fiquei convencendo eles a não matar, foi na fuga. Aí quando eu vi eles me botaram do lado deles, como quem ia me matar também, eu aí pensei: não vou morrer pra defender esses caras não, mudei de lado e fiquei com meu companheiros, mas a policia, por causa da morte dos outros, veio pra cima, matou dois dos meus naquele dia. Com tiro de fuzil, no lado do peito, ficou um buraco no peito e outro nas costas. Eu ainda andei muito com eles mortos, sangrando dentro do carro. Eu não podia parar. Fazer o quê? E o gerente tava, viu tudo. (SÉRGIO, 31 anos)

O relato acima aponta para atitudes imprevisíveis dos assaltantes, além da utilização da violência expressiva, pois não tem função no contexto, visto que estavam em fuga, e resultou em uma ofensiva policial que causou a morte de outros assaltantes. Além disso, aparece o trabalhador bancário, que não só assiste a toda cena, como está em situação de extrema vulnerabilidade, sem possibilidade de defesa, à mercê da atuação da polícia e da resposta dos bandidos.

Uma ocorrência que influencia as organizações é a entrada nas famílias através dos casamentos entre os integrantes das quadrilhas e as mulheres originárias das famílias que as lideram, o que representam o estreitamento de laços entre os integrantes, mas não chega a substituir os vínculos de consangüinidade. No relato a seguir, Hamilton, 34 anos, fala sobre essa questão: “Éramos eu mais uns cunhados, irmãos de minha mulher, e outros, que a gente ia pegando, quando precisava. É, minha mulher é irmã dele [do líder], a senhora conhece? É esse, o cara é bom, é tudo envolvido”.

Ao ser perguntado se é mais seguro quando envolve família: “Ele diz: é e não é. Às vezes o olho cresce do mesmo jeito e eles eram meus cunhados, não eram meu sangue, não tinha nenhum irmão meu não, ninguém meu. Era tudo da família dela”. (Hamilton, 34 anos).

Esta entrevista demonstra que apesar do estreitamento de laços entre os integrantes da quadrilha, através dos casamentos, não substitui a consangüinidade, que é tida como um vínculo maior do que os outros.

Uma estratégia que vem sendo adotada pelas Organizações Criminosas, especializadas em roubos a bancos, é o que vou denominar de *Intercâmbio Criminal*. Este ocorre quando integrantes de quadrilhas de outros estados são convidados para participar de roubos em cidades ou estados diferentes de sua atuação rotineira.

Eles se deslocam para realizar roubos específicos, podendo ficar na região por um período, realizando outros roubos, ou podem ficar apenas o tempo necessário para a realização daquela investida criminosa para a qual foram contratados. Para tanto, são mantidos contatos via telefone celular, e muitos são conhecidos ou *indicados* de dentro dos presídios, onde é *levantado* o perfil do contratado.

Essa forma de interação é denominada, pela força policial, de *Quadrilhas Itinerantes*, que será descrita na entrevista com um delegado especializado em roubos:

Em 95, nós tivemos o início da atuação maciça de quadrilhas, principalmente as quadrilhas itinerantes, que é uma grande organização criminosa do sul do país, que consegue se ramificar ou consegue alguma informação em outros estados, e essa informação... ele convoca pessoas de vários estados que vêm pra Bahia, no caso, pra fazer só aquele assalto. Faz o assalto e vão embora. É, na realidade, a quadrilha não é formada aqui, a quadrilha é do Sul e que tem informantes em todo o país, aí o cara liga pra ele, como um deles: ó rapaz, nós temos uma parada aqui que dá pra render – besteira, ele não quer, ele só quer de um milhão pra cima – que dá pra render dois milhões. Porque o investimento é muito grande, eles alugam casas diferenciadas. Eles alugam casas em bairros diferenciados, mansões por temporada, com piscina e tudo, eles só viajam de avião, eles contratam o que eles chamam de pombo correio, que é aquele cidadão que a função dele na quadrilha é trazer as armas e levar as armas e o dinheiro embora, porque na realidade, se a polícia pegar ele, ele não tem um tostão na mão. Então esse pessoal pega carros, geralmente carros utilitários, as armas são escondidas nas portas, embaixo dos carros, em fundos falsos, e vêm de carro pra cidade, aqui as armas são entregues pra eles, eles fazem o assalto, na mesma forma, eles botam o dinheiro dentro desses carros, como aconteceu em Fortaleza, vocês viram que eles chegaram a comprar quase dez carros pra poder enxertar o dinheiro dentro e encarrega uma pessoa pra poder levar esses carros embora. E esses carros são entregues a eles no destino, então se a polícia pega, eles não têm um tostão na mão deles. E isso tudo gasta muito dinheiro, então eles só querem de um milhão pra cima. Essas quadrilhas itinerantes, elas dão trabalho justamente por isso, porque se a gente for peneirar, no máximo 5 ou 6 pessoas são daquelas cidades, os outros não deixam rastro, porque vêm de fora.

Essa nova forma das organizações criminosas ocorre pela liberdade de atuação em vários pontos do país e pela dificuldade da identificação dos envolvidos, já que não são conhecidos da região e a probabilidade de obterem êxito em alvos de grande retorno financeiro.

Em outro trecho da entrevista com o mesmo delegado, ele relata a atuação de um grupo que saiu da Bahia e realizou assalto a um banco do Sul do país:

Espera o banco fechar, prestes a fechar, e de um lado do banco rende o pessoal, 5 dos elementos eram aqui da Bahia, na hora em que eles estão lá pilhando, abrindo os cofres pra tirar o dinheiro, um dos elementos, baiano também, entra no banco carregando aquela capa de violino e ela avisa que a polícia tá chegando, porque um dos funcionários conseguiu pular pelos fundos do banco e ligou para o 190. Aí o pessoal lá como não estava acostumado com um assalto desses, passou um rádio pra viatura de circulação, pra verificar o que estava acontecendo no banco lá em Criciúma, e uma viatura que aqui seria a SET, uma viatura da polícia militar, que

fazia o controle de trânsito com dois PMs, cada um com um revólver 38, aproximou-se do local pra investigar. Mas como a quadrilha era daqui e não conhecia a viatura de lá, a viatura de lá de controlar o trânsito é aquele camburão, então eles acharam que estava chegando a polícia de choque. Aí ele entra no banco e avisa, abre a caixa de violino, arma o fuzil e vai saindo. Quando ele vai saindo é a hora que a viatura vai chegando; ele aí começa a atirar na viatura, e tudo isso foi filmado pelo sistema de controle interno do banco, mata dois policiais com um tiro de fuzil, e aleija outro, e aí eles fogem também sem levar nada, mas deixaram cair um cartão de recarga de celular, e foi através desse cartão que o pessoal entrou em contato conosco, e eles faziam contatos com a Bahia e através dessa filmagem, que nós identificamos dois deles como membros daqui e conseguimos prender esses dois elementos; eles foram recambiados pra lá, mas aí eu não sei se lá eles conseguiram identificar o resto da quadrilha. Mas, isso mostra também que a Bahia já estava entrando, exportando assaltantes também”.

O intercâmbio criminal, realizado através das quadrilhas itinerantes, representa uma estratégia adaptativa das organizações criminosas, que procedem dessa forma na busca de novos alvos mais rentáveis e com menor possibilidade de serem presos. Podem também ser uma possibilidade para a reorganização de quadrilhas cujos integrantes estão em evidência pela polícia ou já foram presos ou em fase de investigação, quando acusados de roubos em um local.

Um exemplo disso é a descaracterização da condição de formação de quadrilha, que constitui um agravante na pena, a ser adotado pelo juiz quando do julgamento após a prisão, conforme evidenciado em um trecho do processo penal transcrito abaixo:

Da quadrilha ou Bando: para configuração do presente delito é necessária a conjunção dos seguintes elementos: concurso necessário de pelo menos 4 pessoas; finalidade específica dos agentes voltada ao cometimento de delitos e exigência de estabilidade e de permanência da associação criminosa.

“In casu” não restou demonstrado nos autos o caráter estável e permanente da associação a fim de caracterizar o delito autônomo previsto no art. 288 do CP, prevalecendo a absolvição pleiteada pela defesa quanto a este crime. Não basta para configurar o delito de bando ou quadrilha a reunião de mais de três pessoas, para a execução de um ou mais crimes. É necessário que além dessa reunião, haja um vínculo associativo para fins criminosos. (processo penal de Marcos, 44 anos).

Como visto, a formação das quadrilhas itinerantes tem a vantagem de não preencher os requisitos necessários para uma condição mais complicada frente à justiça, o que demonstra o conhecimento do código penal e dos trâmites da justiça que esses grupos possuem, e, sobre o quais, baseiam as ações e buscam, dentre as penalidades, as consideradas menos graves na eventualidade de serem presos.

Os convites para participar de uma investida dessa natureza parte do conhecimento do desempenho nos “trabalhos” anteriores e da “fama”, que, muitas vezes, é divulgada na mídia; porém esse novo desenho de atuação em grupo, ao mesmo tempo em que aponta para a obtenção de grandes somas, pode representar desvantagens importantes que dizem respeito à

segurança dos seus integrantes, pois contribui para maior fragilidade dos vínculos e instabilidade da atuação na tarefa e frente ao grupo, configurando uma situação de perigo adicional para o mesmo.

A dupla face das *quadrilhas itinerantes* traz à tona alguns elementos arriscados das interações entre os integrantes dos grupos, que podem ser visualizados na entrevista a seguir:

Já teve situação de morrer gente por causa de dinheiro, mas eu sempre fazia assim, iam dois, ou três e dividia, deixavam as armas num canto, ninguém ficava de arma não, porque por mais que você confie, nunca é 100 %, nunca. Você não sabe, não pode confiar 100% e mais, uma vez teve um de fora, de São Paulo, que veio fazer um serviço, aí ele gostava de mandar matar, ele viu que eu tinha nome, sabe como é, pensa assim: ele tá bem, tá subindo demais, aí o olho cresce pra tomar o que é seu; então eu fiquei sabendo, botei um na porta da minha casa, depois eu soube que ...[longa pausa] deram jeito nele...[fala bem baixo] mataram.. não sei quem foi.. eu não fui.. não gosto disso, não gosto de matar, mas eles sabiam que ele gostava disso, tem gente assim, que gosta de mandar matar. (CELSO, 40 anos).

O relato anterior mostra o exemplo de uma situação de risco importante, a divisão do dinheiro do roubo, que se torna mais grave nas quadrilhas itinerantes, pela fragilidade dos vínculos entre os integrantes. Francisco, 43 anos, fala sobre os riscos de sua participação em roubos aos bancos, em outro Estado:

Já houve sim, pela falta de conhecimento. Eu fui pra Juazeiro com dois caras daqui e tinha mais dois deles, fizemos um negócio lá e fomos dividir na casa deles, e a nossa modalidade de dividir aqui era uma e a deles lá, era outra; e aí, quando estávamos dividindo, sem pensar que poderia ter uma reação deles, aí fui “enquadrado” por esse mesmo. Aqui, se a pessoa estivesse dirigindo ganhava um pouco menos, lá era tudo igual.

A entrevista acima deixa claro o risco que os integrantes correm por conta de não dominarem o modo de agir dos contratados, quando vem alguém de fora, e dos contratantes, quando eles se deslocam daqui para outros estados.

Embora essas situações sejam realizadas envolvendo *profissionais do crime*, que, supostamente, não atuariam de modo a lhes acarretar má fama, a precariedade dos vínculos e a quantia de dinheiro, muitas vezes exorbitante, faz com que os acordos mudem rapidamente e expressem uma forma destrutiva e predatória, aumentando a vulnerabilidade dos mesmos, o que pode despertar a atenção da polícia e desencadear uma série de medidas contra os participantes da investida criminosa.

Algumas estratégias são adotadas para minimizar os riscos, como a paridade, ou seja, são enviados o mesmo número de integrantes, de diferentes quadrilhas para uma investida, pois no caso de haver desavença ou tentativa de morte, por dinheiro, ambos os lados estão em

igualdade de representatividade. A entrevista com Hamilton, 34 anos, é um exemplo desse manejo de risco:

Aí é perigoso, né? Porque você não sabe o que vai encontrar lá. Então a gente faz assim: manda dois deles e dois nossos, porque fica igual. Então é igual pra mim e pra eles, mas é perigo. A senhora sabe, tem dinheiro grande no meio, ninguém sabe o que vão fazer, como é o esquema lá. E eu já tive companheiro que já morreu assim, de traição, por dinheiro.

Desse modo, fica claro que esses riscos são conhecidos dos integrantes das organizações, assim como os desfechos fatais que resultaram do novo desenho das quadrilhas, porém são naturalizados, aceitos e manejados, pois, apesar de reconhecidamente perigosos, permitem maiores ganhos aos participantes.

Nesse novo formato de quadrilhas itinerantes, que permite o intercâmbio criminal, a lealdade entre os integrantes está sempre posta em jogo, sempre questionada, e uma vez que os contatos são pontuais e estabelecidos à distância, ela tende menos à lealdade ao grupo, e mais a lealdade ao dinheiro, que se traduz em poder para adquirir armas e fama que lançam o indivíduo para empreendimentos cada vez maiores, numa carreira solo, em que o passe passa a valorizar o grupo onde ele escolhe atuar.

5. MODOS DE ATUAÇÃO

Como visto anteriormente, os roubos são eventos dinâmicos, que podem ser realizados por diversos tipos de grupos de criminosos, sendo que cada um desses representa uma forma específica de atuação e gerenciamento dos riscos presentes nas etapas envolvidas na execução dos roubos.

Nesse sentido, serão tratados neste capítulo os critérios que levam um grupo a escolher um determinado alvo, assim como planejar ações e dividir as tarefas entre os integrantes, definir o armamento a ser utilizado, fazer o levantamento de custos das investidas e adotar a estratégia mais adequada, sendo detalhadas as duas formas principais de atuação.

5.1 DO VAPOR AO SAPATINHO: OTIMIZAÇÃO DA AÇÃO E REDUÇÃO DO RISCO

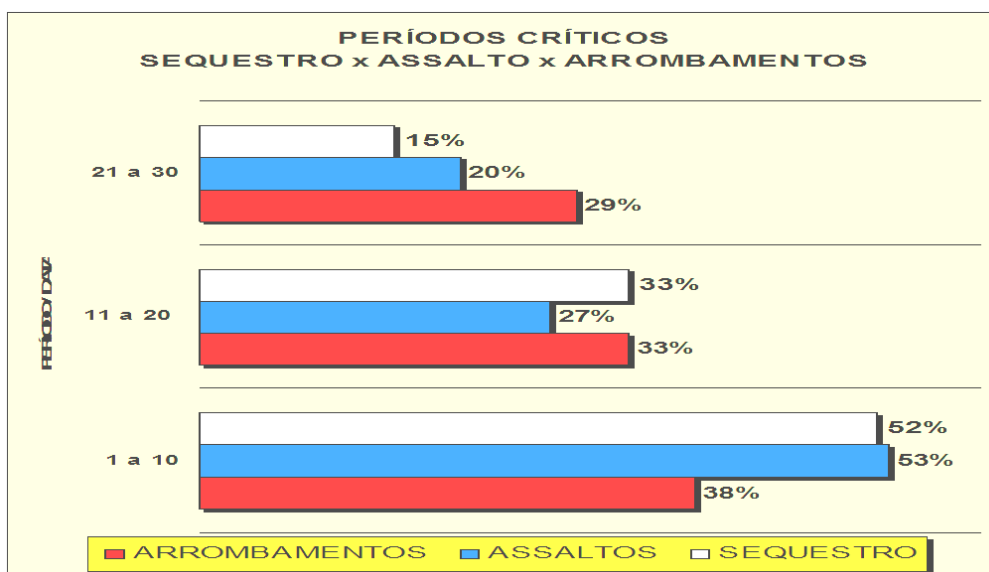
No presente estudo, foram identificados dois modos principais de ação, o *Vapor* e o *Sapatinho* (AQUINO, 2005) constituindo estratégias que demonstram a capacidade de adaptação e maleabilidade desses grupos, assim como a determinação para superar os mecanismos de segurança adotados pelos bancos e outras instituições financeiras. (AQUINO, 2005; MATTHEWS, 2002; KRICHNER, 2000; CONKLIN, 1972; PAES-MACHADO, 2006; NASCIMENTO, 2004).

O assalto ou *vapor* caracteriza uma ação súbita, uma invasão da agência com armamento pesado que, muitas vezes, pode ser anunciada por tiros de fuzil, causando destruição e forte impacto nos presentes. É uma modalidade mais cara e arriscada porque envolve uma área de cobertura maior, mais pessoas, mais armas e munição e implica em confronto e na troca de tiros com a polícia.

Em contrapartida o *sapatinho*, cujo nome deriva da expressão “*andar no sapatinho*”, que significa ser discreto, é considerado um meio mais seguro e mais rentável, por conta da necessidade de menor número de pessoas e por não implicar em confronto com a polícia.

A seguir serão demonstrados dados sobre a distribuição dos roubos aos bancos, incluindo arrombamentos no decorrer do mês, sendo que este foi dividido em três períodos: o primeiro compreende o intervalo entre os dias 1º e 10, o segundo entre os dias 11 a 20 e o terceiro, do dia 21 ao dia 30:

Gráfico 5.1 Frequência dos roubos por período do mês:



Fonte: serviço de acompanhamento dos roubos a bancos de um banco estatal.

Nota-se que dos seqüestros realizados no mês, 52% ocorreram no período compreendido entre os dia 1º e 10, 33% entre os dias 11 a 20 e 15% entre os dias 21 e 30. Os assaltos apresentam distribuição semelhante, sendo que 53 % ocorrem no primeiro período, 27% no segundo período e 20 % no terceiro período, que compreende o intervalo entre os dias 21 a 30 do mês. Quanto aos arrombamentos das agências, 38% destes aconteceram entre os dias 1º e 10, enquanto 33% entre 11 e 20 e 29 % de 21 a 30 do mês.

Os roubos têm um ápice de ocorrência no primeiro período do mês (entre os dias 1º e 10), que pode ser atribuído à maior concentração de numerário por ser uma época de pagamentos de benefícios e salários.

Quanto ao horário, costumam ser mais freqüentes das 9 as 13 horas, o que pode se dever à concentração de dinheiro na agencia que vai sendo utilizado no decorrer do dia.

A média de dinheiro obtida por roubo, de 2000 a 2003 é estimada em 67.000,00 U\$ para os seqüestros e 32.000,00 U\$ para os assaltos.

Os números acima mostram as diferenças na retirada das duas modalidades e podem nos levar a pensar que o seqüestro é mais rentável, já que a retirada é mais alta; porém o que ocorre é que os alvos com maior possibilidade de ganho, por terem um aparato de segurança diferenciado e oferecerem mais riscos, são selecionados por quadrilhas mais especializadas nos roubos a bancos, que vêm no seqüestro uma forma mais segura do que o vapor.

Nesse sentido, o sapatinho é uma estratégia adaptativa, mostrando-se mais segura, mais barata e mais rentável, quando comparada ao vapor, e eficaz, pois reduz a possibilidade de confrontos com a polícia, com menor exposição dos assaltantes à situação de risco, e envolve um menor número de pessoas.

A entrevista a seguir, com um integrante das organizações criminosas que participou de assaltos e passou a fazer seqüestros, fornece informações que ajudam a entender os motivos dessas mudanças.

Ao ser perguntado se já havia tomado alguma família de gerente, para conseguir o dinheiro do banco, ele respondeu:

Já, porque o que é que acontece, hoje pra invadir uma agência tem que ter mais homem, uns 10, 20 homens, quando divide, dinheiro pouco, risco muito, cadeia grande, troca de tiro, não vai sobrar nada, é só prejuízo, o que é que acontece, pouco dinheiro, mesmo 2 milhões lá dentro. Tem que ir olhar, casa pra alugar, investir, carro, comida. No caso pegar o gerente fica bem mais fácil, gasta menos, menos gente, não troca tiro. Agora tem gente que gosta de assalto. Hoje em dia é o que vai dar é Internet [se refere aos roubos via internet]. Quando eu comecei ficava dentro de casa, porque era tranquilo. Ficava com o gerente e a família em casa mesmo, mas hoje não pode mais. Qualquer coisinha pode alguém desconfiar, chama a polícia e é arriscado demais. Mas é claro que tem jeito pra tudo. Invade a casa, leva a família, fica com o gerente, é mais fácil, Não troca tiro. O vapor não tá mais dando. (Celso, 40 anos).

O relato confirma a tendência dos grupos mais organizados de privilegiar o *sapatinho*, como modo de ação prioritário, por se tratar de uma forma que, como visto, oferece mais vantagens, restando o *vapor* para ser realizado por grupos compostos por intermediários ou amadores e para integrantes dos grupos de profissionais que vêm no *vapor* uma forma prazerosa de ação, denominada *adrenalina*, ou para se capitalizar para alvos maiores.

Na entrevista a seguir, veremos um exemplo dessa última condição, em que um integrante de uma organização criminosa especializada em grandes alvos, como grandes agências e Bases de banco, explica sobre os motivos que os levam a realizar *o vapor*, após admitir as desvantagens deste em relação ao *sapatinho*:

O vapor é muito ‘escracho. Muito tiro, troca de tiro. No vapor já vai pro confronto. Chega na cidade de capuz, com poder de fogo muito grande, 8, 10 homens de fuzil na mão que é um poder de fogo muito grande. No sapatinho não dá um tiro, no vapor já vai pra atirar. Aqui tá um em cada esquina, com arma. Bota um tio, uma sobrinha olhando a praça. No vapor geralmente tem 7, 8 homens em ponto estratégico, que a sra não desconfia, de fuzil numa sacola, colete, pensa que é um cidadão de bem, tem uns quatro num carro, vai dar tudo certo, vamos supor que quando eu estou dentro, a polícia chega, ele [o policial] não vai esperar que tem sete homem ali, você pensa que é uma pessoa de bem. O assalto é mais difícil, mas dá. (Renato, 37 anos).

Diante da narrativa, foi então feita a seguinte pergunta: Então porque ainda fazia vapor? Ao que ele respondeu: “Infelizmente eu gostava”.

A pergunta foi reformulada, buscando saber o que o mantinha nessa modalidade apesar de, pelo que ele disse, ser tão perigosa. Ele respondeu, meio encabulado: “adrenalina e amizade... o círculo de amizade”.

Ao que parece em algumas situações realizar o *vapor* está relacionado a uma prova de coragem, masculinidade e bravura, constituindo também um momento de grande tonalidade emocional, que faz com que seja atraente para muitos integrantes das organizações criminosas.

Como visto até aqui, o *vapor* e o *sapatinho* constituem as duas modalidades de roubo identificadas neste estudo, podendo sofrer modificações e ajustes a depender das características do alvo e da quadrilha que o selecionou.

A seguir serão abordadas algumas formas do *Sapatinho* e possíveis desdobramentos deste, quando da ocorrência de situações indesejadas, mas previsíveis, como a aproximação da polícia e a possibilidade de confronto.

5.1.1 As formas do *Sapatinho* e o *Sapatinho que vira Vapor*

O que caracteriza o *sapatinho* é a “*pegada*” do bancário antes da investida, como garantia de acesso ao dinheiro do banco; para isso, é utilizado o gerente ou o tesoureiro, ou outro que detenha o segredo do cofre, podendo cedê-lo, sob ameaça para os assaltantes. A *pegada* é a tomada do bancário pela surpresa, quando ele é rendido por um assaltante que o mantém sob ameaça, podendo lançar mão de diversos argumentos, sendo o mais freqüente o seqüestro da família, e ser realizada em vários momentos, durante o trajeto para o trabalho ou para a casa.

O tipo mais comum de *sapatinho* ocorre quando os assaltantes invadem a residência do bancário, à noite, geralmente do domingo para segunda-feira, quando fica inicialmente com o trabalhador e os familiares, em casa, explicando detalhes da operação, que inclui aspectos do grupo, e o que é esperado que o trabalhador faça, seguindo rigorosamente as orientações dadas.

Um trecho retirado de uma entrevista com Marisa, 38 anos, integrante de um grupo que realiza seqüestros, descreve, passo a passo, essa modalidade de crime:

É assim, pega cedo o gerente, o horário que ele chega, 7 e meia, 8 horas ou à tarde, na chegada do banco. Vê tudo, se tem vizinho na porta, cumprimenta ele, normal, diz que a família tá segura, aí ele acredita naquilo. Aí a gente diz: olha a gente só tá querendo o dinheiro do banco, nosso trabalho é esse. Nós somos profissionais, não é o primeiro banco que a gente tá fazendo. Na sala a gente mostra o nosso material [armas] e uma parte da equipe. Meia noite a gente vem com outra parte da equipe e o resto do material. Aí ele vê que a gente tem material pra fechar a cidade, aí de madrugada, umas duas horas, a gente leva a família. Pro meio do mato ou uma casa abandonada, um lugar seguro, ou uma casa que mora duas ou três pessoas, fala do que é que se trata, diz que a família vai precisar ficar ali, pede pra levar lençol, roupas, comida, coisas que as crianças gosta. Diz que vão ficar com agente 24 horas até conseguir o dinheiro. Às 9 horas abre a agência, o cofre, o gerente leva o dinheiro, geralmente libera a família, tem uma pessoa encarregada de liberar, 2 a 3 horas depois de conseguir o dinheiro, perto da divisa, é mais seguro. Deixa num lugar onde pode pegar um carro. Mas agora tem ido alguém pegar com o gerente, porque teve gerente que mentiu o valor, geralmente a gente só vai buscar quando o gerente se contradiz. Tem um valor, depois, não, o valor é esse, fica atento no deslize dele, a gente não tá confiando, fica: não sei, fica meio na dúvida. Quando agente sente que o valor é certo a gente deixa ele ir pegar, é mais seguro pra gente, mas tem caso assim dele trazer só uma parte, aí vai ser bom pra ele no banco, ele vai dizer: olha eu salvei minha família e ainda ficou essa parte. O prejuízo é menos. Tem também os códigos entre eles, mas geralmente todos os códigos que eles mudam, geralmente tem alguém que vem e informa, o chefe da quadrilha que informa. Tudo dá certo, não tem erro.

Ela descreve toda a lógica de surpreender o trabalhador e mantê-lo na residência junto à família, e depois separá-los, levando parte da família para local ignorado.

São expostas as intenções do grupo, assim como a experiência e profissionalismo do mesmo, que serve como garantia do cumprimento de acordos estabelecidos com o bancário, do tipo: “*você faz o que queremos e nada acontece com sua família*” ou “*assim que você entregar o dinheiro a gente solta sua família.*”.

A exibição das armas pode ser utilizada como franca demonstração do poder de fogo, contribuindo para subjugação e imobilização das vítimas.

Algumas horas após a invasão do domicílio, parte do grupo permanece na casa com o bancário, e outra parte leva os familiares para outro local, mantendo ambos em situação de extrema pressão psicológica e ameaça. Eles aguardam o amanhecer e obrigam o trabalhador a retirar o dinheiro da agência, sem despertar atenção dos colegas, e levá-lo a um local previamente acertado, após o que soltarão a família deste. Podem ainda acompanhar o gerente até a agência para se certificar da quantidade exata do dinheiro, e após se apossar do mesmo, ainda mantém o trabalhador sob ameaça, até chegar a um local que possam empreender fuga em segurança.

O trabalhador pode ser acompanhado ou seguido até a agência, como garantia de que a ação se concretize com a obtenção da maior quantia possível, minimizando o risco de deixar parte do dinheiro na agência.

As organizações criminosas conhecem o montante de dinheiro presente na agência e ficam sabendo se deixaram de levar alguma parte do dinheiro, muitas vezes através da mídia, que veicula a investida criminosa com riqueza de detalhes.

Durante todo o trajeto eles se comunicam por celular e usam uma linguagem própria que informa sobre o andamento da investida, e, ao ser percebido qualquer movimento que comprometa o curso da ação, eles reagem, podendo desistir da mesma.

O bancário pode ser abordado ao chegar ao trabalho, geralmente de forma extremamente ameaçadora, sendo surpreendido pela demonstração de conhecimento sobre a rotina dele e da família, quando é informado como deve proceder durante o assalto.

Nesse curto espaço de tempo, os assaltantes falam sobre detalhes da vida familiar da vítima, afirmando que têm parte ou toda família em seu poder, colocando nas mãos do bancário toda a responsabilidade sobre a segurança e integridade física dos mesmos (PAES-MACHADO e NASCIMENTO, 2006).

Eles podem se utilizar da exibição de armas, camufladas, e da identificação de pessoas no local, que sinalizam como integrantes do grupo, para certificar o bancário de que estão mesmo falando a verdade e que o local está todo tomado.

A seguir, um bancário que sofreu 05 assaltos e uma tentativa de seqüestro relata uma das experiências:

Eu cheguei na agência cedo, como costumava chegar, aí eu vi uns três rapazes perto da porta, sentados, como quem não quer nada, eu olhei, fiquei com medo e fui entrar. Quando eu botei a chave na porta, eles me falaram bem perto: “É um assalto, a gente tá com sua família, você tem três, filhos e sua mulher, já tá todo mundo com a gente, se você fizer alguma coisa a gente mata todo mundo, só depende de você.” Eles sabiam de toda minha vida, endereço, minha família, tudo, por onde eu vinha trabalhar, meu carro, meus filhos, tudo, eles vinham me seguindo há mais de um mês. (Osvaldo, 42 anos)

Fica clara o desespero do trabalhador, diante de estranhos, que demonstram conhecer detalhes de sua vida, assim como garantem manter a família deste como refém, fazendo ameaças graves, colocando sobre ele a responsabilidade sobre tudo que possa acontecer.

Nesse sentido, comparando a abordagem do domicílio, com a realizada na agência, há uma série de vantagens da primeira, para os assaltantes, como o tempo para que o trabalhador se refaça do susto inicial e possa lembrar a senha do cofre e montar uma atuação mais estruturada, ao chegar no dia seguinte à agência, sem despertar as suspeitas dos colegas.

Enfim, a posse da família do bancário é um trunfo para os assaltantes, que vêm nos mesmos a grande chance de suas ordens serem obedecidas, favorecendo o êxito da investida.

Para os bancários o envolvimento de familiares e a invasão da residência representa deixa uma recordação

Apesar do *sapatinho* não ser pensado para haver troca de tiros, pode ter um desdobramento desse tipo, denominado *sapatinho vaporizado*, ou *sapatinho que vira vapor*, quando há confronto com a polícia, troca de tiros e outros desfechos mais graves, como a tomada de refém.

Nesse cenário, as variações dessas duas modalidades de roubo são ilimitadas, haja vista a habilidade das organizações criminosas, a capacidade de adaptação e a disponibilidade de tempo e meios para se manterem, enquanto estudam as melhores táticas a serem adotadas para atingir seus objetivos.

5.2 SELEÇÃO DO ALVO

Tomar uma determinada agência, como alvo de uma investida criminosa, é uma tarefa que leva em conta a possibilidade de ganho monetário que supere os custos, ou que seja lucrativo e ofereça menor possibilidade de resistência às ações dos assaltantes.

O lucro é considerado a fração livre do dinheiro e verificado após a retirada dos custos da operação e a divisão por cada participante do roubo, em qualquer etapa de sua execução, sendo excluídos os integrantes da quadrilha que não estiveram presentes, como relata o entrevistado abaixo.

“Recebe tudo igual, todo mundo que tá envolvido, até que vai pro pinote. É a fuga, na linguagem da malandragem...até quem deu o serviço (o canal) ganha o dele. Se não for, não tem nada, agora não recebe.” (Renato, 37 anos)

A rentabilidade do alvo tem proporção direta com a quantidade de dinheiro presente na agência, sendo que este pode ser derivado das operações restritas à mesma ou das que são realizadas na interface com outras instituições financeiras, quando servem como “base” de outras. As “bases” são agências de bancos públicos que funcionam como receptoras e distribuidoras de dinheiro para outras agências menores; por isso, concentram um grande capital em suas dependências.

Desta forma, cada alvo fala sobre o esquema de segurança adotado para proteger o dinheiro, os riscos envolvidos e o tipo de organização criminosa que vai programar sua investida nele, sendo que os alvos mais rentáveis atraem a atuação de grupos considerados *profissionais*, segundo a classificação proposta por Matthews (2002), que realizam uma estimativa dos custos apurada, chegando alguns a priorizarem, dentro dos alvos mais rentáveis, as bases de banco em que o volume de dinheiro é consideravelmente maior.

Alguns grupos, apesar de se concentrarem em alvos *maiores*, podem adotar como alvo bancos considerados *menores*, no intuito de se “capitalizar”, para “investir” em um alvo maior (BARCELLOS, 2003). As entrevistas que seguem demonstram essa estratégia ponte:

É melhor o que tenha mais renda, 400 mil a 600 mil, menos que isso não vale à pena, porque só de advogado, quando a gente cai preso, come 100, 150 mil. Então, não vai valer a pena a gente buscar vinte mil, dez mil, pra dividir. Já assaltei casa lotérica, pegava assim 80 mil, até 20 mil. Pra fazer locação de carro, casa, essas coisas, pra investir, botar dinheiro em banco maior”. (Daniel, 30 anos)

“Teve um que foi 70.000, pra todos, a gente pegou pra investir em outro serviço, pra levantar dinheiro pra fazer um assalto em banco maior”. (Renato, 37 anos)

Depende do valor; pouco dinheiro a gente não faz, não vale a pena, assim, um milhão, dois milhões, daí pra cima, senão quando divide fica pouco. Se for pouco dinheiro, a gente libera o gerente. Pra fazer um trabalho maior a gente tem que ter dinheiro pra investir, passava um trabalho a gente tava visando um outro, eu fazia *saidinha bancária*, então não pára, não pode parar. (Marisa, 38 anos).

A capacidade de agir como altos investidores, demonstrando habilidade para empreender e inovar, manejando de forma inteligente e audaz os riscos para superar suas metas de lucro, fazem com que alguns autores os aproximem do conceito de homens de negócio, como refere Aquino (2006):

Tendo em mente as altas quantias que tais operações resultam, investem em instrumentos, e infra-estrutura para viabilizá-las. Elaboram planos e fazem análise de riscos. Esses indivíduos são conscientes de estarem investindo seus capitais em um negócio arriscado, atividades criminosas e violentas que sofrem uma forte tentativa de repressão por parte da polícia. (AQUINO, 2006, p.71).

Demonstram conhecer os riscos que envolvem a tarefa que se propõem realizar, e se diferenciam pela capacidade de gerenciá-los de maneira adequada; além disso, atuar em alvos que envolvem grandes somas eleva a reputação dos assaltantes no mundo do crime, muitas vezes chegando a adquirir notoriedade pública, tal como se verifica na entrevista a seguir.

Meu nome é muito famoso, já passei no Jornal Nacional. Pra polícia eu tenho milhões. Eles não querem saber que eu tenho que dividir, o que eu gasto pra fazer o assalto. Um assalto menor dá menos divulgação, teve um assalto que eu coloquei o carro no estacionamento do quartel. É muita astúcia, isso desafia a polícia. Eles perguntam: como é que ele faz isso? (Renato, 37 anos)

A fama, ao mesmo tempo em que os projeta, fazendo-os ser incluídos em investidas mais rentáveis, os torna mais visados pela polícia, restringindo as possibilidades de movimentação no mundo do crime. A entrevista a seguir exemplifica esse aspecto:

A senhora acha que eu sou perigoso? Eu fiquei com vergonha, eu cheguei no Fórum e tinha polícia pra tudo que é lado, porque disseram que alguém podia ir me tirar. Eu ia ser louco de fazer alguma coisa ali? Disseram: é o maior assaltante de banco. Fica parecendo que a gente é monstro, não é gente. (Ronaldo, 41 anos)

Embora as agências bancárias sejam os alvos preferenciais de organizações criminosas mais estruturadas que se especializam na busca de oportunidades rentáveis, as agências de menor porte podem ser atacadas por grupos de assaltantes *amadores e intermediários*, Matthews (2002), que fazem uma *garimpagem* na cidade, que é a inclusão de outros alvos

como pequenos mercados e lojas, como forma de otimizar os lucros, este se caracteriza por uma limpeza da cidade, uma onda de assaltantes saqueando pequenos estabelecimentos e pessoas, como descreve um dos integrantes de uma quadrilha que realizava esse tipo de crime:

“A gente já fechou cidade de ponta a ponta e fez assim um tipo arrastão, que a gente chama de garimpagem. Vai pegando tudo: de loja, povo, entra em banco, sai atirando pra valer. Pega tudo, sai pegando o que vier pela frente, porque às vezes o banco é muito pequeno e o dinheiro não compensa. Mas a gente só vai sabendo o que vai encontrar. Tipo assim, alguém da cidade diz que tem dia de pagamento, aí a gente vai. Já teve vez da gente esperar o dia amanhecer pra começar, e passar o dia roubando. Faz uma limpa mesmo, não fica nada (Lúcio, 26 anos).

Esses grupos têm atuações mais grosseiras, com menor nível de conhecimento do alvo, de planejamento, organização; seus integrantes são mais jovens, constituindo uma situação de perigo adicional a todos os envolvidos, visto que eles manejam os riscos da operação de forma precária, quando relacionados ao primeiro grupo, dos ditos, *professionais*.

Outro fator que é considerado pelas organizações criminosas para tomar como alvo uma agência bancária, é a possibilidade de oferecerem resistência às investidas criminosas, sendo priorizadas aquelas que têm menor condição de fazer frente à atuação dos mesmos, situação que caracteriza as agências do interior do estado, que contam com menor efetivo policial e maior possibilidade de fuga, quando comparadas às da capital. O relato a seguir exemplifica essa situação.

No interior é fácil demais, eles nem arma têm. Aqui não, ninguém quer fazer aqui em Salvador. Primeiro a polícia é pior, tem mais arma, o número é maior, além do que eles têm que mostrar serviço, não tem como escapar. No interior não. Daqui que eles cheguem lá” (Hamilton, 34 anos).

As agências do interior são alvos atraentes, com rentabilidade garantida e nas cidades de menor porte a proximidade das pessoas é maior, o que pode facilitar o conhecimento sobre a movimentação da agência, sua rotina, os dias de pagamento de pensão, aposentadoria, e outros benefícios responsáveis pela concentração de dinheiro, constituindo informações preciosas para a tomada de decisão.

Embora tentem prever os riscos e manejá-los de forma adequada, a tarefa a que se propõem integra elementos previsíveis e imprevisíveis, que podem resultar em falhas que comprometam o resultado da mesma e coloquem todos em situação difícil. Na entrevista com Carlos, 31 anos, a seguir, fica evidente o erro na estimativa do montante de dinheiro na agência, que culminou em uma investida que contabilizou mais perdas do que ganhos: “Ele disse que tinha um valor lá, via entrar malote, e quando a gente abriu os malotes era cheque e nota. Pra que eu vou querer isso? A gente abriu e derramou tudo no pinote”.

Seguindo essa linha, Hilda, 32 anos, refere que foi presa porque desconhecia um detalhe da rotina da agência: “Eu não sabia que tinha essa ronda, ronda policial. O policial descia e perguntava se tava tudo certo. Era todo dia. Eu não sabia, ninguém me falou. Se soubesse, eu deixava pra fazer depois da ronda”.

Os dois últimos relatos mostram a importância de possuir informações fidedignas que cubram todo o alvo, visto que um detalhe pode fazer cair por terra a investida.

Outros elementos que são colocados na tentativa de dificultar as investidas são os dispositivos de segurança, como portas giratórias, alarmes e cofres, com abertura programada, que são apontados pelos assaltantes como “obstáculos”, mas não impedem que o roubo seja efetivado, requerendo apenas um manejo especial. Em contrapartida, outros, como a presença de vidro especial que não permite visualizar o interior da agência, são tidos como facilitadores, visto que impedem que os assaltantes sejam vistos de fora, uma vez que já estão no interior da mesma, conforme explica o entrevistado a seguir.

Eu já fiz assalto em agência com módulo policial na porta, foi só não fazer barulho, eles (a polícia) se confiou que tava ali, e por isso, ninguém ia assaltar, e o banco achava que ninguém ia também, porque a polícia tava ali. Mas o vidro era escuro. A gente fez tudo no silêncio...saímos e ninguém da polícia viu...os vidros escuros protegem muito a gente, mas se tiver vidro claro e tiver que entrar, entra do mesmo jeito, depende do dinheiro e do canal (Renato, 37 anos).

A confiança e a determinação demonstradas são baseadas no conhecimento acumulado e no levantamento prévio dos detalhes do alvo, o que lhes confere a sensação de domínio da situação.

Diante do exposto, tornar os alvos menos atraentes para os assaltantes é uma tarefa para a qual as instituições bancárias têm que se debruçar com afinco para resolver, sob pena de permanecerem como oportunidades rentáveis para as investidas criminosas, mantendo clientes e trabalhadores em situação de vulnerabilidade (BEATO, PEIXOTO e ANDRADE, 2004).

5.3 PLANEJAMENTO:

Diferente dos roubos de estabelecimentos comerciais menores, realizados por *assaltantes amadores*, em grupo ou isoladamente, em que a ação é determinada pela satisfação de necessidades imediatas (MATTHEWS, 2002; PAES MACHADO, LEVENSTEIN, 2004), os bancos são alvos que requerem um planejamento mais apurado, tempo para estudar o alvo e preparar as ações e meios para a manutenção do grupo nesse período.

O planejamento inclui o gerenciamento dos riscos presentes nas diversas etapas do crime e envolve *ações programadas*, subsidiadas pelas informações disponíveis, levantadas previamente, e *ações potenciais*, pensadas dentro de estimativas da dinâmica do *evento real*.

O trecho a seguir ilustra esses aspectos:

Geralmente tem que ir antes na agência, olhar, ver tudo. Vamos dizer que a gente não sabe, como se diz, como vai ser o pinote, a fuga, as dificuldades, quanto tempo vai durar pra chegar em determinado local. O tempo pra ver essas coisas, vai depender do assalto... geralmente que pratica assalto grande é um investimento maior..investe em cima daquilo ali. tem dinheiro pra alugar casa..alugar carro, casa... pra projetar tipo uma firma..eu vi no jornal.. ter acesso a planta, disfarçar, tirar terra do túnel que tava fazendo. (FRANCISCO, 43 anos)

Envolve a possibilidade de ocorrer situações imprevistas para as quais o grupo deve estar preparado para adotar novas estratégias.

As informações colhidas antes da investida criminosa são de extrema relevância para a definição da forma mais adequada de ação, e são “levantadas” através de um “*canal*”, que é a pessoa que deve conhecer detalhes sobre o alvo e repassá-los para os assaltantes. O relato a seguir demonstra a importância desse elemento no cenário dos roubos aos bancos: “Geralmente tem sempre alguém que dá o serviço. Alguém de dentro, funcionário, gente da cidade mesmo, ou até mesmo um cliente especial. Ele sabe a hora que vai chegar o dinheiro, sabe de tudo” (Marisa, 38 anos).

O indivíduo que constitui o “*canal*”, não desperta suspeita dos trabalhadores do banco, tendo, muitas vezes, uma relação de confiança com estes, o que facilita o acesso a detalhes do local e do corpo funcional e dificulta sua identificação, deixando-o livre para agir, como demonstra a entrevista a seguir:

“Eu freqüentava lá, ia sempre. Ficava amigo do pessoal, era uma pessoa acima de qualquer suspeita. Ficava como se estivesse procurando emprego, conversava como se ele tivesse me dizendo sobre trabalho; quando alguém se aproximava eu mudava de assunto ” (Clóvis, 38 anos).

A aproximação da agência é planejada e tem como objetivo estabelecer a confiança, ocupar um lugar privilegiado e conseguir informações preciosas que serão utilizadas para os roubos, sem despertar suspeitas dos demais.

O canal pode ser classificado como “*canal visto*” ou “*canal dado*”. O primeiro é considerado quando alguém do grupo dos assaltantes toma conhecimento de uma possibilidade de uma investida criminosa e vai conferir, levantando informações. Neste caso, não há uma pessoa de referência dentro da agência. O segundo ocorre quando alguém de dentro da agência ou relacionado à mesma fornece as informações. O vínculo com o banco pode ser *direto*, quando é um prestador de serviços, ou *indireto*, quando é uma pessoa que reside na cidade e conhece pormenorizadamente a rotina do banco. Na entrevista seguinte, Ronaldo, 41 anos, esclarece a diferença dessas duas situações: “o canal dado é quando alguém da agência diz o que tem lá.. tudo, quantos vigilantes, o lugar, o dinheiro, o alarme, tudo... agora o visto, é quando um de nós vai lá ver...”

O “*canal*” ocupa posição de destaque dentro da dinâmica do roubo a banco, pois ele é quem o deflagra, ou seja, sinaliza para os demais que há uma possibilidade viável e fornece as coordenadas para as outras etapas do crime.

Apesar de ter posição crucial nos roubos, o “canal” é mantido em sigilo, e muitas vezes, permanece como uma figura invisível, pois se fosse identificado não forneceria mais informações, o que retiraria do grupo outras oportunidades de “*trabalho*”, como relata o entrevistado a seguir: “Se a gente rodar ele não cai, porque senão ele não dá mais nada. Não pega nada pra ele, aí a gente não pode dizer dele” (Carlos, 31 anos).

A pessoa que ocupa o lugar do *canal dado* pode se tornar *assaltante de banco*, quando participa na linha de frente da operação; ou um *auxiliar* quando se limita a fornecer as informações sem participar diretamente da investida criminosa, sendo que as duas situações têm remuneração diferenciada.

O *assaltante* recebe mais que o *auxiliar*, o que constitui um atrativo para que o indivíduo migre da condição de *auxiliar* para a de *assaltante*, pela possibilidade de maiores ganhos. O relato a seguir demonstra essa mudança de status no grupo, de uma posição periférica para a de participante ativo:

Uns caras me chamaram pra só levar eles depois do assalto.. no início eu não sabia.. depois eu ganhei 5 mil.. já pensou.. sem fazer nada? Eles me diziam: você só tira a gente de lá tranqüilo, e ganha o seu. Aí eu fui gostando e passei a ir com eles também. Eu fui pensando assim: se eu ficar nisso, eles podem pegar 500 mil pra cada e eu vou morrer pegando só 5 mil? (Sérgio, 31 anos).

A entrevista anterior revela uma participação regular nos roubos, onde o *auxiliar* compara o risco do envolvimento e o retorno financeiro e faz uma opção por uma participação mais efetiva, que resulta em maior ganho.

Embora o planejamento de um assalto tenha diferenças em relação ao seqüestro, em ambos os casos as informações do canal são utilizadas como forma de descartar ou adotar determinado alvo para a investida. Entretanto para certificar-se da veracidade e pertinência das informações disponíveis, os integrantes do grupo fazem a verificação no local em vários dias na semana e em diferentes horários do dia, como forma de garantir uma ação baseada num conhecimento fidedigno, como refere o trecho da entrevista a seguir.

“O cara que tá me dando isso aqui me mostra quem é o gerente, o tesoureiro. Ele pode não saber onde o cara mora, aí a gente vai levantar a vida dele. A gente faz o que a polícia faz, segue ele, mudando de carro, pra moto, ele nem percebe.. vai seguindo ele, todos os passos... uns 15 a vinte dias... ele não escapa...às vezes a gente monta uma estratégia pra pegar um vizinho.. porque o vizinho olha todo dia que ele chega... tem que levantar tudo nos mínimos detalhes.. olha tudo”. (Renato, 37 anos).

O trabalho minucioso de levantamento de dados e o controle da rotina dos envolvidos dão suporte à ação que vai ser montada.

Outro aspecto relevante é o tempo decorrido entre a identificação e seleção do alvo e a realização da investida criminosa, que varia de acordo com o alvo e tem relação direta com a quantidade de dinheiro na agência.

Nesse sentido, 2 dos 26 entrevistados, ou seja 7,7%, referiram um período menor que um mês entre a identificação do alvo, seleção e realização da investida, caracterizando ações intempestivas, pouco estruturadas e realizadas por assaltantes denominados *amadores*.

Em contrapartida, 92,3% dos entrevistados referem o tempo mínimo de dois meses para observarem o alvo e definirem a estratégia adequada, sendo que o tempo varia de acordo com o montante de dinheiro presente na agência. Eles pertencem a grupos mais estruturados, compostos por *assaltantes profissionais e intermediários*. A entrevista seguinte, com Ronaldo, 41 anos, assaltante de banco, ajuda a entender os fatores que interferem na elaboração dos planos para o roubo:

Depende do tipo, tem assalto que leva 6 meses outros leva uns dias, depende de quanto dinheiro tem na agência, porque quanto mais dinheiro mais segurança, mais polícia, mais cuidado. Antes de um assalto tem várias reuniões, quando tudo fica

acertado e principalmente saber abordar as vítimas, saber ‘enquadrar’ o vigilante a polícia, sem violência.(RONALDO, 41 anos).

Uma vez certificadas a viabilidade e a lucratividade da ação criminosa, passam para as etapas seguintes do planejamento. São feitas reuniões iniciais com integrantes do próprio grupo, em que se averigua o número adequado de pessoas, as habilidades necessárias, assim como a quantidade e o tipo de armas, veículos, e outros aspectos que vão compor a estratégia.

Para possibilitar a reunião dos integrantes, são utilizadas propriedades rurais ou urbanas, afastadas da cidade, que lhes permite privacidade e não desperta a atenção dos demais, visto que resulta numa movimentação não habitual.

“A gente sabia de uma parada, se comunicava e ia. Então se reunia, num sítio, fazenda, acertava. Cada um ia olhar. Não era só um olhar não, todos iam. Aí via o que era melhor e acertava pra fazer, tinha que fazer” (Celso, 40 anos).

O planejamento envolve todo o grupo, sendo acatadas as alternativas consideradas mais apropriadas, não havendo nenhuma imposição de uma estratégia. A segurança ocupa posição central na elaboração do plano de ação e reflete a busca pela manutenção da integridade física dos integrantes e se sobrepõe aos rituais de liderança e hierarquia do grupo.

Esses momentos em conjunto constituem oportunidades em que o indivíduo pode se destacar, por oferecer sugestões positivas, que são aceitas por todos, e fortalece sua imagem para os demais; ou ao contrário, quando as opiniões não são aceitas por serem consideradas inadequadas, podendo levar o indivíduo ao isolamento ou exclusão do grupo

O que diferencia os *profissionais* é sua atuação pautada em um planejamento bem estruturado, com a cobertura do maior número de etapas possíveis e a capacidade de levantar e manejar um maior número de possibilidades de ocorrências potenciais.

Alguns acordos, como evitar o uso da violência física, restringindo-a a casos de ameaça a algum dos integrantes do grupo, ou para potencializar a vulnerabilidade das vítimas, são estabelecidos para reduzir as complicações legais e sociais, como aumentar a gravidade do crime e conseqüentemente da pena, bem como desencadear uma resposta policial mais ofensiva e letal.

Os acordos prévios dão sustentação a uma ação em que cada integrante sabe o que tem que ser feito e deve fazê-lo da forma mais eficiente possível. A entrevista seguinte com que são planejadas e executadas essas estratégias.

Às vezes tem gente que assusta só com o olhar, assusta quem tá no banco e quem tá fora, às vezes a pessoa fica nervoso, apreensivo, a feição muda, a polícia já conhece, pelo olhar, então é isso aí, tem que ser frio e calculista, tem que ser pessoas tranqüila, ter concentração. Eu perco uns 3 kg num trabalho, pra organizar, consome muito,

porque eu visio fazer direito pra não ter tiro, eu não morrer, não morrer meus amigos e nem acontecer nada pra família que eu tô pegando, pra não ser condenado por eles.
(Renato, 37 anos)

Os eventos fatais são uma grande fonte de preocupação, podendo desestabilizar o grupo e colocar em risco a investida:

Uma vez um tomou um tiro no rosto.. mas foi falha humana, é sempre falha humana, doutora.. alguma coisa que era pra fazer e não fez.. ele deixou um vigilante escapar. O vigilante se escondeu atrás da árvore e deu vários tiros, um no rosto, que matou ele. Eles tentaram prestar socorro, mas não puderam, pois a policia veio com mais gente... e esse não era nem da cidade.. veio trabalhar com a gente e logo na primeira morreu.
(Celso, 40 anos)

Um erro pode representar uma baixa para o grupo, sendo uma pessoa a menos para a proteção, além de ser uma forma de identificação dos demais integrantes.

Desse modo, a habilidade para atuar do inesperado é condição para a manutenção da segurança e integridade de si mesmo e do grupo, sob pena de retaliações severas:

Ele ia pegar o dinheiro e depois pegar a gente...aí ele ligou e fez tudo errado.. pegou o gerente e saiu dirigindo o carro com a mala... era pra o gerente sair com a mala dirigindo o carro e levar a mala pra casa...eu vi demorar...falei: esse negocio tá errado..aí eu liguei pra minha sobrinha.. em frente à delegacia...e pro meu tio que estavam na frente pro banco de celular. Aí eles disseram: sujou, as viaturas tão indo pra casa do gerente. Aí a agente saiu com fuzil na mão , metendo bala...ai pegamos uma moto.. três homens numa CG, pegamos um carro.. fomos pra frente do banco.. pensando que ele tava preso lá dentro..aí virou um vapor..trocamos tiros.. ficamos vinte minutos atrás dele...ele não era nada.. era só do grupo..ele foi embora..
Ele veio justificar que tinha um cara atrás dele. Eu disse a ele você é tão burro que tem um cara atrás de você e você faz tudo errado, arrisca nós. Larga nós, e vai embora? O que ele fez, pela lei do crime era pra ele morrer. Porque ele deixou nossa vida em risco.
(Renato, 37 anos)

O esperado é que os acordos estabelecidos pelo grupo sejam seguidos; porém, diante da suspeita de uma situação de perigo, em que um se sentiu ameaçado, a ação individual pode por em risco os demais e levar a investida ao fracasso. O mesmo não foi executado (morto), porque, segundo eles, não houve vítima fatal, apenas o roubo foi frustrado, podendo ser realizado em outra ocasião.

Esse evento deixa claro que apesar de ter sido feita uma boa inspeção do alvo e planejado uma investida segura, a ocorrência de imprevistos representa um aspecto relevante que diz respeito ao perigo; e a necessidade de manejo do mesmo pelos assaltantes.

Eles podem atingir o alvo diretamente, quando definem uma estratégia de invasão da agência, com possibilidade de confronto com a polícia, e trocas de tiros, caracterizando uma ação mais ostensiva, agressiva, conhecida como *Assalto*, e intitulada pelos assaltantes como “vapor”.

5.3.1 Planejando invadir a agência

Essa modalidade, intitulada *vapor*, prevê a entrada na agência e deve ser realizada em um intervalo de tempo que possibilite a retirada do dinheiro e fuga em segurança.

O cenário principal dessa investida, portanto é a agência; por isso, os dados levantados envolvem o montante de dinheiro, o esquema de segurança, localização, distância do posto policial ou delegacia, número de policiais, existência de rondas, veículo da polícia, armas disponíveis, segurança privada e possibilidades de rotas de fuga.

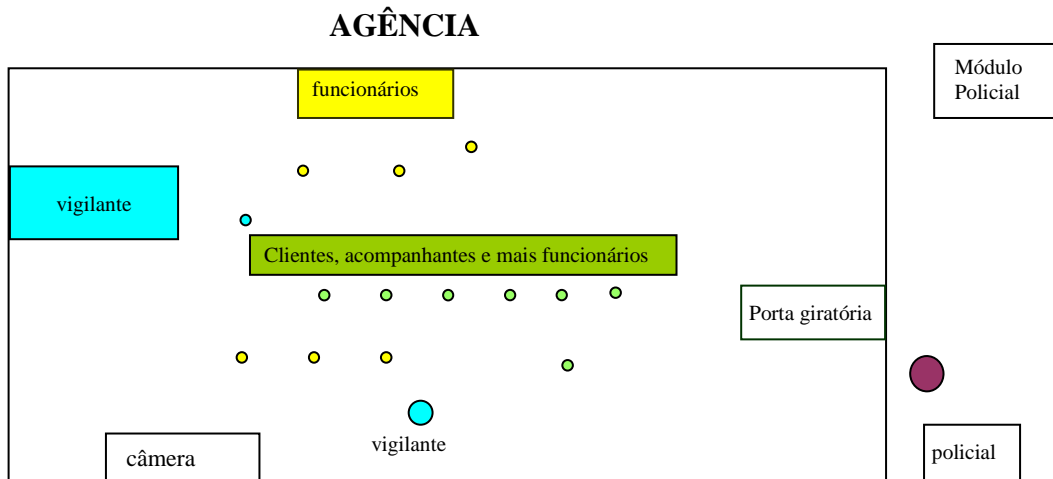
Também são pesquisadas: a presença de outros dispositivos de segurança, assim como o tipo de fechamento do cofre, presença de alarmes, tempo de disparo do alarme e chegada à delegacia, local onde fica o cofre, os caixas, saídas, rede elétrica, telefone, câmeras, rotina da agência, momento mais adequado para o assalto, horário da abertura do cofre.

Detalhes sobre as atribuições dos funcionários são relevantes como, por exemplo, quem é o gerente, onde ele fica, quem tem as chaves do cofre e da agência, o segredo e outras informações que viabilizam a disponibilidade do dinheiro em espécie, sem a necessidade do uso de maçaricos e explosivos, o que levaria tempo e atrairia a atenção de pessoas.

Eles fazem um esboço do local onde está instalado o alvo, desenhando-o num papel, como um *croqui*, e do entorno dele; a partir do desenho passam a levantar pontos de risco na empreitada e possibilidades de ação.

No diagrama 1, a seguir, desenhado pelos assaltantes, algumas vezes no papel e outras esboçada com as mãos, que deslizavam sobre a mesa, podemos ter uma idéia inicial de como são planejadas as formas de ação e o conhecimento que eles acumulam sobre a estrutura física e a dinâmica da agência:

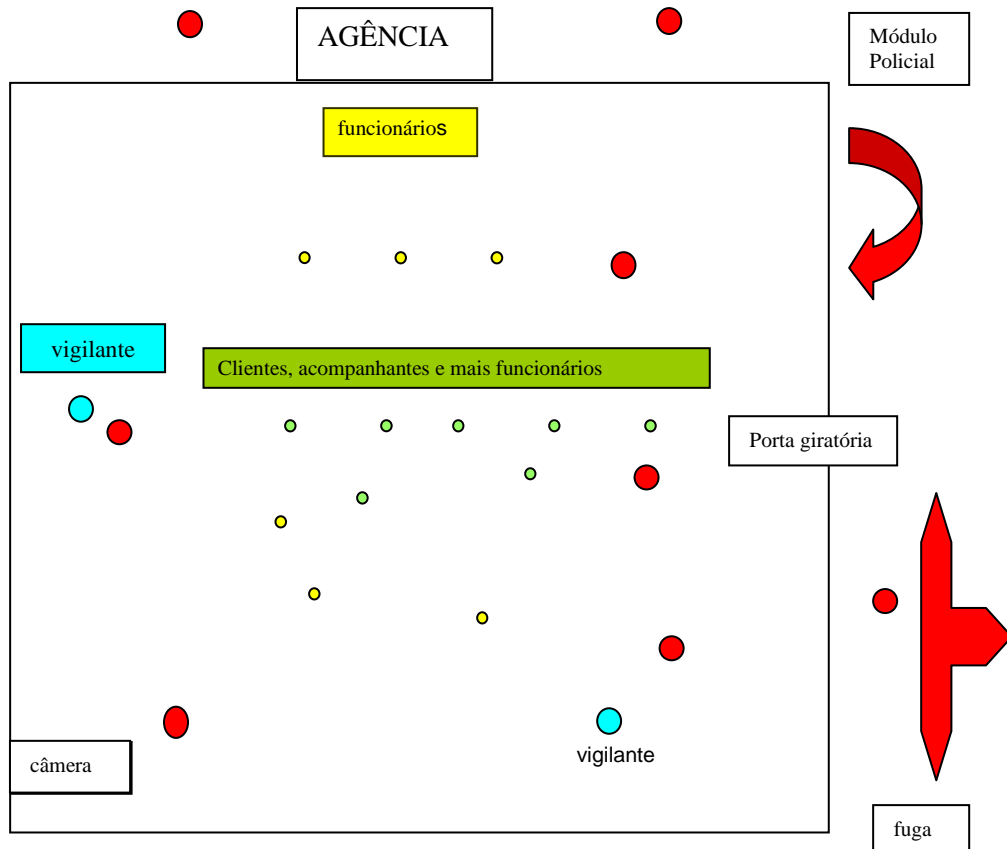
Diagrama 1: Esboço da agência



O esboço estático é tomado como referência para melhor visualização do local e colocação de pessoas em posição chave para abordagem do alvo; ou seja, uma parte do grupo entra na agência, outra se coloca nas imediações dela para dar retaguarda ou cobertura de quem está no interior, entrando em confronto com a polícia, se necessário, e outra parte será responsável pela fuga em segurança.

O diagrama 2 mostra a ocupação da agência pelos assaltantes (identificados em vermelho):

Diagrama 2: esboço da ocupação inicial da agência:



O esquema estático vai sendo adaptado à medida que adquire certo dinamismo, quando são abordadas as possibilidades da ação, projetando-as no papel. É utilizada uma forma pré-estabelecida como um *script*, mas não se restringem a ele, construído a depender das dificuldades que vão sendo levantadas.

Ainda assim, demonstra a desproporção, em número, dos assaltantes, em relação aos demais, que torna evidente a importância das armas para coerção e estabelecimento de um clima de terror e demonstração de poder que intimida e possibilita o domínio da situação.

Pode ser incrementado à medida que a agência disponha de mais recursos, mais vigilantes e maior policiamento e, certamente, necessitará de mais pessoas para o assalto.

Embora o esboço enfatize a agência, são levantadas vias de chegadas e rotas de fuga, assim como aspectos da cidade, que podem facilitar ou dificultar a investida.

Percebe-se, através do esquema, que a localização dos assaltantes lhes permite uma certa mobilidade e pulverização no local, que dificulta a prisão e identificação de todos os integrantes de uma quadrilha, deixando sempre possibilidade de, mesmo quando são efetuadas prisões, permanecerem remanescentes que podem formar novos grupos.

5.3.2 Planejando capturar o gerente

A opção por tomar o gerente ou a família deste como refém, permanecendo na residência por um período, conhecida como *sapatinho*, é adotada para evitar a invasão da agência, reduzindo o risco de confronto com a polícia e segue a lógica do menor custo e risco e maior benefício.

O bancário pode ser utilizado como intermediário, sendo liberado para obter o dinheiro e entregá-lo em local ermo. A entrevista a seguir fornece elementos que ajudam na compreensão dessa escolha:

Aí a gente combina tudo antes. É melhor porque é mais fácil (o *sapatinho*), mais seguro, não tem confronto, precisa menos gente. Ó, três dá. Já o vapor precisa mais, e aí é menos dinheiro. Se for muita gente, às vezes o dinheiro que vai ficar pra cada um nem vale a pena. Um fica com a família, você escolhe porque alguém diz: eu faço isso você faz aquilo, pelo que já fez antes (experiência), isso conta. Um sabe ficar (com a família), outro sabe abrir cofre. Ficar com a família não tem segredo não. É só ficar tranquilo, tem que ser calmo, mas fazer a pressão (Hamilton, 34 anos).

O *sapatinho* envolve a identificação da rotina do gerente e da família deste, o que leva no mínimo dois meses e vai depender da rotina que o indivíduo adota. São seguidos todos os passos do bancário e utilizados diversos meios, como mudanças de veículo, carro, moto, bicicleta. Pesquisa-se com quem vive na residência, a faixa etária, se tem crianças, tipo de vizinhança, se reside em local ermo, ou se algum vizinho frequenta a casa.

A residência do trabalhador passa a ter posição chave no *sapatinho*, devendo ser pensada a melhor forma de invadi-la e tomar as pessoas como reféns. Isso inclui o tipo de carro que deverá ser usado para o transporte, a utilização de cativeiros e sua localização, se o gerente deve ser monitorado à distância, através do celular, ou acompanhá-lo à agência e demais detalhes implicados no gerenciamento de grupos de pessoas por um período maior que o do assalto.

Os seqüestradores podem surpreender o bancário a caminho do trabalho e adentrar com ele na agência, enquanto fazem graves ameaças e mantém o local sob controle,

afirmando que o entorno da agência está "tomado" por eles, ou alegar que a família do bancário está sob sua guarda, sem que isso seja verdadeiro; ou pode ter abordado o gerente no dia anterior, permanecendo na casa do mesmo durante toda noite, com a família sob ameaça grave, liberando o gerente no início da manhã para que faça o "combinado", que é conseguir o dinheiro para resgatar a família. Nesse último caso, podem acompanhá-lo ou aguardá-lo em local previamente acertado, enquanto o monitoram pelo celular.

Essa modalidade envolve uma diversidade maior de tarefas, porque implica em um contato mais longo com as vítimas que o *vapor*; pode incluir pessoas que não são do grupo familiar, e de diversas faixas etárias como crianças e adolescentes, que requerem uma abordagem diferenciada, pela risco de reação que desperte atenção.

Dessa maneira, um critério de escolha do indivíduo para realização das tarefas depende da experiência, habilidade e preferências pessoais, visto que alguns evitam a presença de crianças.

A violência psicológica e a pressão exercida sobre os bancários são elementos importantes no manejo das vítimas e muitas vezes determinantes para o êxito das investidas.

O tempo de privação da liberdade das vítimas é um aspecto importante, pois seu prolongamento funciona como agravante das tensões entre as vítimas e os agressores, e entre estes e a polícia, exigindo maior habilidade para o manejo, pode caracterizar um delito mais grave, com punição equivalente, chegando a determinar a suspensão ou interrupção da investida como forma de reduzir a comoção pública, a repercussão social e a investida policial contra o grupo.

5.4 CUSTOS DAS INVESTIDAS CRIMINOSAS

Os roubos a bancos envolvem uma série de gastos que visam anular as medidas de segurança adotadas para proteger o patrimônio, para criar condições de se aproximar do alvo. Tem relação direta com a estratégia a ser adotada e com o grupo de criminosos que vai realizá-los. A entrevista a seguir fornece subsídios para conhecermos os componentes desses custos:

Depende, um fuzil é uns 15 mil. Se precisa de 5, então só aí é 75 mil. Isso quando não tem arma, alugar casa, ou uma chácara, passagem, alimentação e roupa boa pra todo mundo, e a senhora sabe, esse povo não come qualquer coisa, conta de restaurante, aí

é uns cem mil, por baixo, uma pessoa pra cuidar das coisas, e tem que ser tudo em dinheiro (Celso, 40 anos).

No relato acima, o entrevistado mostra, com desenvoltura, experiência e naturalidade, um cálculo mental, de improviso, dos custos aproximados dos instrumentos necessários para uma investida criminosa, citando alguns utilizados, como carros, armas, munição e outros destinados à logística do roubo, que incluem local de estadia da quadrilha, alimentação, vestuário, prestadores de serviços domésticos, e os gastos decorrentes do estilo de vida adotado por eles.

A quantia apontada por ele, “100.000, por baixo”, evidencia que é preciso uma reserva de dinheiro para cobrir as despesas, e que esta pode ser obtida da prática de delitos menores, como refere a entrevista a seguir: “Assalto a banco é caro, tem que ter arma, munição, carro, é uns 50 a 100mil, por baixo, por isso tem quadrilha que faz pequenos assaltos pra se capitalizar, porque tem que investir.. . é alto” (Marcelo 30 anos).

O uso de termos como “*investir*” e “*capitalizar*” dão a dimensão de um assalto enquanto negócio e empreendimento, em que um alvo é selecionado a depender da possibilidade de ser lucrativo. A quantia, novamente citada, de 100 mil reais, que deve estar disponível para ser usada como *investimento*, e é indisponível para a grande maioria dos brasileiros, mostra o nível de estruturação dos integrantes dessas organizações, que dispõem desse valor em espécie, para efetivar as transações e ainda manterem um estilo de vida diferenciado, conforme citado anteriormente.

Este fato mostra uma forma de selecionar os integrantes do grupo, pois os que conseguem manter a reserva financeira e se capitalizar para novas investidas passam a ocupar posição de destaque em relação aos demais, que ficam em posição de dependência e desvantagem, como explica Daniel, 30 anos, integrante de uma quadrilha que realiza assaltos aos bancos e atua no tráfico de drogas:

É, tem gente que nasceu pra ser mandado e vai ficar sempre assim, porque o que ele pega ele destrói; então sempre vai ficar precisando, tipo assim, ele tem um patrão e ele vai sempre precisar do patrão, porque ele não tem a cabeça de subir. É só dali pra baixo, ele vai acabar morrendo aqui [em uma posição inferior], porque ele não tem a mentalidade de pegar o dinheiro dele e subir, investir. A realidade é essa, o cara tem que investir, em casa, patrimônio, terreno, lavar o dinheiro, entendeu?.

Aqui, percebe-se uma estratificação dentro das quadrilhas, com alguns indivíduos em posição de comando (patrão) e outros em situação de dependência, pois não usariam o dinheiro de forma racional, “*não investem*”, contribuindo para a manutenção dessa relação vertical.

O mesmo entrevistado fala sobre uma possibilidade de ascensão no grupo e, ao mesmo tempo, um engessamento e paralisia que são atribuídas às características inerentes ao indivíduo, como algo inato, com possibilidades de mobilidade restritas, dentro do grupo.

Os custos serão tratados dentro de uma perspectiva temporal, sendo divididos em dois momentos: antes e após a investida.

Os gastos efetuados *antes* da investida compreendem armas de fogo, veículos, despesas com viagens, para verificação do local e realização da mesma, como transporte aéreo, e terrestre, hospedagem em hotéis, e casas que são alugadas para levantar dados sobre o alvo, alimentação e vestuário do grupo, contratação de pessoas que dão suporte à quadrilha, em serviços domésticos, transporte de armas, e outros elementos que venham compor a abordagem.

As armas de fogo são apontadas como os elementos mais caros, nesse aspecto, o *Vapor* ou *Sapatinho* vão apresentar desempenhos financeiros totalmente diferentes. Como o *vapor* tem um raio maior de ação, ocorre num cenário ampliado, requer mais pessoas com armamento pesado e envolve a troca de tiros e perda de munição.

Se fizermos uma estimativa do custo inicial de um assalto, “*por cima*”, apenas para despesas com armas, seria necessária, a quantia de 120 a 150 mil reais. O custo se torna maior quando adicionadas as munições utilizadas e armas perdidas durante o confronto.

No *Sapatinho* o custo é menor, porque demanda um número menor de pessoas; as armas não têm uso efetivo intenso, quando comparadas ao *Vapor*. Caracterizando uma modalidade mais barata e mais segura.

Os carros podem ser adquiridos através de roubo de terceiros ou comprados em revendas oficiais de carros, ou, ainda, segundo o relato de uma entrevistada, obtidos através do “*golpe do seguro*”:

Um empresário tem um carro, quer vender, mas não vai ganhar muito dinheiro, está perdendo o valor, deprecia muito, aí é um carro segurado... Ele pega e vende pra gente. Antes do assalto, ele vai e dá queixa. Ele ganha da gente e do seguro, o valor que ele pagou. Quem faz isso é empresário da cidade, gente de bem, por 5, dez mil. (Marisa, 38 anos).

Trata-se do envolvimento de pessoas tidas como idôneas na comunidade e que utilizam os roubos como forma de obterem mais dinheiro.

Os veículos usados são *puxados* [roubados] pelos *auxiliares* ou por integrantes efetivos do grupo. No primeiro caso, são remunerados ao entregarem a mercadoria. No segundo, recebem a parte que lhes cabe na divisão total do dinheiro obtido no roubo. Esses

veículos são utilizados para chegada e fuga do local, sendo que, em determinado ponto, são abandonados e substituídos por outros carros, que também podem ser roubados ou comprados legalmente:

Eu usava sempre carro comprado. Eu ia, comprava o carro, pagava adiantado e não trocava o nome, pegava o DUT e guardava, dizia que tava viajando, fazia vários assaltos, depois de um tempo eu jogava o carro numa lagoa, num rio e comprava outro, depois que ele me rendia muito, aí eu me desfazia dele. Carro roubado eu não pegava porque chama a atenção da polícia, se rouba carro, a polícia já sabe que vai ter assalto a banco, então é ruim, é mais um trabalho, pode ter vítimas. (Clóvis, 38 anos)

A legalização do carro é uma forma de não levantar suspeitas, permitindo circular livremente, sem restrições, após o roubo.

Nesse aspecto, a aquisição de peças de vestuário, referidas como sendo de custo elevado, ajudam a manter uma imagem insuspeita, além de constituir um elemento do estilo de vida especial adotado por ele e outros assaltantes de banco que integram a elite da criminalidade:

Depende do tamanho, da quantidade de dinheiro, assim, sem contar arma, fuzil, que é mais fuzil que tem que usar, ou 9mm [pistola] Uns 25 mil, sem as armas, só por cima. Tem que pagar uma pessoa para olhar, às vezes alugar um lugar pra ficar, tem que ir antes do tempo, do dia, aí é despesa com casa, comprar roupa, porque se eu tô de roupa fina, social, camisa de botão até o pescoço, com uma bíblia na mão, a senhora vai desconfiar? Não, né? Pensa que é cristão. Tem que gastar na cidade, tipo assim, ir na feira, aí eu ia com uma mulher fazer compra, sem chamar a atenção, pra ninguém perceber, como família, às vezes montar um negócio na cidade. (Sérgio, 31 anos).

Os gastos com “*roupa fina, social*” e bens de consumo facilitam a inserção na comunidade e servem para mantê-los circulando, obtendo informações e preparando as investidas criminosas com liberdade de ação.

Outros recursos podem ser empregados para viabilizar o roubo, constituindo verdadeiros disfarces, como as roupas de segurança, carteiros, policiais, máscaras, que não têm custo elevado em relação às armas, mas requerem dinheiro em espécie para serem compradas.

Depende do assalto... [Fica pensativo, fazendo cálculos] Uns 5 coletes de polícia.. 2 mil cada um .. 10.000,00. Lugar pra ficar.. alimentação.. fora arma.. carro... munição.. aí uns 25 mil.. um assalto pequeno, porque desses grandes.. eu nunca fiz. (Lúcio, 26 anos, integrante de uma quadrilha de assaltos a estabelecimentos comerciais e bancos de menor porte)

O uso de colete de policial é um facilitador do roubo, porque permite a entrada na agência, reduz o impacto inicial causado pela presença de assaltantes à paisana, além de gerar confusão nos presentes, que demoram de perceber do que realmente se trata, retardando a

possibilidade de resposta da polícia ou qualquer movimento contra o assalto, permitindo-os agir por mais tempo.

Os gastos após o roubo incluem os pagamentos dos *auxiliares*, que prestaram algum serviço para a quadrilha, ou com profissionais de saúde, nos casos de ferimentos durante a investida, em que são utilizadas unidades da rede privada, sendo evitados os serviços da rede pública porque despertam mais atenção e levantam suspeitas sobre os mesmos (AMORIM, 2004):

Ah, aí já tem um pessoal particular, enfermeiro, né? Paga, fica por ali mesmo. Não pode ir no serviço público. Ele ganha o dinheiro dele. Já teve situação de um parceiro meu ficar ferido no mato, na fazenda, e o médico ir dar socorro, cuidar do ferimento, ele faz o nosso jogo, tá ganhando o dinheiro dele, e o dinheiro aqui na terra, abaixo de Deus, funciona em muita coisa. (Daniel, 30 anos)

Daí a necessidade de guardar parte do dinheiro para essas despesas emergenciais, que podem surgir e das pessoas que eles mantêm como contato para esses serviços.

Muitos desses profissionais de saúde são coagidos a prestarem socorro e realizarem procedimentos, mesmo em condições precárias, tendo em vista a gravidade do que significa a recusa do atendimento nessas circunstâncias.

Os honorários com advogados são outra fonte de despesa que incide sobre as quadrilhas, quando seus integrantes são presos, conforme o relato a seguir: “E você tem que ter é dinheiro pra pagar advogado quando cair preso, porque é caro, essa é a parte mais cara”. (Celso, 40 anos)

Desse modo, o montante que dispõem para investir nos roubos e o levantamento detalhado das despesas refletem o nível de estruturação dessas organizações que se especializam em roubos aos bancos, cujo poder econômico constitui o “*segundo poder de fogo*”, através do que adquirem os meios para se manter na atividade criminosa.

5.5 ARMAS DE FOGO: FORMAS DE OBTENÇÃO, TRANSPORTE E GUARDA:

5.5.1 Obtendo armas novas

As armas usadas nos roubos aos bancos podem ser compradas nos países que fazem fronteiras com o Brasil, como o Paraguai, que integram a rota do tráfico internacional de armas, ou em pontos-chaves do tráfico de armas mais próximos de onde atuam.

Os integrantes das organizações criminosas, que ocupam posição de liderança podem encomendar as armas, ou se deslocar até o local onde estão dispostas, escolher ou fazer encomendas de produtos mais adequados ao seu intento, que não estão disponíveis no momento, e pagar para que sejam transportadas e cheguem ao destino em segurança e intactas.

Eles evitam trazer as armas, para não correrem o risco de prisão e essas serem apreendidas pela polícia e; por isso, mantém contato com pessoas que são remuneradas para o transporte de armas. Geralmente são contrabandeadas e contam com a conivência de integrantes da força policial, como demonstra o relato a seguir:

“Compra sempre de quem doutora? Da polícia, contrabando, quem é que mais faz contrabando, corrupção? A polícia, não vou dizer que é todos, mas 50 % são. é muito” (Ronaldo, 41 anos).

Esse tipo de referência demonstra o alcance dos roubos aos bancos, que, movimentando altas somas, conseguem não só envolver elementos do poder público, como estarem relacionados a outros tipos de crimes internacionais, como o tráfico de armas e o tráfico de drogas.

A compra de armas requer disponibilidade de dinheiro em espécie para fazer transações sem deixar vestígios, e representa boa parte dos custos, sendo considerada como um investimento, pois, através delas podem acumular capital e manter a atividade criminosa.

5.5.2 Uso de armas de terceiros: empréstimo ou aluguel?

Outra forma de obter armas é pagar pelo uso da arma de outra pessoa, sendo que a palavra *aluguel* é vista com reserva por parte dos entrevistados (dois deles se referiram a pessoas que dispõem de arma em casa, colecionadores, e que “alugariam as armas”). Em contrapartida, os que rechaçam o uso do termo *aluguel* justificam que manter armas de fogo, do porte utilizado nos roubos a bancos, constitui uma situação muito arriscada pela possibilidade de atrair a cobiça dos demais, que poderiam matar o proprietário e tomar posse das armas, e pelo risco de serem presos por porte ilegal de armas e acusados de envolvimento em outros crimes, tal como explica Ronaldo, 41 anos, a seguir:

Ah, doutora, eu sempre gostei. Arma é meu fraco desde criança. Sempre gostei de arma, eu fui criado desde pequeno com arma, aprendi a atirar cedo, meu pai e tios eram da polícia...com 8 anos eu ia ver eles atirarem e aprendi. Eu fui do exército, servi às Forças Armadas, então uma coisa que é séria aí é o cara saber usar arma. Hoje o cara tem uma arma e acha que pode tudo...e às vezes não sabe nem atirar, nem tem controle dele, quanto mais da arma. Saber usar arma é nunca precisar usar. Outra coisa, ninguém aluga arma. Disse que o PCC aluga, eu não acredito. Quem ia ter arma em casa pra ser alugada? Uma hora iam pegar. Acontece muito da gente ter que fazer coisa grande e aí pedir pros parceiros que a gente sabe que têm, depois dá um dinheiro, mas não é aluguel isso. Tem até morte porque um parceiro pega a arma do outro e “quebra” [dá sumiço, não devolve, vende].

A narrativa anterior aponta para as complicações decorrentes da posse de armas e a passagem pelas forças armadas como uma forma de treinamento onde adquire conhecimento e experiência no manejo.

Os entrevistados que fazem referência ao aluguel explicam que pagam pelo uso de armas de terceiros e são responsáveis pela devolução intacta das mesmas, conforme o seguinte trecho:

A gente era 8... Eu fui pensando assim: se eu ficar nisso, eles podem pegar 500 mil pra cada e eu vou morrer pegando só 5 mil? se quando for preso eu vou junto. O mesmo artigo. A senhora sabe como é, a gente quer mais, depois, parar é difícil, porque se você faz tudo certo, é fácil, só é ir pegar o dinheiro. Ninguém vai sem saber, sem ter levantado tudo. E aí eu comecei a ir, a gente no início pegava arma de um cara que dava pra gente, era alugado, porque a gente não tinha dinheiro, e a sra sabe, pra fazer assalto tem que investir. Eu antes participava assim, mas não era assaltante, mas depois que você vai, aí você é, você fica como eles, não tem essa. A gente era 8 homens, uns eu conhecia lá do bairro, desde pequeno, a gente pega a confiança assim um no outro, e aí agia junto, com o tempo a gente foi comprando arma e munição, sabe como é, pra não pegar mais alugado. (Sérgio, 31 anos).

Essa última entrevista exhibe uma explicação sobre a mudança de status de um dos integrantes, assim como o crescimento do grupo através da acumulação de capital que possibilitou “*investimento*” na compra de armas e munição, que representa possuir meios para realizar as investidas.

Outro fator que é influenciado pela propriedade de armas é a posição de liderança, observando-se uma relação direta entre possuir as armas, poder para arregimentar pessoas, e ocupar posição de destaque no grupo.

A aquisição de armas faz com que os indivíduos possam sair da dependência de outros e constituir seu próprio grupo, que resulta em liberdade para atuar.

A divergência de entendimento sobre o que caracteriza o aluguel diz respeito ao fato deste ser entendido como uma atividade exclusiva de alguém que tem armas em seu poder e vive de alugá-las, enquanto outros a entendem como um empréstimo, pois conseguem as armas de outros que as usam, e recebem dinheiro para cedê-las. Neste contexto de divisão, surge mais uma experiência interessante, em relação ao uso de armas de terceiros:

Tem gente, doutora, que adora arma, tem em casa pra ver, admirar, eles gostavam muito de fuzil, pistola, metralhadora. Eu malmente sei usar um 38; se usasse um fuzil ou pistola era capaz de fazer um estrago. Às vezes eles compram, alugam, de polícia, já vi até de colecionador, que guarda arma em casa, tem orgulho, gosta de abrir e olhar, então ganha pra dar à gente pra fazer assalto. Agora tem arma até de um material que não acusa na porta giratória, não pega metal, é um tipo diferente, já vi gente usar arma de brinquedo, mas tava num grupo com arma, o resto todo tinha arma, foi mais pra entrar na agência. (Arnaldo, 37 anos) a

Outra forma para adquirir armas de fogo é através de colecionadores, que as cede para os assaltantes, em troca de pagamento, não integrando qualquer quadrilha e não participando diretamente dos roubos, assemelhando-se ao papel do *auxiliar* (abordado no item destinado ao Planejamento) que não é reconhecido como assaltante, mas ocupa posição importante na dinâmica dos roubos, ajudando a viabilizar esses crimes.

5.5.3 Aprendendo a manejar as armas

O manejo adequado das armas é uma habilidade importante dentro da dinâmica dos roubos, pois fala sobre a capacidade do indivíduo de manter os acordos previamente acertados, em que são levantadas as possíveis situações que vão requerer o seu uso efetivo e as reações diante dos imprevistos que vão demonstrar o quanto o indivíduo consegue exercer controle sobre suas tensões e manter o uso de armas dentro de uma lógica instrumental de reduzir os danos para o grupo.

Os assaltantes podem entrar nas quadrilhas com habilidade adquirida nos treinamentos nas forças armadas, ou através de outras circunstâncias, como a prática, tentativa e erro, como exemplifica o relato a seguir: “a gente só usava 38 pistola 9(mm), nunca usei fuzil, aí você aprende, vai tentando, atira e vai aprendendo, não tem essa de não saber”. (Lúcio, 26 anos)

O relato a seguir confirma o treinamento continuado da pontaria e o manejo com armamentos pesados que ocorre em áreas rurais ou casas afastadas da cidade, para que o barulho não desperte a atenção dos demais moradores da localidade.

“Aprende. A gente vai treinando, tem um lugar pra gente ficar, numa fazenda. Tinha dois irmãos que o pai deles era fazendeiro” (Daniel, 30 anos).

Esse relato reforça a questão da aprendizagem continuada, a inserção de integrantes da mesma família e do uso de áreas rurais, que dão mais liberdade e mobilidade aos integrantes das quadrilhas.

Como evidenciado até o momento, o manejo de armas tem um lugar de destaque na dinâmica dos roubos a bancos, pois de seu uso racional depende o sucesso da mesma e, muitas vezes, o destino do grupo. Outro fator importante que tem relação ao uso de armas é como se dá o transporte da armas até o local onde o grupo sairá para efetuar o roubo.

5.5.4 Transporte das Armas para uso imediato

As armas são mantidas em local seguro, protegidas contra investidas de outros, colocadas em carros disfarçadas e transportadas por pessoas que não levantam suspeitas nas barreiras policiais. As mulheres podem ser utilizadas mulheres para esse fim, pois raramente despertam a atenção de terceiros.

“Às vezes ele me pedia pra olhar um banco, um carro forte, levar arma pra ele ou algum amigo, depois eu encontrava ele, a gente trocava de roupa, ninguém desconfiava, trocava de carro e passava em todas as barreiras, um casal, quem ia desconfiar? Ele bem vestido (Marisa, 38 anos).

No dia da investida, as armas são disfarçadas em capas de instrumentos musicais, sacolas, mochilas e outros meios usados para escondê-las:

“Quando eu ia, eu dava as armas, com uma sacola, uma bolsa. Não vai com arma no corpo porque é mais perigoso, porque se tiver policia dentro do banco, tiver uma “batida” aí vai ser perigoso, fica mais difícil.” (Hilda, 32 anos)

Há relatos de pessoas que realizam o transporte de armas para o grupo, restringindo-se a essa função, não participando efetivamente da ação, e recebendo uma quantia previamente acertada para efetuar a contento o *serviço*. Nesse caso, elas se enquadrariam na posição do auxiliar, uma vez que contribuem para a investida, mas não vão à linha de frente.

5.5.5 Posse e uso de armas

As armas de fogo ocupam posição de destaque no cenário dos roubos porque o impacto causado pela sua presença, ainda que não haja disparo, reduz as possibilidades de resistência das vítimas, tornando-as vulneráveis e fazendo com que cedam o patrimônio mais facilmente para os assaltantes (CONKLIN, 1972).

Conklin (1972) levanta pontos que ajudam a pensar em outras funções de uma arma de fogo em um assalto: são mais eficazes para gerar medo nas vítimas, são reconhecidamente mais perigosas, e, diferente das armas brancas, como facas e punhais, cobrem uma grande área, não demandando proximidade física entre vítima e perpetrador, podendo causar danos à distância, além de facilitarem a fuga, caso os assaltantes encontrem algum obstáculo no trajeto.

Esse mesmo autor refere que quanto maior a periculosidade da arma, menor é a possibilidade do agressor causar danos físicos às vítimas, pois estas tendem a reagir menos às investidas criminosas. Paralelamente, quando o dano ocorre, pode resultar em uma situação grave, por conta da letalidade desse tipo de instrumento.

As armas de fogo estariam modificando as formas de atuação das quadrilhas, pois seu uso progressivo substituiu as habilidades requeridas para os crimes que envolvem o contato com pessoas, como a capacidade de persuasão, e de convencimento, passando a determinar atuações cada vez mais grosseiras e agressivas (KRICHNER, 2000).

A entrevista de Marcos, 44 anos, que faz assaltos aos bancos há mais de vinte anos, nos fornece um exemplo da influência das armas nessas mudanças:

Antes não usava o armamento de hoje. Antes era revólver, no máximo pistola, metralhadora, granada, ponto 30 e escopeta, hoje, dra, é fuzil, arma que eu nunca nem vi, nunca toquei. Eu acho que as quadrilhas de hoje tão mais violentas, muito mais sangrentas mesmo. Eles gostam de mostrar que tem poder de fogo. A gente tinha que ter argumento, tinha que saber chegar, enquadrar, ver bem o lugar, eu mesmo não ia sem antes ver.

Percebe-se através desse relato a centralização do uso das armas de fogo e adoção de estratégias mais violentas, relegando a um plano inferior a capacidade de estabelecer o comando na interação com as vítimas.

Matthews (2002), em seu estudo sobre assaltos a bancos, coloca que os assaltantes, frente às medidas de segurança adotadas pelos bancos, passaram a privilegiar a aproximação

direta do alvo, através de invasões do local com armas em punho, e que essa forma se mostrou mais rápida e efetiva.

A eficácia do método de invasão dos estabelecimentos e o uso crescente de armas de fogo levaram ao que Matthews (2002) denominou “*democratização do crime*”, que é a descentralização dos assaltos em quadrilhas mais organizadas, para outros tipos, composta por grupos de *amadores*, em que o porte de arma faz com que qualquer indivíduo se sinta capaz de realizar um assalto.

Essas mudanças aumentam os riscos a que estão submetidas as vítimas quando expostas a grupos de indivíduos inexperientes, cujo manejo de armas é precário. Como exemplifica a entrevista a seguir.

Hoje tem uns meninos, aí, que pega uns 38, umas pistolas. Ficam sabendo que no interior é fácil, porque tem interior que só tem 2 ou 3 policiais. Aí entra pra fazer assalto, e se diz assaltante de banco. Às vezes vai pra comprar droga, pra gastar com besteira. Nem sabe o que tá fazendo. Tem uns meninos mesmo, que ta é acostumado a pegar mercadinho. Aí chega no banco, rouba caixa e cliente. É um estrago porque eles às vezes fecham a cidade, cortam telefone. Pra quê? Aí a população cria aquele terror. Pede a cabeça deles. Morrem muitos, por isso que morre, sai dando tiro, acerta um e aí? Depois quem vai querer saber? Mereceu. É isso que dizem (Sérgio, 31 anos).

No último relato, o entrevistado evidencia a propagação da vulnerabilidade das agências do interior, que, por serem consideradas alvos fáceis, atraem a atenção e motivam grupos com diversos níveis de organização, inclusive de *amadores*, cuja caracterização foi feita nos capítulos anteriores.

A realidade brasileira tem demonstrado que as organizações criminosas constituídas por assaltantes especializados em roubos aos bancos, ditos *profissionais* vêm buscando formas mais *silenciosas e seguras* de atingir seus objetivos, evitando confrontos com a polícia, optando pelo seqüestro de bancários e familiares, ou acesso aos cofres das agências através da escavação de túneis, meticulosamente calculados. Eles podem realizar assaltos a agências bancárias menores, visando obter “*capital*” para “*investir*” em alvos maiores, mas tendem a controlar a agência e os presentes, sem causar *barulho* que possa despertar a atenção e reação da polícia. (NASCIMENTO, 2004; PAES MACHADO e NASCIMENTO, 2006). A entrevista a seguir, de um bancário, vitimizado pela quinta vez, descreve um assalto realizado por um desses grupos:

Eu nunca vi não doutora, eles estavam no banco, só fizeram se aproximar da gente mostrar um fuzil por dentro da roupa e fizeram gesto pra gente ficar calado. Não falaram uma palavra, esses eram profissionais. Nem os clientes, nem ninguém

desconfiou. Eles apontaram pra os outros, mostrando que a agência tava cheia deles, com sacola, capa de violão, ninguém desconfiou de nada. Eles saíram andando numa boa, entraram no carro e foram embora, tranqüilamente. Eram bem vestidos, altos, boa aparência. Ninguém dizia que tava acontecendo nada ali (Orlando, 43 anos).

Ele descreve uma atuação literalmente *silenciosa* em que as armas foram mostradas aos bancários como forma efetiva de intimidação, sem que houvesse qualquer disparo, gerando um misto de espanto, admiração e alívio nas vítimas, que vêem nos *profissionais* maior capacidade de controle sobre a ação e inferem, com isso, que estão expostos a menor risco.

Uma atuação dessa maneira resulta em ganho para as quadrilhas, evita danos maiores, porque reduz as perdas com munição e pessoal, tem menor probabilidade de confronto com a polícia, além de diminuir a reação por parte da opinião pública, gerando uma espécie de *simpatia* pelo assaltante.

Nos grupos integrados por assaltantes *amadores e intermediários* (Matthews 2002), predomina a forma anterior de invasão das agências, embora alguns venham imitando a forma de atuação dos *profissionais* Matthews (2002). A entrevista a seguir é um exemplo da atuação desses grupos.

Mas a gente só vai sabendo o que vai encontrar, tipo assim alguém da cidade diz que tem dia de pagamento, aí a gente vai. O problema é a pegada [surpreender as vítimas]. Sabendo fazer a pegada, tá dominado e isso você aprende, a não assustar, chegar, já meter o oitão [revólver calibre 38] na cara. Falar sério e aí a pessoa vê que você não tá brincando. Porque tudo tá aí, na pegada. Se o cara deixar o outro sair, se mexer, ou ficar nervoso, aí ele pode se movimentar, você pode pensar que tá sacando a arma, aí é você ou ele, nem pode pensar duas vezes, é atirar mesmo, pra valer, mas se a pegada for boa, não vai ter problema, agora o pior é a saída, porque pode vir policial, alguém avisar (Lúcio, 26 anos).

O relato anterior demonstra o caráter aventureiro e pouco planejado do grupo, assim como a adoção de diversos tipos de alvo, sem especificidade, com atuações grosseiras, cujo tipo de arma utilizada, revólver calibre 38, é considerada de *baixo poder de fogo* pelos assaltantes especializados em roubos aos bancos, reforçando a hipótese do mesmo ser composto prioritariamente por *amadores* (MATTHEWS, 2002).

Desse modo, pode-se perceber que o uso e o tipo de armas são influenciados pelas diferentes configurações dos grupos de criminosos e pela lógica de utilização das mesmas.

Em decorrência da especificidade da inserção das armas de fogo em cada modalidade de roubo, se vapor ou sapatinho, apontada anteriormente, elas serão tratadas em seções separadas a seguir.

5.5.5.1 Uso das Armas de Fogo nos Assaltos

O relato abaixo fornece elementos que nos aproximam dos eventos dramáticos e perigosos que são os assaltos às agências bancárias, denominados *vapor*, pelos assaltantes.

Eles fecharam a cidade. Chegaram metralhando, com uma Ranger, uma F1000 e um carro menor, saltaram do carro e foram atirando. Foi um desespero na cidade, todo mundo correndo. Eles metralharam a porta, aterrorizaram a cidade, barbarizaram. Eles entram na agência xingando, gritando, falando cada palavrão. Esse negócio de porta eletrônica, segurança, câmera, não tem isso não. Eles dão um tiro nisso e aí já era. São armas muito potentes. Aquilo, eu acho, deve ser fuzil, porque é grande, dá uns 200 tiros, ou metralhadora” (Josué, 38 anos, bancário).

O entrevistado relata a chegada espalhafatosa e *espetacular*, causando pânico nos moradores e trabalhadores, constituindo um verdadeiro espetáculo que desmonta a rotina e marca a história da cidade, muitas vezes retirando-a do anonimato dos mapas, lançando-as às telas da TV, nos telejornais. A tomada da cidade e a utilização das armas de fogo, de grande porte, com destruição de câmeras, portas giratórias, paredes que cercam a agência, vidros e outros dispositivos que obstaculizam a ação dos assaltantes, têm como objetivo a demonstração ostensiva de força e poder, através da qual buscam aniquilar a possibilidade de resistência das vítimas.

Essa forma de atuação compreende uma ação rápida e ordenada, que deve durar minutos, em que as vítimas são paralisadas pela *surpresa e* pelo conteúdo chocante da cena que é instalada subitamente na cidade, inviabilizando uma reação estruturada por parte das mesmas.

O assalto, tal como descrito acima, envolve um número maior de pessoas, 2 a 20 (PAES-MACHADO e NASCIMENTO, 2006), quando comparado ao seqüestro, pela sua configuração e pela área que ocupa, o que implica na maior presença de armas de fogo, pois além dos assaltantes que assumem a *linha de frente do vapor*, há os que fazem a retaguarda da operação, posicionando-se nos arredores da agência, e os que vão viabilizar a fuga em segurança.

Todos os membros da quadrilha devem portar e saber manejar adequadamente as armas, visto que o transcorrer da investida depende da atuação de cada um deles.

São utilizadas as armas de grande “*poder de fogo*”, que é definido pelos assaltantes como a possibilidade de efetuar um número elevado de disparos em curto tempo, ter alta capacidade de destruição e longo alcance, podendo remover qualquer obstáculo encontrado no caminho.

São usados diversos disfarces para as armas: capas de instrumentos musicais, raquetes de tênis, sacolas, tanto pelos que invadem a agência, quanto pelos que ficam fora com o objetivo de utilizá-las para dar cobertura, ou proteger as pessoas que estão na linha de frente da ação, resguardando-as e possibilitando que concretizem o roubo e fujam em segurança com o dinheiro.

O tipo e número de armas e munição necessárias são estimados antes de cada investida, sendo priorizados os fuzis, metralhadoras e outras que tenham grande *poder de fogo*.

A letalidade dessas armas é reconhecida e valorizada pelos assaltantes, conforme relato a seguir:

“Às vezes no vapor é uma raridade não ter disparo, por causa do poder das armas. Fuzil, só no fuzil mesmo, mata um lá longe, que não tem nada a ver” (Renato, 37 anos).

Nesta entrevista, fica claro o conhecimento que eles têm sobre os riscos que envolvem o uso de armas desse porte, podendo atingir pessoas indiscriminadamente e causar danos fatais.

Antes das investidas, são estabelecidos acordos que visam o uso instrumental das armas, ou seja, priorizando uma ação “*sem violência*”, em que devem atirar apenas em situações necessários para concretizar a ação, ou para evitar a morte de alguém do grupo, quando em situação de risco.

Os assaltantes demonstram muita preocupação com eventos fatais, pois na ocorrência destes, o crime, inicialmente caracterizando o *Roubo*, passa a configurar *Latrocínio*¹, cuja penalidade é mais severa, os benefícios previstos em lei são mais restritos e a repercussão pública é maior, o que resulta em uma série de dificuldades para os mesmos.

¹ Roubo (art. 157): subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência: Pena-reclusão, de quatro a dez anos, e multa.

Latrocínio (Roubo e morte): de acordo com o artigo 157, § 3º, do CP, com a redação que lhe foi dada pelo art. 6º, da Lei no 8.072, de 25-7-90, confirmada pelo art. 1º da Lei 9.426, de 24-12-96, se da violência resulta em morte, a pena cominada é de 20 a 30 anos de reclusão, além da multa

No assalto, ou *Vapor*, como explanado anteriormente, o uso das armas de fogo compreende a abordagem prioritária de controle da agência e do entorno dela, visando estabelecer um controle total da situação; pode implicar na troca de tiros com policiais e destruição de objetos e bens, como forma de potencializar a intimidação e obter êxito, diferente das prioridades estabelecidas para o uso das mesmas no *sapatinho*, que será explicado em seguida.

5.5.5.2 O Uso das Armas de Fogo no Seqüestro

A extorsão mediante seqüestro foi adotada pelas organizações criminosas com o objetivo de constituir uma forma silenciosa e segura de obter o dinheiro da agência, sem implicar no embate físico com policiais e sem o estardalhaço provocado pelo *vapor*.

No *sapatinho* não, não tem violência. É só mostrar o material [as armas] pro gerente e conversar. Um rapaz entra com ele no banco. Ele pega todo o dinheiro do banco, entrega, e o rapaz traz pra gente, sem dar mancada nenhuma. Não vira vapor. Nunca deu errado, porque o gerente fica com medo. Porque agente leva muita arma. As armas que agente mostra, AK, AR 15, muita dinamite, bomba. É assim: pega cedo o gerente, o horário que ele chega, 7 e meia, 8 horas. À tarde, na chegada do banco, vê tudo, se tem vizinho na porta, cumprimenta ele, normal. Diz que a família tá segura, aí ele acredita naquilo. Aí a gente diz: olha a gente só tá querendo o dinheiro do banco, nosso trabalho é esse. Nós somos profissionais. Não é o primeiro banco que a gente tá fazendo. Na sala, a gente mostra o nosso “material” (armas), ele conhece uma parte da equipe. Meia noite a gente vem com outra parte da equipe e o resto do material. Aí ele vê que a gente tem material pra fechar a cidade. Aí de madrugada, umas duas horas, a gente leva a família. Pro meio do mato ou uma casa abandonada, um lugar seguro, ou uma casa que moram duas ou três pessoas. Fala do que é que se trata. Diz que a família vai precisar ficar ali. Pede pra levar lençol, roupas, comida, coisas que as crianças gostam. Diz que vão ficar com agente 24 horas até conseguir o dinheiro. Às 9 horas abre a agência, o cofre, o gerente leva. Geralmente libera a família, tem uma pessoa encarregada de liberar 2 a 3 horas depois de conseguir o dinheiro, perto da divisa, é mais seguro, deixa num lugar onde pode pegar um carro. Mas agora tem ido alguém pegar com o gerente, porque teve gerente que mentiu o valor. Geralmente a gente só vai buscar quando o gerente se contradiz, diz que tem um valor, depois diz, não, o valor é esse, a gente fica atento no deslize dele, a gente não tá confiando, ele fica: não sei. Fica meio na dúvida. Quando agente sente que o valor é certo a gente deixa ele ir pegar, é mais seguro pra gente. (Marisa, 38 anos)

O relato acima mostra a atuação dos seqüestradores durante o que eles denominam o *sapatinho*, em que o bancário e familiares são mantidos em poder dos seqüestradores, como garantia de que o trabalhador consiga o dinheiro do banco para pagar o resgate.

Essa situação constitui um momento de tensão para os bancários e familiares, pela incerteza do que pode lhes acontecer e pela impossibilidade de esboçar qualquer reação, estando na condição de total vulnerabilidade. (PAES –MACHADO e NASCIMENTO, 2006).

Na entrevista a seguir, Carlos, 28 anos, pertencente a uma quadrilha especializada em roubos aos bancos, fala sobre os motivos que tornaram o seqüestro uma opção de investida mais segura:

Hoje pra invadir uma agência tem que ter mais homem, uns 10 a 20 homens, quando divide, dinheiro pouco, risco muito, cadeia grande, troca de tiro, não vai sobrar nada, é só prejuízo, o que é que acontece, pouco dinheiro, mesmo 2 milhões lá dentro. No caso, pegar o gerente fica bem mais fácil, gasta menos, menos gente. Não troca tiro. A gente diz pra pegar comida roupa. Leva todo mundo, não tem essa não. Agora diz pra levar as coisas, se não quiser pegar também, não pega. Leva pro mato. Não vai ficar mesmo um dia, dois, sempre é rápido, algumas horas só, tem que ser rápido. Antigamente a gente ia, mas agora não, porque tem risco né? De confronto com a policia, e aí a gente sai perdendo e eles ganham. Ele chega e pode ativar a policia, e aí ter tiro, não é bom pra gente (Carlos, 28 anos).

Ele compara o assalto e o seqüestro, e considera que o último é uma opção mais rentável e segura, pois envolve menos pessoas para dividir o dinheiro do roubo, evita a troca de tiros com a policia, resultando em economia de munição e armas e reduzindo as possibilidades de danos físicos graves.

Nesse sentido, as armas servem a dois propósitos: causam a intimidação dos bancários e familiares, potencializando a dramaturgia do crime e podem ser usadas na proteção dos seqüestradores, principalmente contra policiais durante situações inusitadas em que haja risco para os mesmos; dessa maneira, apesar do propósito inicial de não serem disparadas, as armas são mantidas em posição de uso diante de qualquer imprevisto, como o surgimento da polícia ou a tentativa do uso de arma por alguma vítima.

Na entrevista seguinte, Sérgio, 31 anos, comenta uma forma de gerenciamento de imprevistos, quando descreve o que faria caso a polícia interferisse no resgate do dinheiro:

No sapatinho tem que ser menos gente, não precisa muita não, agora tem que ser calmo, mais ainda.. com criança então, tem que ser quem gosta, eu mesmo acho complicado, não gosto quando tem criança de colo, ou pequena, leva tudo, explica o gerente e a família, é de noite que pega, passa a noite com ele.. aí de madrugada leva a família e quem tiver, de manhã ele vai pra agência e já tem um na fila, do lado de fora, ele vai, chama esse e sai com o dinheiro e com esse, porque se a policia chegar leva ele de escudo, aí depois solta a família.

O último relato constitui uma situação hipotética, em que o confronto com a polícia pode ser inevitável, e, para tanto, eles devem estar sempre preparados, e levanta a existência de preferências de manejo quanto à faixa etária das vítimas, que é relevante, pois a chance de estarem em contato com crianças é muito alta, dado que invadem a casa, à noite, horário em que toda a família está presente, dormindo. Nesses casos eles optam por restringir a exibição

das armas ao bancário, ou outros adultos, criando um clima de intimidação que aumenta o temor e o sentimento de responsabilidade do trabalhador em relação à segurança da família, em posse dos seqüestradores.(PAES - MACHADO e NASCIMENTO, 2006).

5.5.6 Guarda das Armas

Uma vez utilizadas as armas de fogo e encerrada a investida, feita a divisão de dinheiro, as armas são desmontadas, limpas e armazenadas em local seguro, de conhecimento do grupo, ficando à espera de uma nova oportunidade para o uso, conforme nos explica Sérgio, 31 anos, a seguir:

“Então todo assalto, no final as armas são desarmadas, limpas e guardadas, e a gente vê o que falta de munição. Não tem essa de um pegar e sair com um fuzil, levar pra casa. Fica num lugar guardado, se tiver um serviço pra fazer, tem que todos saber”.

Nesse relato ele nos mostra o risco a que estão submetidos e a importância de guardar as armas em local considerado seguro, de que todos tenham conhecimento, fato que revela a desconfiança permanente entre os integrantes do grupo.

Onde quer que se encontrem as armas, no cenário dos roubos aos bancos, pela natureza das lesões que podem provocar e pelas características inerentes às mesmas, como capacidade de longo alcance, rapidez de disparo, grande poder de destruição, elas representam uma fonte constante de perigo para todos, inclusive os assaltantes.

Elas ocupam uma posição ambivalente em relação aos perpetradores, pois ao mesmo tempo em que viabilizam o êxito da investida criminosa, quando usadas contra os alvos e as vítimas, os expõe a uma situação de risco entre eles, pois podem ser empregadas para alvejar integrantes do próprio grupo de criminosos, em resposta a situações de conflito.

Esse fato ajuda-nos a começar a pensar na vitimização fatal dos assaltantes, fenômeno que aponta para a questão da multiplicidade de interações e papéis sociais que ocorrem no cenário dos crimes, em especial dos roubos a bancos, quando eles podem migrar da condição de perpetrador à de vítima, em trocas de tiros com a policia, ou quando são mortos ou feridos por integrantes do grupo ao qual pertencem. Pela relevância do assunto e contribuição no conhecimento sobre o tema, será abordado posteriormente, em item especialmente destinado a esse fim.

O significado do uso de armas tendo em vista o universo predominantemente masculino do tipo de crime em questão, pode ser visto também como um reforço da masculinidade, referida na sensação de poder e fascínio que as armas exercem sobre os mesmos. Nesse sentido eles demonstram claramente a sensação de prazer e orgulho quando se referem às habilidades com armas, diferente das mulheres entrevistadas que reagiram às perguntas com vergonha ou de forma tímida, para revelaram que manejavam fuzis, e mais à vontade para falarem sobre o uso de armas menores, como pistolas e revólveres.

O emprego de armas de fogo tem diferentes funções a depender do tipo de investida criminosa que vai ser adotada, sendo que os tipos de armas utilizadas variam de acordo com o grau de especialização e organizações das quadrilhas.

6. ROUBOS A BANCOS E VITIMIZAÇÃO:

A vitimização, entendida como os danos causados às pessoas por situações de violência, que trataremos aqui, será a vitimização imediata ou primária, ocorrida no momento da interação entre vítimas e perpetradores.

A vitimização secundária, que resulta da interação entre a vítima e pessoas ou serviços de outra natureza, que são requeridos na atenção dispensada à assistência das mesmas, ao longo do tempo, como serviços de saúde, justiça, embora importantes para compreendermos o fenômeno da violência relacionada ao trabalho e suas repercussões sobre o trabalhador, não será abordada neste estudo.

Para compreender melhor esses efeitos da violência devemos identificar quais os espaços sociais envolvidos, e como eles são afetados por estes eventos. Segundo, lembrar que os crimes, tratados nesse estudo, são atividades desempenhadas em grupo, por assaltantes, via de regra, contra outros grupos, quer sejam grupos de moradores da cidade, de bancários, familiares do bancário, policiais, comerciantes e outros.

Terceiro, observar as possibilidades de interação dentro do percurso que caracteriza os roubos, tomando como interação chave desse estudo a que ocorre entre o assaltante (ou seqüestrador) e o bancário, considerando que as demais não poderão ser abordadas, em decorrência dos limites do presente estudo.

6.1 A ARTE DA VIOLÊNCIA NA INTERAÇÃO COM OS BANCÁRIOS

A experiência acumulada ao longo dos anos com integrantes dos grupos de assaltantes, examinando-os numa unidade prisional, e com os bancários, em um serviço de assistência à saúde dos mesmos, contribuiu para desenvolver uma estranheza que perdurou até a realização desse estudo, o qual veio responder a essa e outras indagações que a prática suscitava.

Uma delas, que é a interpretação dos assaltantes e seqüestradores de que sua atuação frente aos bancários era *sem violência*, as vítimas eram referidas por eles como sendo tratadas com extrema polidez e refinamento, com respeito, sob a justificativa de que o objetivo não era atingi-las, mas sim, obter o dinheiro do banco. Com respeito ao uso da violência, eles justificavam que tinham que fazer “algumas coisas” (uso de violência) para convencê-las de que estavam falando a verdade, mas que isso não passaria de embuste, algo mais teatral, visando mais ao convencimento, do que real.

Paralelo a isso, as vítimas referiam-se ao contato com os agressores como algo extremamente ameaçador, que lhes causava visível sofrimento, chegando a deixá-las em quadro acentuado de estresse agudo.

Essa incongruência de percepção sobre a violência utilizada durante os eventos despertou a curiosidade de como um mesmo fato poderia ter significados tão díspares.

Algumas hipóteses podem ser construídas para explicar essa diferença, como a mentira, a denegação ou neutralização (SYKES, MATZA, 1957) e, por fim, a exposição e internalização de diferentes graus de violência no cotidiano.

Primeiro, pode-se pensar que se trata, bem caracterizada por AQUINO (2005), de uma mentira deliberada, na tentativa de causar boa impressão e minimizar os estereótipos negativos que são atribuídos pela mídia e que trazem sérias complicações para os criminosos em seu enfrentamento com a justiça e opinião pública.

Segundo, que se trata de racionalização, ou seja, apesar de considerarem errados seus comportamentos, permanecem atuando da mesma maneira, porque constroem justificativas plausíveis para fazê-lo, que são reforçadas e compartilhadas pelo grupo de criminosos do qual fazem parte (SYKES, MATZA, 1957).

Terceiro, podem se tratar de referenciais diferenciados, em que os dois grupos, dos trabalhadores e assaltantes, estão expostos a níveis distintos de violência na sua vivência

cotidiana, em que o bancário, no dia a dia costuma lidar com pequenas ofensas no trabalho, reclamações de clientes e questões corriqueiras da vida de um trabalhador qualquer, limitando-se os casos mais graves de violência a eventos raros. Os roubos a bancos quebram essa rotina, tornando-se exceção na vida dos mesmos.

Em contraste com isso, o assaltante ou seqüestrador está permanente exposto a uma série de eventos violentos e precisam ser manejados a contento, muitas vezes através de respostas violentas. São, portanto, referenciais distintos, enquanto para o bancário a exposição aos assaltantes é uma excepcionalidade e atinge o nível máximo e intolerável de uma escala de violência, para o assaltante, que vive em um nível elevado de violência, a atuação frente aos bancários é branda, pois são evitados danos maiores como mortes e ferimentos por armas de fogo.

Outro fator é a diferença na repercussão da presença de armas de fogo para os dois grupos. Enquanto os bancários ficam chocados com as armas, das quais desconhecem o nome, tipo, porque não fazem parte da sua vida diária, estando fora do contexto deles, os criminosos mostram conhecimento apurado de armas e muitos demonstram verdadeiro fascínio por elas, chegando a ler, pesquisar, sobre avanços na área bélica e fazer gastos para obtê-las.

O domínio sobre o padrão de violência aplicado sobre a vítima e o ambiente, de modo a potencializar o resultado e causar o menor dano possível, podendo lançar mão de violência psicológica e/ou física é um dos elementos que diferenciam os assaltantes em profissionais, grupo que detém maior habilidade, diferente dos amadores, que podem utilizar a violência de forma indistinta e não aplicada ao contexto e necessidade, e desencadear sérios problemas para si mesmos e as vítimas.

6.2 A INTERAÇÃO COM OS BANCÁRIOS NO VAPOR E NO SAPATINHO

No *vapor* os assaltantes podem anunciar o assalto de forma frontal e direta, com armas em punho, destruindo paredes, divisórias e portas, atirando contra bens, criando um clima de terror; ou podem se aproximar dos bancários e demais trabalhadores disfarçados como clientes ou pessoas pedindo informações, após o que anunciam o assalto, mostrando as armas e os demais integrantes do grupo, que estão posicionados no interior da agência.

Essa aproximação e surpresa, que é intitulada *pegada*, é importante, pois se trata de dominar os indivíduos alvo, entre eles policiais, vigilantes e bancários, nessa ordem de importância, para, no caso dos dois primeiros, tomar as armas e impossibilitar qualquer tipo de resistência, e no caso do terceiro, o bancário, para que viabilize a abertura do cofre e a obtenção do dinheiro.

O conceito de *estigma*, que é uma condição que diferencia negativamente quem o possui, e aponta para a classificação social dos indivíduos em categorias onde são estabelecidos atributos comuns e incomuns para um determinado contexto (GOFFMAN, 1965), ajuda a compreender os efeitos do anúncio do assalto sobre os trabalhadores.

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social”- para usar um termo melhor do que “*status social*”, já que nele se incluem atributos como ‘honestidade’, da mesma forma, que atributos estruturais, como “ocupação”. (GOFFMAN, 1988, p.11-12).

Nesse sentido, podemos entender que a clivagem que ocorre durante a revelação de um assalto ou seqüestro, implica na criação de duas situações, uma diz respeito ao assaltante ou seqüestrador e a outra ao trabalhador bancário.

No caso do perpetrador, ele passa, para o olhar do trabalhador, da condição de cidadão comum, vestido e comportando-se dentro das normas estabelecidas pelo contexto, para a de um assaltante ou seqüestrador, quando além de anunciar o crime, mostra as armas escondidas sobre as roupas e revela detalhes sobre a vida do trabalhador, que é paralisado pela surpresa.

Para o bancário, que está dentro de seu contexto diário, a revelação, que implica na definição da situação projetada pelo perpetrador, representa a passagem para uma condição de subjugação, vulnerabilidade e obediência extremas.

Trata-se de uma habilidade camaleônica dos criminosos de antecipar-se ao ambiente e revelar uma condição escondida, que provoca grande impacto nos demais, paralisando-os e fazendo-os entrar em desespero.

No caso da invasão do domicílio, os seqüestradores utilizam a pressão psicológica, que pode durar horas, contra o bancário e familiares, mostrando as armas, que dão ênfase a seu poder de destruição e reforçam sua superioridade. Nesse contato, eles utilizam um jogo com o trabalhador, em que alguns do grupo assumem o papel de descontrolados e ávidos por morte, enquanto o outro, que passa a idéia de liderança, acalma e mantém os demais sob controle, criando uma tensão constante e a sensação de perigo eminente.

Por sua vez, os trabalhadores, como forma de protegerem-se, estabelecem um vínculo de confiança com o suposto líder, pois identificam nele maneiras mais cordatas e uma fonte de proteção e segurança, em relação aos demais.

Essa dinâmica, com forte apelo cênico, onde os papéis são bem definidos, é uma forma de criar uma atmosfera de medo e mostrar que, em caso de não cooperação, eles podem adotar atitudes mais agressivas, colocando sobre os trabalhadores a responsabilidade do desfecho. Um dos assaltantes entrevistados, Renato, 40 anos, fala sobre esta estratégia:

Vocês estão vendo aquele ali? Se eu deixar, ele faz miséria, mas eu não deixo. Vocês estão me achando bonzinho, né? Mas se não der certo, eu vou ter que voltar aqui e não vou ser nada bonzinho não? A gente fala assim, baixo, mas firme, e fica ali a noite toda na pressão psicológica.

O relato acima se refere ao uso da tortura psicológica e da ambivalência, deixando claro ao bancário que eles são capazes de coisas bem piores do que as que estão sendo realizadas ali. Trata-se do uso instrumental da violência, que caracteriza a atuação desses grupos de criminosos, constituindo um meio para lograr êxito nas investidas, diferentemente do uso expressivo da violência, que é a manifestação da agressividade descontrolada, impulsiva, destrutiva, sem explicações plausíveis no contexto (MENDO, RODRIGUES e MACÍAS, 2004. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd70/violen.htm>> acessado em 21/02/2007).

O *Sapatinho* permite ao trabalhador se reestruturar, após choque inicial, recobrar-se da surpresa e relembrar senhas ou montar uma forma adequada e insuspeita de transitar na agência, além dos familiares serem usados como elemento de pressão para obedecer aos comandos do grupo.

Para os bancários, a invasão do domicílio e o envolvimento de familiares constituem dano psicológico irreparável e superior ao causado pelo *vapor*, tendo em vista o contato próximo e ambivalente estabelecido na cena dentro da residência, em que os agressores torturam psicologicamente buscando intimidar as vítimas, causando no trabalhador a quebra da idéia de proteção atribuída ao lar e do papel de protetor da família, conferida aos provedores da casa, que se sentem culpados por estarem expondo seus entes queridos a esse drama, como se pudessem ter algum controle sobre esses eventos.

6.3 CIRCUITO AMPLIADO DE RISCO:

O conceito de “*circuito ampliado de risco*” consiste na inclusão de outros espaços sociais, além dos considerados espaços-chave, como a agência, nos assaltos e a residência do bancário, nas extorsões mediante seqüestro, e tem relação direta com as características da ação dos assaltantes que extrapolam os limites da agência ou da residência, envolvendo todo o percurso que eles realizam para chegar e sair da mesma, quando transitam dentro e fora da cidade.

Será detalhado a seguir e aplicado às duas modalidades de roubo de que trata esse estudo.

6.3.1 No *Vapor*

Embora o alvo seja o dinheiro existente na agência bancária, e esta, portanto, represente o lugar de maior risco, sendo o palco principal onde a investida se processa, a ação não se restringe a ela, pois a mesma está localizada em uma rua de um bairro da cidade, portanto inserida dentro de um contexto social. Além disso, por questões de segurança, se instala em um lugar com vizinhança, evitando-se mantê-la em isolamento.

Por conta disso, a ação dos assaltantes envolve o trânsito em vários locais da cidade, que vão sendo dominados por eles, culminando com a concretização do assalto, que tem uma forte visibilidade pública, adquirindo a dimensão de um trágico espetáculo.

Antes do crime, eles percorrem as ruas para levantar informações relevantes para definir a estratégia adequada, e, muitas vezes, como visto, parte da quadrilha pode residir ou se instalar na cidade algum tempo antes da investida.

A ação no dia do assalto começa com a saída do local de apoio, em carros próprios para a investida, após o que transitam pelas ruas que dão acesso à agência, sendo que a chegada até esta envolve, geralmente, a praça da cidade, que tem outros imóveis e pessoas circulando, e onde já estão posicionados os assaltantes que dão cobertura à ação dos que vão para o interior da agência.

Outro momento importante cuja ação extrapola a agência é a fuga ou o “pinote”, que pode ser feita por muitas vias de escoamento que são previamente levantadas ou modificadas durante o assalto e onde podem ser tomadas pessoas como reféns.

Essas fases, abordadas em momentos anteriores foram trazidas para ilustrar o trajeto percorrido pelos assaltantes durante a investida.

Nesse sentido, a dinâmica do assalto conduz a pensar nas situações imprevistas, como cruzamentos com policiais, ou carros que obstruam a passagem dos assaltantes e outros, o que configura uma situação de extremo perigo, além da visibilidade da presença de um grupo “suspeito”, gerando temor na população local.

Se, como visto em momento anterior, a modalidade do vapor é mais arriscada porque há troca de tiros com a polícia, então as chances de causar danos às pessoas e portanto, a vitimização, é ampliada, e não se restringe aos grupos que mantêm alguma vinculação com a instituição bancária.

6.3.2 No Sapatinho

Nessa modalidade a atuação tende a ser mais “silenciosa” que em relação ao assalto. As aspas foram utilizadas porque o adjetivo *silencioso* é colocado aqui em relação ao vapor, que é ostensivamente barulhento, porém a chegada dos seqüestradores na casa do bancário nem sempre se dá de forma silenciosa; eles podem derrubar portas, quebrar cadeados, na tentativa de retirar os obstáculos à invasão.

Como o objetivo é evitar confronto com a polícia, no sapatinho o deslocamento é mais discreto, despertando menos a atenção de transeuntes e realizados mais freqüentemente no início da noite, quando a circulação e exposição de espectadores é menor.

O risco inicial localiza-se em torno da residência do trabalhador, exceto nos casos em que um dos seqüestradores vai até a agência com o bancário, como forma de otimizar seu lucro e obter a quantia esperada, e no local corre o risco de algum imprevisto, como levantar suspeita, encontrar e ter confronto com policiais, caracterizando o *sapatinho* que vira *vapor*. Nesse último caso eles se mostram previdentes porque colocam pessoas que lhes dão cobertura, protegendo-os.

Apesar de toda intenção de discrição, a ida à agência consiste em um momento de extremo risco de tornar público um seqüestro em curso, transformando as imediações da agência ou o trajeto da casa do bancário, até a agência, em um palco de guerra.

Desta forma, fica evidente que os efeitos dos roubos se estendem além dos locais onde se dá a interação assaltante (ou seqüestrador) e bancário e pode afetar outras categorias que não as diretamente envolvidas com o banco, e a segurança deste, incluindo a população local, que sofre com esses eventos, pois está próxima e vulnerável aos mesmos (NASCIMENTO, 2002). No *Sapatinho*, a extensão do percurso realizado pelo trabalhador é maior que no *vapor*, pois ele sai da residência para a agência e desta para o local do resgate, enquanto no *vapor* ele é abordado na agência e pode sair com os assaltantes, como refém, dando cobertura aos mesmos na fuga.

O assalto e o seqüestro representam uma ação em grupo, em cadeia, num processo que provoca a destruição dos espaços sociais estabelecidos ao longo do tempo, cujo significado tem sentido dentro do contexto da cidade e da interação contínua entre as pessoas. Trata-se de uma ruptura abrupta e impositiva dos significados e funções dos lugares delimitados de uma cidade, cuja agência, ruas e casas passam em um breve lapso de tempo de locais de culto ao lazer, ao trabalho e à paz do lar, em zona de guerra, de onde podem se visualizar assaltantes ou seqüestradores com armas em punho, configurando uma cena trágica que se impõe pela força para atender às demandas de apenas um grupo.

Os conceitos de *casa* e *rua* desenvolvidos por DaMatta (1977) nos ajudam a compreender os efeitos de uma ação desse tipo sobre as pessoas que fazem parte dos locais onde ocorrem esses eventos:

Quando digo então que “casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados. (DAMATTA, 1997, p.15).

O autor fala sobre a demarcação dos espaços sociais, que não se resumem a meras delimitações físicas, mas são carregados de significados, constituídos a partir dos contrastes e

diferenças, em que a *casa* é concebida como um espaço privativo, associado à família e à idéia da tranquilidade do lar, da intimidade das pessoas, dos afetos, enquanto a *rua* é de domínio do povo, submetida a uma ordem diferente do lar, caracterizando-se como um local perigoso.

Fazendo uma alusão a essas duas instâncias, podemos pensar que o seqüestro e o assalto consistem numa invasão da casa (quer seja o local de trabalho, a residência do trabalhador, a cidade onde se reside, como uma casa no sentido afetivo da palavra) pela rua e pela desordem, ou uma ordem unilateral, instituída no momento pelo grupo de perpetradores, descaracterizando as funções para que foram criados e demarcados esses lugares, instalando, outra cena, inusitada, recém construída, propositada e meticulosamente pensada para atender ao desejo de apenas um grupo.

Além disso, ao desmontar o cenário original, são desarticuladas as identidades (quer seja de trabalhador, funcionário, quando é realizado o *vapor* ou de pai, chefe de família, quando a estratégia é o *sapatinho*) que são construídas numa relação imbricada com o cenário e os demais papéis que lhes dão sustentação.

Giddens (2005) e Goffman (1985), ao estudarem as interações sociais normais, cotidianas, referem a importância das mesmas na construção da realidade social, onde os indivíduos atuam dentro de padrões previamente definidos, no desempenho de papéis sociais, que podem ser modificados, adaptados ou manejados de acordo com a impressão que desejam causar nos outros e no ambiente que os cercam.

Contrariamente, a interação discutida nesse estudo não faz parte das interações rotineiras que compõem o dia a dia do trabalhador, e se caracteriza pela imposição de uma definição, ou melhor, pela subjugação de uma ou mais categorias, para atender aos comandos da outra, sem possibilidade de entendimento prévio, ou negociação.

Um fator importante para que a interação aconteça reside no fato do perpetrador conseguir se aproximar do alvo e dos bancários que viabilizarão a investida criminosa.

Para entender esse movimento que se realiza em direção ao trabalhador, podem ser utilizados os conceitos desenvolvidos por Goffman (1988) de *desacreditável e desacreditado*, sendo que o primeiro se caracteriza quando o estigma não é visível nem foi revelado aos outros, enquanto, *o desacreditado* é aquele cujo estigma é conhecido pelos demais. Na aproximação em questão, os assaltantes se utilizam de diversos recursos, entre eles a mimetização intencional de uma interação social corriqueira, normal, adequada ao ambiente, que não levanta suspeitas, como foi descrito em outros capítulos, passando-se por casais de namorados, clientes do banco, ou pessoas conhecidas da gerência, portanto *desacreditáveis*,

migrando para a condição de *desacreditados*, quando revelam a verdadeira condição, de perpetradores.

Nesse sentido, o recurso de se instalarem no lugar algum tempo antes da investida e conhecerem o modo de interação dos moradores da cidade e as características do alvo, constitui uma forma de viabilizar a ocultação do estigma.

Outras formas de potencializar a impressão é o uso de armas e a utilização de maneiras agressivas, como a adoção de um alto padrão vocal, com gritos e xingamentos que podem ser complementados por agressões físicas e destruição de objetos e bens, e caracterizam um reforço da imagem e impressão de poder e controle absoluto da situação, visando fazer valer suas definições. (GIDDENS, 2005 ;GOFFMAN,1985)

Essa interação pega o trabalhador de surpresa, sem nenhuma preparação prévia para realizá-la, que pode levá-lo a reagir de formas inusitadas como sair correndo, agarrar-se aos criminosos; porém via de regra o deixa paralisado e sem ação inicial, como relata Osvaldo, 42, bancário, com história de sucessivas vitimizações:

Era dia calmo e de pouco movimento na cidade, em questão de minutos a agência foi invadida por diversos bandidos armados de metralhadoras, fuzis e escopetas, altamente irados e ferozes, drogados, gritando: Entreguem o dinheiro que vamos matar todos os funcionários e clientes. Entramos em total desespero, pois não podíamos correr, as portas dos fundos estavam fechadas. Os guardas foram rendidos e o supervisor da tesouraria e outros colegas entraram na cozinha da agência, colocando a geladeira atrás da porta. Os ladrões ficaram muito irritados e me pegaram, me confundindo com o gerente da agência, colocaram uma escopeta no meu ouvido e uma metralhadora no outro ouvido. Eles gritavam: “mata esse vagabundo, que ele não quer entregar a chave pra gente levar o dinheiro!”, então o ladrão drogado dizia: “entregue a chave porque já vou lhe matar antes que a polícia chegue! Deitada do meu lado estava a colega, segurada por dois outros ladrões com armas no seu ouvido. O tempo foi passando e já completava uns 18 minutos, os ladrões totalmente irritados tomaram as armas dos guardas e disseram: vamos matar todos vocês até ver se esse gerente vai entregar a chave ou vai morrer!!! E um deles gritava: mata!! A colega sentiu que eles iam me matar e eu já estva totalmente consciente da minha morte, que seria em questão de segundos. Ela se mexeu, nos braços dos dois ladrões e eles disseram : fique quieta senão lhe mato! E ela disse: vocês vão matar o colega por uma chave que ele não tem. Ele não é o gerente. Ela chamou o gerente e disse: venha trazer a chave, senão vão matar o colega. Os ladrões invadiram a cozinha e trouxeram o gerente batendo muito nele, tomaram as chaves e entraram na tesouraria para levar o dinheiro. Eu não conseguia mais coordenar meu pensamento, me sentia num mundo claro e vazio. Então dispararam 5 tiros dentro da agencia, eu não vi mais nada, só me lembro que eu via parentes que já morreram, meus avos, meus tios e outros amigos desencarnados. Naquele momento eu estava fazendo uma viagem muito longa por um lugar desconhecido, um lugar longe, com muito silêncio e me lembro que eu chamei pelo meu pai celestial: Jesus me socorre, estou num lugar distante, preciso da tua ajuda, me leva perto de meus filhos, será que ainda existo ou estou em outro mundo. Aí os colegas me acordaram e disseram: acorda, os ladrões já levaram o dinheiro e forma embora. E isso foi só o primeiro assalto.

Através deste relato podemos nos aproximar da diferença de interpretação da violência para os dois grupos, assim como das reações desestruturadas manifestadas pelos bancários, que são rendidos pela surpresa.

Em contraste com isso, os criminosos têm um estudo anterior do lugar e das possibilidades de interação e manejo que terão que fazer, ao modo de um esboço de script que os guiará durante o evento.

Realizar tal empreitada requer dos criminosos a habilidade para lidar com as tensões próprias e alheias e com as reações inesperadas dos subjugados, além de ser imperativo o uso racional, seguindo a lógica do risco e benefício, da violência, para que esta não ultrapasse o objetivo para que está sendo empregada e resulte em problemas adicionais ou indesejáveis para os criminosos. Tal estratégia assemelha-se a um jogo, que deve gerar ambivalência nas vítimas, em que a violência é dosada a depender da situação que se apresenta, sempre no intuito de fazer prevalecer os objetivos do grupo de criminosos.

À essa capacidade de manipular consciente, voluntária e adequadamente a violência, em situações de extremo risco como os roubos, que denominamos, anteriormente, como a arte da violência.

6.4 A VITIMIZAÇÃO DOS ASSALTANTES/ SEQÜESTRADORES:

A elevada proporção de mortes no grupo dos assaltantes e seqüestradores foi abordada por Nascimento (2002), quando esta fez o levantamento de óbitos nos assaltos, registrados na mídia impressa no período entre 1999 e 2002, em que os criminosos ocupam o primeiro lugar, seguidos pelos policiais, vigilantes e transeuntes, sendo as ocorrências letais com bancários extremamente raras, restrita a casos isolados.

A desproporção da vitimização fatal no grupo dos assaltantes ou seqüestradores em relação aos demais se tornou uma incógnita, visto que a superioridade bélica e numérica dos criminosos é um fato que foi referido em diversos momentos deste estudo.

Tal fato reflete-se em todas as entrevistas realizadas durante o presente estudo, em que a vitimização fatal dos assaltantes não só é freqüentemente referida, como aceita, enquanto fato normal. É inconteste e natural, enquanto forma adotada para conter os sujeitos ativos dos roubos, no discurso dos entrevistados, que eles sejam alvejados por balas, ainda que isso não represente segurança para as vítimas, que diante das mortes afirmam:

“Não adianta matar porque a gente sabe que vem outros isso não acaba, porque é fácil demais pra eles, os que ficam formam outras quadrilhas” (Caio, bancário, 42 anos).

Para os assaltantes, a morte ou os ferimentos graves fazem parte dos riscos da investida, e são manejados dentro dos demais riscos.

Embora aparentemente paradoxal o perpetrador vir a ser vítima, essa mudança de posição é plausível, levando-se em conta o conceito de vítima, enquanto aquele que sofre qualquer tipo de violência física ou moral (AULETE, 2004, p. 817).

Nesse sentido, o conceito de *Circuito Ampliado de Risco*, possibilita entender como, na dinâmica das interações do trajeto em que são realizados os crimes, os criminosos podem vir a encarnar a posição de vítimas, quando sofrem danos (HUGGINS, 2006).

Algumas situações foram identificadas como potencialmente vitimizadoras dos criminosos. Uma delas é o confronto com policiais ou seguranças de banco, quando podem sofrer lesões por armas de fogo, de intensidade variável de gravidade, podendo chegar até a morte.

Uma explicação possível que foi fornecida por entrevistados de todos os grupos, reside na diferença de atuação entre os bandidos e os policiais, será apresentada a seguir, através da

fala de um entrevistado que faz parte do serviço de acompanhamento das ocorrências do banco:

“A policia, a sra sabe, eles atiram pra matar. Eles agem muitas vezes para ficar com o dinheiro”.

Esse relato demonstra que a lógica do uso de armas é distinta para os dois grupos. Enquanto os criminosos fazem uso racional e instrumental da violência, a polícia os alveja como forma de interromper a ação criminosa em curso, ou de retirar alguma vantagem pessoal.

Outra fonte potencial de vitimização e danos fatais é a exposição continuada aos próprios integrantes do grupo de criminosos, cujo estilo de vida implica num circuito de alta violência, como forma de manter o poder e a liderança dentro dos grupos, em que as situações de rivalidade e cobiça por dinheiro, armas, e acertos não cumpridos, podem levar a disputas internas, expondo-os a graves riscos.

Apesar de não dispormos de dados para comparar a mortalidade nos roubos aos bancos com outros tipos de crimes, no caso da vitimização dos perpetradores, a naturalização e aceitação da morte dos assaltantes, chamam a atenção para as formas de enfrentamento dos problemas graves que envolvem grupos considerados desviantes na sociedade brasileira.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo abordou um tema de relevância para a sociedade brasileira, e em especial para a classe dos trabalhadores bancários, os roubos a bancos, utilizando como referencial inicial o conhecimento sobre a violência relacionada ao trabalho, e os diferentes aspectos que compõem a construção da identidade do trabalhador nesse campo.

Para apreender a dinâmica dos grupos que atuam nesses delitos, e os riscos para os envolvidos, foram adicionados os saberes sobre criminologia e vitimologia.

Estudar o crime em sua totalidade é uma tarefa difícil porque envolve fatores subjetivos, como a percepção de cada indivíduo, e objetivos, como os danos materiais. Implica na dificuldade de obter informações mais precisas, tendo que recorrer a diversas fontes e cruzá-las na tentativa de construir um retrato mais próximo da realidade.

Os bancos são alvos de criminosos com diferentes tipos de agrupamentos; Segundo a classificação proposta por Matthews (2002) podem ser constituídos por amadores, intermediários e profissionais

Os amadores são motivados por necessidades imediatas; têm planejamento precário e pouco controle das tensões durante evento, o que implica em risco elevado à integridade física do bancário, pelo manejo inadequado do uso das armas de fogo e, embora seja raro, podem agir isoladamente, invadindo a agência e tomando-a de assalto.

Os considerados intermediários (MATTHEWS, 2002) exibem nível mais apurado de gerenciamento de risco e tensões, que os amadores, porém não se restringem a uma atividade criminosa, como os profissionais.

Apesar da diversidade de arranjos, a atividade dirigida aos bancos está concentrada em grupos denominados de assaltantes profissionais (MATTHEWS, 2002), que se especializam em uma determinada atividade criminosa, demonstram grande capacidade de gerenciar riscos e tensões e conseguem aperfeiçoar a ação e otimizar a relação custo-benefício.

Esses grupos, que se especializam em roubos a bancos, integram o crime organizado, de acordo com os critérios adotados por Silva (2003): acumulação de poder econômico, pelo montante de dinheiro livre que circula nas operações, alto poder de corrupção, que pode ser direcionado aos integrantes do corpo funcional do Estado, necessidade de legalizar o lucro

obtido ilicitamente, através da lavagem de dinheiro, e alto poder de intimidação, fazendo prevalecer a lei do silêncio, conferindo proteção aos integrantes e as conexões locais e internacionais, e podem estar associadas ao tráfico de drogas e armas.

No nível local, contam com a participação de indivíduos da força policial, assim como com pessoas inseridas na comunidade, cujo patrimônio é constituído, ou foi ampliado, em decorrência do envolvimento com os roubos e que permanecem invisíveis nos processos criminais, o que permite continuar fomentando a prática desses crimes.

Apesar da superioridade numérica dos homens, as mulheres ocupam posição importante, pois podem fazer atividades de suporte, como as relacionadas ao trabalho doméstico, guarda e transporte de armas, e, progressivamente, participando diretamente nas investidas, nos confrontos. Esse aspecto é relevante e pode ajudar a compreender melhor as possíveis relações entre as questões de gênero e criminalidade.

No estudo, verificou-se que o conceito de democratização do crime, estabelecido por Matthews (2002), não se aplica a todos os grupos, visto que, apesar dos roubos a bancos serem realizados por diversos tipos de grupos de criminosos, a concentração nos grupos dos profissionais e o refinamento das estratégias adotadas, evidenciam a tendência a uma elitização de alguns crimes, não restringindo sua execução apenas ao uso de armas.

As formas de roubos identificadas nesse estudo foram o assalto, denominado *Vapor*, que se caracteriza pela invasão da agência, e o *Sapatinho*, que é a tomada do gerente e familiares como garantia, constituindo, portanto, uma estratégia adaptativa, pois evita o risco de confronto com a polícia e suas perdas, e demonstra a capacidade de articulação, organização e gerenciamento de risco desses grupos.

O uso instrumental da violência, por alguns grupos, é um artifício que se mostra eficaz e consiste na modulação do uso da agressividade frente às vítimas, para potencializar a vulnerabilidade destas e reduzir a probabilidade de utilização efetiva de armas, e enfraquecer a comoção pública e suas conseqüências contra os agressores.

O saber sobre a interação entre o trabalhador e o perpetrador auxilia no entendimento dos efeitos da violência, e na construção de intervenções em saúde.

Enquanto o agressor tem um papel pré-definido, construído a partir de uma série de preparações, o bancário é paralisado pela surpresa e ausência de entendimento prévio, e lançado em um vazio interacional, ficando restrito a uma reação reflexa; tende à desestruturação, conseguindo, muito precariamente, seguir um roteiro que lhes é atribuído pelos perpetradores, que se resume a um fragmento de papel, para atender às demandas dos mesmos (GOFFMAN, 1998, 1995).

O sentimento de ambivalência produzido nas vítimas é conseguido pela alternância do desempenho de papéis, em que um dos assaltantes ocupa o lugar de calmo, ponderado, e outro de descontrolado e cruel, provocando nas vítimas temor e busca de proteção e, em alguns casos, admiração pelos agressores.

Outro ponto importante é a vulnerabilidade dos trabalhadores que ocupam cargos de tesouraria, gerência e outros, que detém o segredo do cofre e chaves que dão acesso direto ao numerário da agência, pois são as vítimas preferenciais dos assaltantes, e relatam sensação permanente de medo e ansiedade antecipatórios, presentes antes do evento ter se concretizado.

O conceito de vitimização adotado ajuda a pensar o fenômeno de forma ampliada, e observar as respostas da polícia no enfrentamento do problema; a fluidez do lugar de vítima e de agressor (HUGGINS, 2006), em que, num trajeto com tantas possibilidades e riscos, o lugar da vítima e do perpetrador pode ser ocupado pelo perpetrador, quando é vitimizado pela polícia, ou pelos próprios integrantes das quadrilhas, não ficando restrito ao grupo dos bancários e policiais.

Apesar dos riscos, o estudo de NASCIMENTO e PAES MACHADO (2006) aponta para a tendência de manutenção das investidas criminosas contra os bancos, e levantam algumas possíveis causas:

Afora a debilidade do sistema legal, jurídico e policial, a segurança dos bancos brasileiros é minada por outros fatores, como a disponibilidade de grandes volumes de dinheiro nas agências. Em contraste com os bancos daqueles países (Canadá, Estados Unidos e Reino Unido), que vêm, nas últimas duas décadas, implementando medidas fundadas na redução do numerário disponível e elevação dos gastos com novas tecnologias de segurança, os bancos brasileiros não tem revelado a mesma preocupação.” (NASCIMENTO e PAES MACHADO, 2006, p.218)

Os autores abordam a necessidade de buscar continuamente medidas de segurança eficazes, e fornecem exemplos de intervenções bem sucedidas em alguns países, como a redução do numerário na agência, que é causada pelo uso crescente de transações na internet e redução da utilização de bancos e terminais.

No Brasil essa substituição completa não vem sendo conseguida, mas pode ser estimulada, como já vem sendo feito através da utilização de outros meios, como cartões de débito e de crédito, que reduzem a circulação de dinheiro.

Outra intervenção seria a distribuição de pagamentos em maior número de dias do mês, o que reduziria a concentração de numerário, e provavelmente tornaria as investidas menos lucrativas, e menos atraentes.

NASCIMENTO e PAES MACHADO (2006) abordam a responsabilidade das instituições bancárias de evitar os eventos, quando se trata de um problema de segurança

pública, cuja parceria entre o sistema de serviços de segurança e a instituição privada, provavelmente obterá melhores resultados.

Esta crítica pode se dever ao fato de envolver instituições com alta lucratividade, e pouco investimento aparente em segurança, restringindo-se às medidas obrigatórias, que se mostram notadamente ineficazes na redução desses crimes.

Trata-se de um problema de graves proporções e repercussões que vem afetando a sociedade brasileira, em especial a classe de trabalhadores bancários, e as demais pessoas residentes nos locais onde os eventos acontecem, e cujas formas de enfrentamento devem ser continuamente pensadas envolvendo diversos segmentos da sociedade.

Tais medidas devem buscar reduzir a atratividade das agências bancárias; promover a identificação precoce dos autores dos delitos; reforçar os acordos entre o poder público e a instituição bancária, relativos às condições de segurança das agências da localidade.

O conhecimento sobre as questões envolvidas nesses crimes aponta ainda para a importância do acolhimento do trabalhador, logo após o evento, tendo em vista que se encontra em situação traumática grave e necessita de cuidados específicos; tais efeitos atingem a família e demais integrantes da rede social.

Diante do exposto, devem ser incentivados estudos e iniciativas que promovam a ampliação do conhecimento sobre um problema que diz respeito à responsabilidade social dessas instituições e ao Sistema de Serviços de Segurança Pública do Brasil.

8. REFERÊNCIAS

AMORIM, C. **PCC: a irmandade do crime**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

AQUINO, P.D.A. **Mundo do crime e racionalidade**: os assaltos contra instituições financeiras. Fortaleza, 2006, 119p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

AULETE, C. **Minidicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

BARCELLOS, C. **Abusado**: O Dono do Morro Dona Marta. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BAUMER, T. L. & CARRINGTON, M. D. **The Robbery of Financial Institutions**: Executive Summary. National Institute of Justice/U.S. Department of Justice, 1986.

BEATO F., Cláudio; PEIXOTO, Betânia Totino; ANDRADE, Mônica Viegas. Crime, oportunidade e vitimização. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 19, n. 55, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 24/02/2006

BERGER, P. e LUCKMANN, T. **A Construção social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1989.

BUCASIO, Erika et al. Transtorno de estresse pós-traumático como acidente de trabalho em um bancário. **Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul**. Porto Alegre, v. 27, n. 1, 2005.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Segurança Pública-Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública - Estatísticas Criminais - 2001-2003, disponível em <<http://www.mj.gov.br>> Acessado em: 23/ 10/2005

CAMPOS, P.J. **Assaltos a bancos**: saúde mental- um outro lado do sofrimento. Texto apresentado no Seminário de Psicologia e Política da UFMG e no Seminário Nacional de Saúde e Trabalho Bancário. Outubro (1995). Disponível em <http://www.bancariosbh.org.br/saude/sau_mental.htm> Acessado em:

CGSST - Chaire en Gestion de La Santé et de La Sécurité Du Travail. **Violence au travail**. Disponível em: <<http://cgsst.fsa.ulaval.ca/violence/p5.htm>>, acesso em 20.04.2006.

CONKLIN, J. E. **Robbery and the Criminal Justice System**. J. B. Lippincott Company, Philadelphia; New York; Toronto, 1972.

DaMATTA, R. **A Casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 163p.

DEJOURS, C. **A loucura do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 1992. 168p.

DESROCHES, F.J. **Behind the Bars: Experience in Crime**. Canadian Scholar's Press, 1996.

DIEESE. **Emprego Bancário no Brasil**. Informativo nº 1, abril de 2001. Disponível: <www.dieese.gov.br>. Acesso em: 02 julho 2006.

EINSTADTER, W. J. **Armed Robbery: A Career Study in Perspective**. Berkeley, 1966. Tese de doutorado da Universidade da Califórnia.

FALEIROS, V.P. A Questão da Violência (Conferência). In: **IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social e Política Social**, Brasília, 1998,7 Dez. Disponível em: <<http://www.faleiros.com.br/textos/violencia.doc>> acessado em 23.06.2005.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DOS BANCOS – FEBRABAN. **Bancarização**. Disponível em <http://www.febraban.org.br/Arquivo/Servicos/Dadosdosetor/2006/item02.asp>, acessado em 22.08.2006

FRANÇA, A.; SANTOS, C. e RUBINO, P. **Violência no trabalho e sofrimento mental**. Salvador: UFBA, 1998.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985, 233p.

_____. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan , 1998.

HUGGINS, M. K. et al. **Operários da Violência: policiais torturadores e assassinos reconstróem as atrocidades brasileiras**. Brasília: Universidade de Brasília, 2006. 548 p.

JORNAL DOS BANCÁRIOS. **Segurança Bancária**. Disponível em <http://www.bancariosbahia.org.br/conteudo.php?ID=2369&QID=1> acessado em 15/11/2006

KRICHNER, L.R. **Robbing banks: an American History 1931-1999**. Sarpedon, Rockville Centre, NY, 2000.

LAVILLE, C; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas. 1999.

LEATHER, P. et al. Violence and work: introduction and overview. In: _____. *Work-related violence: assessment and intervention*. New York : Routledge, 1999.

LETKEMANN, P. Overt Crimes (Victim Confrontation). In: **Crime as Work**. New Jersey: Spectrum Book, 1973. 182 p.

MATTHEWS, R. Victims of Robbery. In: **Armed Robbery**. Portland, Oregon, USA. William publishing, 2002.

MINAYO, M.C.S. & SOUZA, E.R. *O Desafio do Conhecimento- Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 7ª Edição. Hucitec- Abrasco. São Paulo -Rio de janeiro, 2000.

MINAYO, M.C.S. A Violência Social sob a perspectiva da Saúde Pública, Brasil. In: **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 10(supl. 1): 07-18, 1994.

MIRABETE, J.F. Do Roubo e da Extorsão. In: **Manual de Direito Penal**. São Paulo: Atlas S.A., 2002, p. 235-251.

NASCIMENTO, A. M. D. N. **Sob a mira do Crime**: Vitimização, saúde e identidade entre os bancários na Bahia. Salvador, 2003, 142f. Dissertação(Mestrado em Saúde Coletiva) Universidade Federal da Bahia, Instituto de Saúde Coletiva, Salvador, 2003.

NIOSH - National Institute for Occupational Safety and Health. **Violence in the workplace**: risk factors and prevention strategies. Washington, DC: NIOSH, 1996. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=5061>>. Acesso em: 22.02.2006

NORMANDEAU, A.; PINSONNEAULT, P. Le vol a main armée à Montréal: le voleurs parlent, les victms se prononcent. Rapport final n° 5. Universite de Montreal/Centre International de Criminologie Comparée. Março, 1985. Montréal, CA.

SYKES, M. G. e MATZA, D., **Techniques of neutralization**. In: CULLEN, F.T. & AGNEW, R., **Criminological theory: past to present: essential readings**. 2a ed..Los Angeles: Roxbury Publishing Company, 2003. p. 135-141

MENDO, A. H., RODRÍGUEZ, J. M., MACÍAS, M.I., **Debate conceptual abierto: violencia y deporte**, disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd70/violen.htm>> Acesso em 28/02/2006

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. OMS –Genebra. 2002 (capítulos 1, 8 e 9).

PAES-MACHADO, E. & LEVENSTEIN, C. **No espaço perigoso dos ônibus**: trabalho, criminalidade e insegurança no sistema de transporte de Salvador, Brasil. In: *Delito y Sociedad: Revista de Ciências Sociales*. Ano 10. nº 15 -16, Buenos Aires, 2001.

_____. Quando a violência chega ao local de trabalho: criminalidade violenta e vitimização no transporte coletivo. In: Oliveira, N. Ribeiro (organ.). **A Outra Face da Moeda**: violência na Bahia. Salvador: Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador, 2000.

PAES-MACHADO, E. e NASCIMENTO, A. M. Vítimas à deriva: processos sociais de vitimização de bancários por assaltos e seqüestros. **Caderno CRH**, Salvador, v. 19, n.47, p. 215-232, Maio/agosto 2006.

_____. **Os empregados de banco vão ao inferno**: vitimização de empregados de bancos por crimes violentos. Capítulo Criminológico, 2007 (no prelo)

ROCK, P. Becoming a victim. In: HOYLE, Carolyn e YOUNG, Richard (eds.). **New vision of crime victims**.: Oxford and Portland : Hart Publishing , 2002.

SANTOS J. E.A.; DIAS, E.C. violência no Trabalho: uma Revisão da Literatura, Brasil. In: **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**. Belo Horizonte, Vol. 2, n. 1, p.36-54. Jan/Mar. 2004.

SELIGMANN, E. S. **Desgaste Mental no Trabalho Dominado**. Rio de Janeiro: Cortez, 1994.

SILVA, E. A. da. **Crime Organizado**: procedimento probatório. São Paulo: Atlas, 2003.

TEIXEIRA, A. e LIMA, A. **Qual o limite para os bancos?** Disponível em http://www.terra.com.br/istoedinheiro/390/financas/limites_bancos.htm acessado em 06 de dezembro de 2006

VARELA, D. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VASCONCELOS, I. F. G. E CRUBELLATE, J. M. A (*Des*) Construção Social da identidade: Mudanças no Trabalho e suas Implicações para a identidade do “Trabalhador Reflexivo”. 2003, Disponível em <www.fgvsp.br/iberoamerican/papers.br> acesso em 25/04/2005.

VOLKOV, V. *Violent entrepreneurs: The use of force in the making of Russian Capitalism*. Ithaca and London: Cornell University Press, 2002.

WRIGHT R. T. & DECKER S.H. **Armed Robbers in Action**: stickups and street culture. Boston, 1997.

ZALUAR, A. **A Máquina e a Revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZEDNER L. Victims. In: MAGNIRE M; MORGAN, R.; KEINER, R.(ed). In: *The Oxford handbook of Criminology*. Oxford: Clarendon Press, 1994.

ANEXOS

Quadro 1. Entrevista com os assaltantes: Tópicos principais

- 1. Identificação**
- 2. História de envolvimento com outros crimes**
- 3. Organização**
- 4. Motivação**
- 5. Critérios para escolha dos parceiros**
- 6. Liderança**
- 7. Planejamento**
- 8. Seleção do alvo**
- 9. Atuação durante o evento**
- 10. Interação com as vítimas**
- 11. Uso de armas**
- 12. Fuga**
- 13. Divisão de dinheiro**
- 14. Fracassos ou desistências**
- 15. Mortes durante os assaltos**

Quadro 2. Entrevista para os bancários: Tópicos principais

1. Identificação
2. Número de ocorrências
3. Descrição do encontro com os assaltantes em cada modalidade
4. Formas de violência empregada pelos assaltantes
5. Reação na hora do anúncio do assalto e comportamento durante este
6. Diferenças dos efeitos de cada modalidade sobre o bancário
7. Tipo de quadrilha
8. Armas utilizadas e impacto dessas sobre os bancários
9. Uso de drogas pelos assaltantes
10. Você acha que a polícia está envolvida nos assaltos a bancos? De que forma?
11. Como você acha que os assaltantes conseguem agir nas cidades de interior, sem serem identificados?
12. Como você vê os assaltos a bancos durante o tempo em que você acompanha? Eles mudaram?
13. Quais as modalidades de roubo a banco que você conhece?
14. Você acha que o seqüestro é um avanço? Porque?
15. O que você acha que é pior para o bancário: ser seqüestrado ou ser assaltado? Porque?
16. Quais as medidas de segurança que o banco toma para evitar os assaltos?
17. O que o banco leva em conta, em termos de segurança, para abrir uma agência no interior (policia /hab, renda /habitante, custo de instalação /previsão de lucro)
18. O que você pensa sobre as mortes que ocorrem nos assaltos, quem morre mais e o que você acha disso?

Quadro 3. Roteiro de entrevista para os funcionários do serviço de acompanhamento dos roubos aos bancos e para o delegado de polícia:

19. Você pode traçar um perfil do assaltante de banco?
20. Diante do que você já viu, porque as pessoas passam a cometer assaltos?
21. Que idade começam? Qual o mais novo e mais velho, que você já viu?
22. Como você classifica as quadrilhas que assaltam bancos?
23. Quais as formas de organização que você já viu?
24. Você acha que o tipo de organização interfere na forma de atuação durante os assaltos? E que isso também reflete o risco do bancário de ter uma lesão mais grave?
25. O que você acha que as quadrilhas levam em conta para escolher uma agência?
26. Como é a liderança nelas? E quando um líder é preso ou morre, como ele é substituído?
27. E a divisão de tarefas, como é?
28. Você já soube ou viu mulheres nas quadrilhas? Qual foi a participação delas? E dos idosos?
29. Quais as armas que eles mais usam e como você acha que conseguem?
30. Você acha que a polícia está envolvida nos assaltos a bancos? De que forma?
31. Como você acha que os assaltantes conseguem agir nas cidades de interior, sem serem identificados?
32. Como você vê os assaltos a bancos durante o tempo em que você acompanha? Eles mudaram?
33. Quais as modalidades de roubo a banco que você conhece?
34. Você acha que o seqüestro é um avanço? Porque?
35. O que você acha que é pior para o bancário: ser seqüestrado ou ser assaltado? Porque?
36. Quais as medidas de segurança que o banco toma para evitar os assaltos?
37. O que o banco leva em conta, em termos de segurança, para abrir uma agência no interior (policial /hab, renda /habitante, custo de instalação /previsão de lucro)
38. O que você pensa sobre as mortes que ocorrem nos assaltos, quem morre mais e o que você acha disso?

Quadro 4. Termo de consentimento informado**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu, _____, declaro que fui devidamente informado sobre o estudo científico sobre assaltos aos bancos, desenvolvido por Ivete Maria Santos Oliveira, como parte do Mestrado no Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia.

Fui consultado se gostaria de participar do estudo, falando sobre o assunto, o que aceitei, sem ter sido, em momento algum, coagido ou obrigado a fazê-lo.

Fui informado de que os dados declarados por mim serão utilizados exclusivamente no âmbito do estudo, não sendo divulgado em qualquer outro meio que não seja acadêmico.

Tive a garantia de que minha identidade assim como o local a que estou vinculado, serão mantidos em sigilo absoluto.

Eu aceito () ou Eu não aceito () que a entrevista seja gravada.

Salvador, _____ de _____ de _____
